

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS 2018**
Nº 56 - JUL-SET



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



Nº 56

NATAL, JUL/SET - 2018

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições.

Arte da capa: Leopoldo Nelson

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.56
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 56, jul./set.2018.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

SUMÁRIO

AI

ARTIGOS E ENSAIOS..... 9

A JUSTIÇA EM SHAKESPEARE - Diogenes da Cunha Lima ..	11
MUSAS EM FESTA - Diva Cunha	13
O PROFESSOR EDGAR BARBOSA- Ivan Maciel de Andrade	20
“FRANCISCA” - Nelson Patriota	23
FACAS NA LITERATURA- David de Medeiros Leite.....	26
SETE CÂNTICOS DA ALDEIA PARA O DIA MUNDIAL DA POESIA - José de Castro.....	30
ALDO LOPES DE ARAÚJO: 38 ANOS DE LITERATURA Thiago Gonzaga	35
SABOREANDO A LEITURA DO “NATAL DE ZÉ ZUS” Padre João Medeiros Filho.....	45
A POÉTICA DO ENVELHECIMENTO NOS POEMAS “AUTORRETRATO”, DE SINHAZINHA WANDERLEY E “POEMA DO ENVELHECER”, DE MARIA EUGÊNIA MONTENEGRO - Denise Coutinho de Souza.....	48
MARIA DO SANTÍSSIMO: QUANDO A ARTE É IMANÊNCIA - Márcio de Lima Dantas.....	55
AS SETE FACES CÚBICAS DO SÁBADO - Jarbas Martins	57
CLÁSSICOS DA CANÇÃO POTIGUAR - Manoel Onofre Jr.	64
A BODEGA DO SEU RAIMUNDO GALDINO Benedito Vasconcelos Mendes	73
PADRE LUIZ MONTE “AURORA SEM CREPÚSCULO” Jurandyr Navarro.....	78
CATOLICISMO & CIÊNCIA: Análise inicial da trajetória do Cônego Luiz Monte - Bruna Rafaela de Lima Lopes.....	83

LIGEIROS PERFIS DAS VELHAS FIGURAS	
Valério Mesquita	97
NO CAMINHO DAS ACADEMIAS	
Carlos de Miranda Gomes.....	105
COISAS DA POLÍTICA - João Batista Machado	110
ENTREVISTAS COM PRÊMIOS NOBEL IV	113
GÜNTER GRASS A CONSCIÊNCIA CRÍTICA da NAÇÃO ALEMÃ - Antonio Nahud.....	115
CONTOS E CRÔNICAS	119
O PADRE E O LOBISOMEM - Iaperi Araújo.....	121
A MULHER ADVERSATIVA - Clauder Arcanjo	126
QUATRO MOÇAS E UM ANJO - Demétrio Diniz	129
O SENHOR HUMBOLDT MOSES E A PINÇA	
Johann Freire.....	133
PIÁ - Ana Claudia Trigueiro	137
MALALA, NÍSIA E MARY - Daladier Pessoa Cunha Lima.....	141
POEMAS	143
QUATRO POEMAS DE LÍVIO OLIVEIRA.....	145
VIDA NATALENSE	
Humberto Hermenegildo de Araújo.....	149
BERILO - Elder Heronildes	152
DEZ HAICAIS E UM CAPRICHPO POÉTICO	
Roberto Lima	153

DISCURSO..... 157

ONZE ANOS SEM DOM NIVALDO

Padre João Medeiros Filho.....159

NOVO ACADÊMICO 165

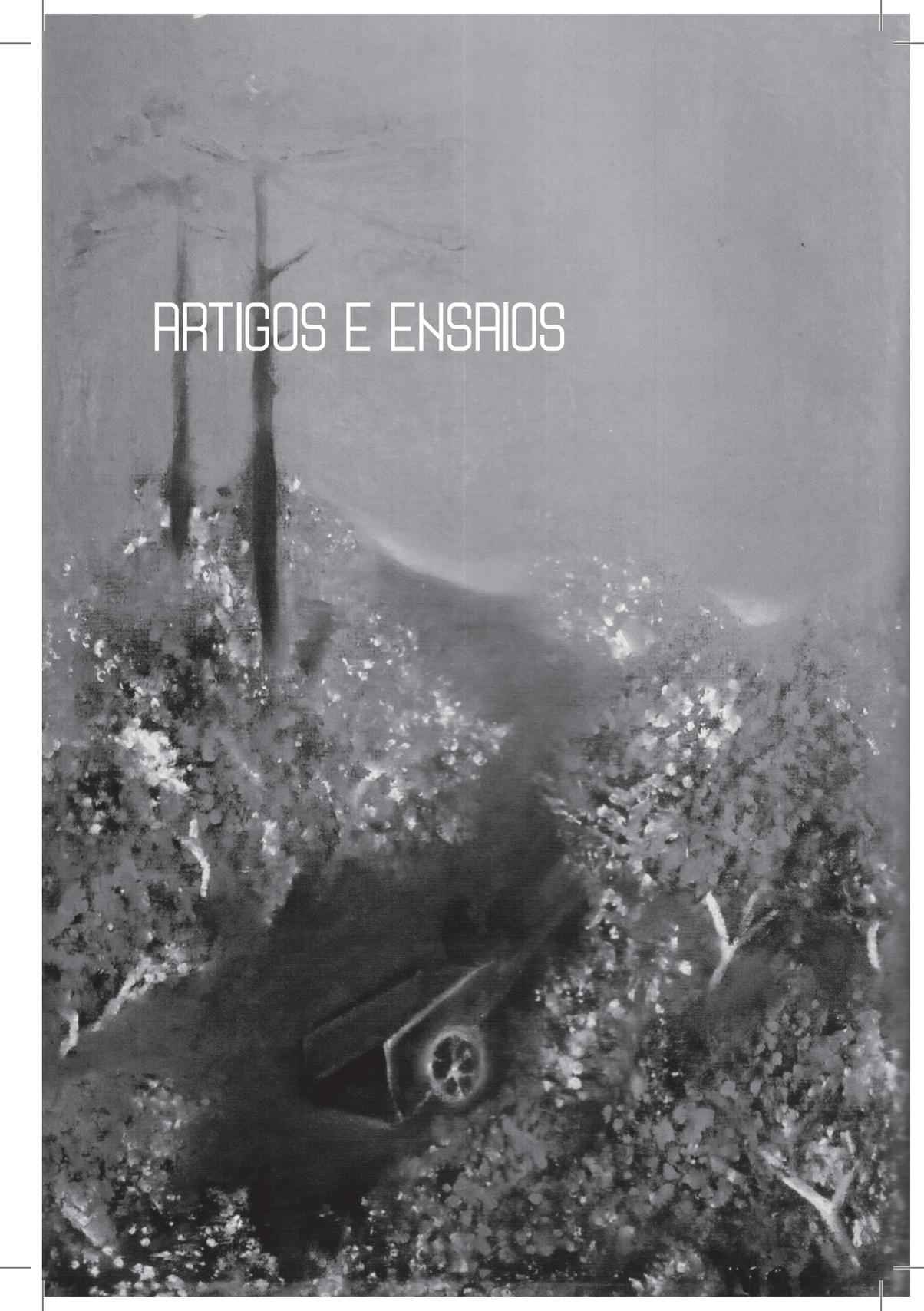
DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO LUIZ
ALBERTO GURGEL DE FARIA

Marcelo Navarro Ribeiro Dantas.....167

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO

Luiz Alberto Gurgel de Faria174



A black and white photograph of a car overturned in a forest. The car is lying on its side, with its wheels visible. The forest is dense with trees and foliage, and the scene is dimly lit, suggesting a night or dusk setting. The text "ARTIGOS E ENSAIOS" is overlaid on the upper part of the image.

ARTIGOS E ENSAIOS



A JUSTIÇA EM SHAKESPEARE

Diogenes da Cunha Lima

Quem só sabe Direito não sabe nem Direito, é brocardo consagrado. A frase inspirou os meus estudos. Tentei sempre transmitir o que senti aos meus alunos do curso de Direito da UFRN. A literatura, muitas vezes, denuncia mazelas sociais, sugere leis mais justas, antecipa o futuro. A Justiça tem sempre fundamentos éticos e estéticos.

Durante mais de 30 anos, eu buscava, nas aulas, estimular a leitura dos clássicos cujas obras perpassam ensinamentos jurídicos. Assim, nas várias disciplinas ministradas, demonstrava a contemporaneidade de autores canônicos, entre estes: Dostoiévski, Victor Hugo, Machado de Assis, Kafka e, sobretudo, Shakespeare (1564 – 1616).

O meu Mestre alumiou o caminho das letras e das conexões com as obras-mestras. Uma vez em que eu estava encantado com leituras freudianas, Câmara Cascudo me disse que Freud não fez mais do que transpor para a *ciência* o que era *arte* em Shakespeare. E que os princípios atuais do Direito estão registrados pelo “Bardo” há 400 anos.

Procurei entender e anotar as obras-primas, entre elas “O Mercador de Veneza” e “Medida por Medida”. No curso de Direito Civil, abordamos o contrato de empréstimo firmado por Shylock com Antônio, que estabelecia a garantia de pagar *uma libra de carne* do devedor pelo descumprimento. A dívida não foi paga em dia. Shylock, judeu, exige sua libra de carne perante o juízo. Argumentou que abalaria a segurança jurídica de Veneza se o contrato não fosse integralmente cumprido. O julgamento foi feito por Pórcia, disfarçada como juiz, que atendeu ao pedido do autor autorizando que cortasse a carne do devedor insolvente. No mesmo ato, a julgadora advertiu ao credor que quem derramasse uma gota de sangue de um cidadão de Veneza seria condenado à pena de morte.

Baseado no axioma romano *pacta sunt servanda* que levaria à interpretação literal, mas *summum jus, summa injúria* dá compreensão teleológica, sistêmica, social. A “juíza” não aceitou contentar-se com a limitação ao texto escrito, mas à finalidade da norma, a justiça do bom senso e do bem comum.

Ao iniciar a aula, eu brincava com os estudantes dizendo que iria falar sobre um jurista, pouco conhecido como tal, chamado William, o Fiódor, Victor-Marie, Joaquim Maria, o Franz. Todos eles verdadeiros juristas, antecipadores do Direito, na literatura. Os alunos já riam tentando adivinhar o nome famoso a quem pertencia o prenome escrito no quadro-negro. Os mais estudiosos acertavam.

“Medida por Medida” é comédia agridoce. Versa sobre uma dupla não casada na forma de lei antiga, condenada à morte por fornicação. Esta ridicularia ainda acontece hoje em alguns países árabes. Também subsistem problemas da liberdade e do abusivo arbítrio de administradores públicos. Assédio sexual, tão em voga nos dias de hoje, que puniu o Lord Cláudio pelo que fez à noviça bela e virtuosa, Isabela. Já naquela época, a cidade de Viena viveria em plena corrupção de costumes. Corrupção e hipocrisia são, atualmente, planetárias.

Muitas lições de Direito podem ser usufruídas nas tragédias shakespeariana: Hamlet, Otelo, Romeu e Julieta, Macbeth, A Tempestade. Não se deve subestimar o poder modificador do Direito pela literatura.

O “jurista” Shakespeare ajudou a moldar leis atuais e a sua melhor aplicação.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.



MUSAS EM FESTA

Diva Cunha

Este texto é meu presente de aniversário para minhas musas e antecessoras no ofício das letras Auta de Souza e Nísia Floresta.

Quando Auta de Souza nasceu, em Macaíba, em 12 de setembro de 1876, Nísia Floresta, nascida em 12 de outubro de 1810, em Papary, que hoje tem seu nome, vivia em Rouen, na França, com a filha Lívia Augusta. Quando a escritora faleceu, nessa cidade francesa, em 24 de abril de 1885, Auta de Souza estudava no Recife (PE), onde morava com a avó materna e os irmãos.

Duas mulheres nascidas no Rio Grande do Norte, no século XIX, dois destinos completamente diferentes. Quando Nísia Floresta foi embora do estado, ainda era Dionísia Gonçalves Pinto, adolescente, casada, em seguida separada e acolhida de volta no seio da família. Tal acolhimento, levando-se em conta os rígidos costumes da sociedade patriarcal do tempo, revela a ilustração dos pais, liberais e progressistas. Essa proteção familiar foi decisiva para a transformação de Dionísia em Nísia Floresta, mudança que tem por fundamento a educação. A formação da escritora, que, ao sair da província, devia apenas saber o básico ensinado às meninas de elite, foi aprofundada em Pernambuco, estado rico e adiantado, que vivia momentos de efervescência cultural e política. Se a escritora tivesse permanecido no Rio Grande do Norte, não seria, seguramente, a Brasileira Augusta, que começa a colaborar para a imprensa, a partir de 1830, na revista *Espelho das Brasileiras*, de Recife.

Segundo Duarte, a presença de Nísia Floresta na imprensa nacional, comentando as questões mais polêmicas da época, é um traço da modernidade da escritora. Essa postura avançada e pioneira será confirmada pelo primeiro livro escrito por ela: *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*, inspirado em Mary Wollstonecraft,



a primeira feminista inglesa: Vindications of the rights of woman. Adaptando sua tradução livre ao contexto brasileiro, Nísia destaca os preconceitos e o machismo de nossa sociedade e reivindica que as mulheres sejam respeitadas como seres humanos inteligentes e valorizadas com direito à instrução e ao trabalho.

Logo depois, acompanhando Manuel Augusto, companheiro e pai de seus dois filhos, Nísia Floresta muda-se para o Rio Grande do Sul, onde lança a segunda edição de seu revolucionário livro, plantando as sementes de seu ideário Brasil afora. Com a morte de Manuel Augusto, ela vai para o Rio de Janeiro, capital do país, onde funda, em 1838, o “Colégio Augusto,” para moças, passo marcante para a mudança de mentalidades em relação ao papel social da mulher. O currículo do colégio continha propostas inovadoras, como o ensino de línguas estrangeiras (Latim, francês, inglês e italiano), disciplinas como Geografia, História do Brasil e Educação Física, em detrimento dos trabalhos manuais e das regras de etiqueta.

O magistério empenhado não a afasta da trincheira de luta na imprensa, na qual atua colaborando com artigos e ensaios sobre a questão da mulher. A militância nisiana, claro, atrai a atenção dos liberais, que elogiam seu trabalho, mas atíça contra ela os conservadores, grande maioria, que iniciam uma campanha sistemática de maledicências, injúrias e críticas, quase sempre anônimas. Guerra suja que vai ganhar terreno e levar a escritora para a Europa, em 1849, em busca de ares amenos e civilizados. A essa altura, ela já tinha publicado vários livros que tematizavam os direitos das mulheres, um longo poema sobre o indígena brasileiro - *Lágrima de um caeté* - no qual explora a opressão do colonizador sobre o nativo: desterrado e, a força, aculturado. A escritora já se posicionará também na defesa do abolicionismo, tema que explora no texto *Página de uma vida obscura* que será publicado em 1854.

Entre idas e vindas, Nísia Floresta reside na Europa - França e Itália - onde convive com importantes intelectuais.



Os laços com a terra de origem, e com todo o Brasil -, nunca foram rompidos, pátria dos afetos, que lembra sem cansar em seus escritos.

Quantas vezes, bem criança ainda, extasiei-me perante o aspecto proporcionado por aquela grandiosa natureza, que já falava tão poderosamente a minh'alma. Com que encanto meu olhar de menina acompanhava, maravilhado, aquelas nuvens imensas, aqueles brilhantes pássaros que, atravessando as planícies e os rios, formavam, sob a luz de meu céu tropical, um segundo céu móvel, de cores variadas e deslumbrantes! E aquelas cadeias de montanhas, aquelas florestas virgens, aquelas ricas campinas, aquelas prodigiosas quedas d'água, aqueles rios, aqueles pássaros, todas aquelas obras-primas naturais do solo que me viu nascer, voltavam vivamente ao meu espírito, com a querida imagem dos seres que embelezaram minha curta existência de felicidade! Ó doces reminiscências da infância! Ó imagem inapagável da pátria, acariciada pelo amor daqueles que guiaram nossos primeiros passos na vida e pelas poderosas impressões que lá recebemos! Que encanto sob o céu estrangeiro, por mais sedutor que seja, jamais vos poderá ser comparado?

(FLORESTA, Nísia, 1998, p.163)

Mas por onde andava Auta quando Nísia morreu? Em Recife, estudando no Colégio São Vicente de Paula, onde foi aluna estudiosa e aplicada. Infelizmente, aos 14 anos, a tuberculose, que já vitimara seus pais, reincide na família. A avó, preocupada, reúne os netos e volta para Macaíba, para dar início ao tratamento prescrito na época, - muita tranquilidade, repouso e alimentação cuidadosa - e à peregrinação constante em busca de lugares altos e secos, tão bem captada pela poetisa no soneto:

*“Tão longe a casa! Nem sequer alcanço
Vê-la através da mata. Nos caminhos
A sombra desce; e sem achar descanso,
Vamos nós dois, meu pobre irmão, sozinhos!”*
(SOUZA, Auta, 2001, p.126)



Sempre me indago: teria Auta ouvido falar de sua conterrânea famosa e difamada e da luta desta, sem sossego, contra as injustiças dos homens e pelos direitos das mulheres? Imagino que sim; afinal, o maior admirador de Nísia Floresta era Henrique Castriciano, irmão de Auta, o qual tentou, exaustivamente, localizar a produção nísiana no Brasil e no exterior, chegando a visitar, em 1911, Lúvia Augusta, em Nice, na França. Mas Auta, por essa época, já não estava entre nós. Também creio, que o pesquisador chegou a recolher material e projetou escrever um livro *sobre Nísia Floresta*, o que não chegou a concretizar. Talvez a estreiteza mental da província tenha tolhido seus passos e planos, como tolheu os de Câmara Cascudo, que, embora tenha reconhecido em Nísia Floresta “a grande ave, que não cabia no ninho”, quase nada escreveu sobre ela.

Mas, se Henrique Castriciano não pôde fazer por Nísia Floresta o que desejou fez por Auta o que podia. Orientou suas leituras, incentivou-a a escrever e ajudou-a a organizar e publicar seu único livro, *Horto* (1900), lançado alguns meses antes da morte da autora em 7 de fevereiro de 1901, em Natal.

Os poemas reunidos nesse livro atestam a sensibilidade apurada da poetisa e o conhecimento das literaturas brasileira, portuguesa e francesa. A simplicidade, tão ressaltada pelos estudiosos de sua obra, não é fruto da inspiração (claro, ela existe!), mas da disciplina e da atenção estudiosa dada por Auta ao instrumento lírico e aos artefatos estéticos que produziu, apesar dos sofrimentos físicos e mentais causados pela doença.

Escutem a poetisa, ela não era tão ingênua assim:

MINH' ALMA E O VERSO

Não me olhes assim... Eu fico triste

Quando a fitar-me o teu olhar persiste

Choroso e suplicante...

Já não possuo a crença que conforta.

Vai bater, meu amigo, a uma outra porta

Em terra mais distante.



*Cuidavas que era amor o que sentia
Quando meus olhos, loucos de alegria,
Sem nuvem de desgosto,
Cheios de luz e cheios de esperança,
Numa carícia ingenuamente mansa,
Pousavam no teu rosto?*

*Cuidavas que era amor? Ah! Se assim fosse!
Se eu conhecesse essa palavra doce,
Este queixume amado!
Talvez minh'alma mesmo a ti voasse
E num berço de flor ela embalasse
Um riso abençoado.*

*Mas, não, escuta bem: eu não te amava,
Minh'alma era, como agora, escrava...
Meu sonho é tão diverso!
Tenho alguém a quem amo mais que a vida,
Deus abençoa esta paixão querida:
Eu sou noiva do verso.
[...]*

*Não posso dar-te amor, bem vê. Meus sonhos
São da poesia os ideais risonhos,
Em lagos de ouro imersos...
Não sabias dourar os meus abrolhos,
E eu procurava apenas nos teus olhos,
Assunto para versos.
(SOUZA, *Auta*, 2001, p.223)*

A arte serviu à vida e, por essa alta porta, a poetisa escapou da morte, anunciada e lenta, que a martirizou por dez anos.



Estreando em 1898, na revista Oásis, Auta de Souza passou a colaborar, incessantemente, em jornais e revistas que circulavam pelo Brasil, de Recife a São Paulo, tornando-se conhecida e admirada pelos leitores. Além disso, por características próprias de seus poemas, principalmente, ritmo e rima, criadores da melodia interna que une e rege as palavras, seus textos foram utilizados como letras de música e cantados dos salões aos berços, dos colégios às ruas, nas serenatas e nas igrejas.

Pergunto a mim mesma: o que une e separa essas duas irmãs no ofício da palavra? Terem nascido no mesmo século, no mesmo território, tão longe dos grandes centros e tão provinciano? A vida breve e febril de Auta de Souza, em períodos curtos pacificada e esperançosa, e a vida longa e aventureira de Nísia Floresta, sempre envolvida nas principais polêmicas que agitaram o século XIX? A guerra interior travada cotidianamente no corpo da poetisa *versus* a guerra exterior e pública travada, com destemor, pela escritora?

Guerra é guerra, dizem, e cada um luta com as armas que tem. A vida da mulher nunca foi uma vida fácil! Por favor, leiam as estatísticas sobre a violência contra nosso sexo publicadas diariamente nos jornais.

Não, esse não é um texto engajado; é, como disse, um presente de aniversário que quero dar a minhas antecessoras, para que me abençoem e guiem. Não pode, portanto, acabar assim. Peço emprestadas a Auta as palavras certas para finalizá-lo. Que elas falem por mim:

“Teus anos amanhã. Fui ver, contente,

(E como procurei por toda parte!)

Um mimo que te desse... e achei, somente,

Meu triste coração, mimo sem arte”

(SOUZA, Auta, 2001, p.71)

Natal, 30 de agosto de 2018

Diva Cunha



FONTES CITADAS

DUARTE, Constanca Lima, **Nísia Floresta vida e obra**. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

FLORESTA, Nísia. “Tivoli”. **Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia**. Natal: EDUFRN, 1998. v.1.p.163

SOUZA, Auta. *Horto*. 5° ed. Natal (RN). EDUFRN, 2001. p. 126.

SOUZA, Auta. *Horto*. 5° ed. Natal (RN). EDUFRN, 2001. p. 223

SOUZA, Auta. *Horto*. 5° ed. Natal (RN). EDUFRN, 2001. p. 71

DIVA CUNHA é poeta, escritora e professora, autora de “Canto de Página”, “Resina” e outros livros. Ocupante da cadeira nº 30 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



O PROFESSOR EDGAR BARBOSA

Ivan Maciel de Andrade

Edgar Barbosa foi meu professor de Direito Internacional Privado e depois de Direito Constitucional. Lá no prédio da Ribeira, na Praça Augusto Severo, perto do teatro Alberto Maranhão, onde funcionava a Faculdade de Direito da UFRN, antes de ser construído o campus universitário e anteriormente à reforma do ensino superior que transformou as faculdades em cursos.

Era não apenas um bom professor, dentro dos padrões convencionais. Tinha grande domínio sobre outros campos do conhecimento que se estendem além do Direito – literatura, história, sociologia, política.

Mas o professor Edgar Barbosa era sobretudo um literato, no sentido mais qualificado e exigente em que se pode usar essa designação.

Após ministrar uma aula sobre Direito Constitucional diante de uma comissão do MEC que vinha avaliar a nossa Faculdade de Direito, Edgar Barbosa recebeu entusiástico elogio de professores de outras Universidades que compunham a referida comissão. Um deles disse: “O senhor é um erudito constitucionalista”. Edgar Barbosa respondeu, com o ar irônico que lhe era peculiar: “Sou apenas um poeta do Direito Constitucional e um Dom Quixote do Direito”.

Até quando escrevia sobre matéria jurídica – conheço dele um excelente estudo sobre “O princípio do livre convencimento do julgador”, valendo lembrar sua condição de Juiz de Direito – seu estilo era sóbrio, elegante, despojado, quase sem adjetivação.

O mesmo estilo com que escrevia seus artigos para a imprensa e os ensaios literários que resultavam geralmente das palestras que proferia.

Embora fosse um professor que transmitia informações atualizadas sobre a temática de sua disciplina, suas aulas impressiona-



vam mais pelo brilhantismo da exposição do que pela amplitude e profundidade dos conhecimentos.

Quase sempre, quando o assunto lhe permitia, enveredava por interessantíssimas alusões a obras de ficção, poemas, ensaios, escritores da literatura universal. Nesses momentos, suas aulas se tornavam fascinantes, talvez pelo fato de que o professor ficava mais à vontade e motivado.

Era uma confissão involuntária, não declarada, mas claramente percebida, de que os temas literários constituíam, na verdade, a sua grande paixão intelectual.

Naquela época havia um consenso sobre Edgar Barbosa, de que participavam todos os que gostavam de literatura em nossa cidade (com endosso integral do mestre Câmara Cascudo, que o convidou para prefaciar o seu livro “Vida breve de Auta de Souza”): Edgar Barbosa era um estilista somente comparável ao que existia de melhor nos grandes centros literários de nosso país.

Seu estilo, apesar de uma intencional simplicidade, era enriquecido com inovadoras e significativas imagens poéticas que surgiam frequentemente em meio à abordagem de quaisquer assuntos, mesmo dos que estavam mais próximos do cotidiano. Essas imagens faziam parte da sua própria e espontânea forma de expressão, sem qualquer gratuidade, sem a mínima tintura de literatice.

Tanto assim que o seu estilo era contido, sintético, sem concessões à eloquência ou a derramamentos de pretensa erudição. Ao contrário: Edgar Barbosa dava a impressão de que escrevia de forma torturada, com a preocupação de encontrar as palavras e construções que mais o satisfizessem.

Mesmo ao falar de improviso, o ritmo era o de quem refletia e ponderava antes de expor os seus conceitos e ideias – por sinal sempre muito lúcidos, com a clareza e precisão de uma elaborada peça escrita. Isso não prejudicava a força de comunicação de suas palestras e de seus textos. Dava-lhes até maior poder de transmissão



e recepção porque, sem preciosismo ou rebuscamento, fugiam sistematicamente do lugar-comum, do clichê.

Lembro-me que, certa vez, fui à casa de Edgar Barbosa para receber livros raros com que ele resolvera me presentear. Convidou-me para conversarmos e aceitei o convite pelo prazer de ouvi-lo.

Em certo momento, chegou o deputado federal Djalma Marinho, que morava numa casa em frente à de Edgar Barbosa. O assunto passou a ser, então, literatura.

Djalma Marinho olhou para mim e disse que ia me fazer uma provocação: perguntou-me qual o romance que mais me marcara pelas leituras feitas até então. Não hesitei: “A montanha mágica”, de Thomas Mann. Djalma Marinho, afetuosamente, elogiou o meu “gosto literário” e comentou, de forma espirituosa, que eu devia entender muito das reações psicológicas dos doentes que sofriam de tuberculose.

Em seguida, fez um elogio a Edgar Barbosa que, me parece, sintetiza, com justiça, tudo o que se pode dizer a seu respeito: “Edgar é uma das maiores vocações literárias do nosso Estado, que não se realizou plenamente devido ao perfeccionismo”.

A essência da avaliação feita por Djalma Marinho continua perfeita, irretocável. O professor Edgar Barbosa representou, entre nós, um dos pontos mais altos da difícil arte de escrever – um estilista capaz de rivalizar com os grandes escritores nacionais.

IVAN MACIEL DE ANDRADE. Procurador aposentado, ex-Consultor Geral do Estado, e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor dos livros “O Exílio das Palavras” e “Machado que eu Li”



“FRANCISCA” *

Nelson Patriota

Escritores sabem de coisas que o homem das ruas prefere ignorar. Por exemplo, sabem que a injustiça é um mal que mesmo os melhores planejadores sociais às vezes não acham jeito de erradicar. Assim, a coexistência do mal na sociedade ganha foros de questão não apenas social, mas literária.

E como reage a esse tópico tão complexo a jovem romancista natalense Ana Cláudia Trigueiro, nesse seu primeiro romance, que sai agora em segunda edição, revista e ampliada, pela CJA Edições (a primeira edição é de janeiro de 2015, chancelada pela prestigiosa Coleção Mossoroense)? Sem alarde e sem invocar remédios sociais, ela se limita a narrar o drama que se abate sobre uma mãe e suas duas filhas menores, viúva e órfãs entregues à própria sorte, na provinciana Natal dos anos 1920, vítimas de um ambicioso arrivista que servia ao marido de Joana, e que, logo que este morre, rapidamente se apossa de todos os bens do defunto, sem se importar em nada com a situação da viúva e das órfãs.

Haverá castigo para tamanha vilania? Deixo esta questão em aberto para reflexão do leitor, mas lembro, de passagem, um verso de Carlos Drummond de Andrade que diz “A Injustiça não se resolve” (“Consolo na praia”). Vale conferir se esse verso também se aplica ao universo de *Francisca*.

Se a vilania, a maldade e o egoísmo parecem prevalecer nos primeiros capítulos de *Francisca*, não são, todavia, os únicos atores com protagonismo no romance. A ação solidária do padre João Maria já havia disseminado pela sociedade natalense o bálsamo da *caritas* e da compaixão cristãs, fundando instituições voltadas para a reparação das injustiças e inspirando iniciativas laicas de igual relevância. É a elas que Joana recorre, obtendo imediata resposta



positiva, o que lhe permite acomodar-se como trabalhadora e residente no Hospital Juvino Barreto, enquanto as filhas são aceitas como internas do Orfanato João Maria, estrategicamente localizado em Petrópolis, como a apregoar as vantagens da fé católica sobre as ainda tímidas religiões reformadas e/ou de raízes africanas. Nomes como monsenhor João da Mata Paiva, o arcebispo dom Marcolino Dantas, o padre Luiz Gonzaga Monte, dentre outros, eram representações sociais tão fortes do catolicismo que conduziam com absoluto protagonismo a vida espiritual natalense, contando ainda com o importante veículo de divulgação dos valores cristãos representado pelo jornal *A Ordem*. Mesmo intelectuais do porte de um Câmara Cascudo, ainda jovem, nos anos vinte, mas já ativo e com alguns livros publicados, depositavam na igreja católica suas esperanças transcendentais e abraçavam seus valores filosóficos e morais.

Trata-se, portanto, de um romance histórico, na medida em que a vida natalense, mediante a seleção de eventos macrossociais, vai aflorando ao longo de três décadas, a começar pelos anos 1920, com claras interferências na vida dos personagens, mas também sofrendo influxos destes. Essas são conquistas, porém, de que o romance dispõe há tempos, e sua presença em *Francisca* só realça o cuidado de que a autora se cercou para ambientar sua história sob um fundo histórico familiar, mas cuja revelação contribui para a avaliação do seu trabalho agora não só de romancista, mas de pesquisadora de fatos, costumes etc. À maneira, por exemplo, do que Elísio Medeiros, o entusiasta cronista da Ribeira antiga, fez em seus livros *Notícias de Hontem* (Natal: Arquitetura das Letras, 2010) e *Antiqualha* (Natal: Arquitetura das Letras, 2013), e pretendia romancear em obras que, infelizmente, foram abortadas devido à morte prematura do autor.

Existe em *Francisca*, portanto, toda uma sociologia de época que confere ao livro um valor adicional. No capítulo 8, por exemplo, a autora se ocupa do veraneio na própria Natal, quando os banhos de mar tinham valor exclusivamente terapêutico. O capítulo 10 acompanha a visita do dirigível alemão Graf Zeppelin à cidade, em 1930, enquanto o 11º trata da Insurreição Comunista de 1935 na capital



potiguar, com reflexos aterrorizantes sobre a vida no Orfanato João Maria. Com procedimentos dessa natureza, a autora se mantém firme no gênero do romance histórico, sem nada descuidar da narrativa principal que se concentra nos eventos internos do Orfanato João Maria e arredores. O romance que ora une ora afasta Francisca e Genésio, o drama de Priscila, a rotina das irmãs de caridade na administração da vida no orfanato, são exemplos de recortes literários indispensáveis a uma obra que visa resgatar com razoável verossimilhança uma página há muito virada do livro do passado.

Para estreitar ainda mais seus laços com a narrativa literária, Ana Cláudia Trigueiro insere em cada entrada de capítulo uma epígrafe extraída, em sua grande maioria, de autores norte-rio-grandenses, demonstração explícita de que o fato literário é analógico e pressupõe um diálogo incessante com a tradição. As abundantes notas que explicam cada epígrafe ou cada termo menos usual de *Francisca* atestam também que a concepção da obra comporta uma evidente preocupação didática.

Francisca é, por todos esses aspectos, um romance que reclamava uma nova edição, revista e ampliada, tal qual se apresenta agora ao leitor. Uma ou outra lacuna que remanesceu da primeira edição foi preenchida, especialmente no que toca ao destino tomado pela enigmática personagem Clotilde, irmã da Francisca protagonista, rompendo assim o mistério que cerca sua vida posterior aos anos do orfanato natalense.

Autora, até aqui, de dois romances – no início deste ano Ana Cláudia Trigueiro lançou *O mistério do Verde Nasce* (Natal: CJA Edições, 2018), seu nome hoje é motivo de especial atenção da crítica literária local e, por razões óbvias, de seus muitos leitores.

*Prefácio para o romance “Francisca”, de Ana Cláudia Trigueiro.

NELSON PATRIOTA é escritor, crítico literário e poeta, autor de *Uns Potiguares*, *Tribulações de um Homem Chamado Silêncio* e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



FACAS NA LITERATURA

David de Medeiros Leite

Alguns hábitos queremos largar, outros, não. O da leitura concomitante de dois livros faz tempo que me acompanha e, não fazendo força em sentido contrário, pretendo assim seguir. Na maioria das vezes, prefiro gêneros e assuntos díspares. Porém, recentemente, ocorreu-me uma interessante coincidência: dei-me conta de que estava lendo duas obras, cujos títulos faziam referência à faca. Sim, isso mesmo, ambos os títulos remetem a tão cortante instrumento de lâmina: *Dançar com facas*, de Hildeberto Barbosa Filho (Mondrongo, 2016); e *Entre facas, algodão*, de João Almino (Record, 2017).

François Silvestre diz que inveja é como colesterol, tem a boa e a ruim. Lembrei-me da brincadeira desse amigo, quando da leitura do *Dançar com facas*, pois, qualquer um que busca a concisão poética para versejar, com certeza invejará esse trabalho de Hildeberto. Como se costuma dizer hoje em dia, o tomo está “redondo”. Cada poema deixa aquela impressão de que nada falta e nada sobra.

Quando comentamos algum livro, sempre nos deparamos com a dificuldade em eleger poema ou estrofe, mas, claro, temos que arriscar. No poema “Velhice”, Hildeberto, propositadamente melancólico, sentencia: “Os fardos da idade / começam a humilhar / o pobre corpo. // E a alma, / papoula desgarrada, / nem está mais aqui!”. Na mesma pisada, deparamo-nos com o poema “Horizonte”, talvez, carregando a representação mais impactante da obra: “Velhos com conhaque / na alma, lúcidos, / sem horizonte.”. Imagem forte, que cala fundo em qualquer um que não tenha apenas uma pedra no peito, como sugere o cancionero popular.

Mudando a temática, porém no mesmo tom minimalista, vem o “Metáfora”: “Num antigo verso / falava das ‘pupilas da ma-



nhã? // Hoje invento a metáfora: // nas tuas pupilas, Pâmela, nadam / todas as manhãs.”. No poema “Verão”, a nordestina seca esturricada se mistura com um intimismo que não possui imbricação geográfica e puxa a conversa para abarcar outras estações que nem temos: “É verão / e as pessoas nem estão / mais alegres. // (Tudo é claro, quente, triste!) // O sol explode / dentro de mim / enquanto me despeço / das outras estações.”. Na mesma pegada intimista, no poema “El condor”, o eu lírico transfigura-se no próprio pássaro que ganha voz: “El condor, / nomearam-me os de outra espécie, / os que se dizem dotados / de uma segunda natureza. // Suspenso no azul, / com as asas abertas, / nomeio o mundo.”.

E, quando Hildeberto aborda o mister poético ou a própria poesia como arte, entra em cena o doutor em literatura a nos ensinar lições difíceis de assimilarmos nesse mundo de danações e açodamentos. Difíceis porque o aprendizado requer maturação, condição antagônica à pressa dos dias atuais. Contudo, vamos lá. Com a dificuldade do escrutínio antes mencionado, considero “RIO/POEMA”, como o ápice do livro: “Rio nenhum vale um poeta, / porque rio é somente rio, / e suas correntezas têm destino certo, / e suas margens são apenas margens. // O poeta, não. / É rio, é margem, é correnteza, / é água, muita água, correndo por dentro, / enchente, naufrágio...”.

O paraibano Hildeberto Barbosa Filho encerra o livro com o poema que o nomeia: “Dançar com facas / não é apenas ofício de bailarino / nem dos saltimbancos de ruas. // Se a vida é um tablado, / dançamos todos, com facas, / (...) / Dançar com facas / também é ofício de poeta. ”.

Já no romance *Entre facas, algodão*, do mossoroense João Almino, o protagonista possui algo machadiano nisso de “atar as duas pontas da vida”, ou seja, a urdidura acontece a partir de sua decisão de, já setentão, resolver deixar Brasília e comprar uma fazenda no sertão potiguar, onde pretende se instalar e “recompor” um passado que lhe consome.



Além da determinação de largar a vida de advogado na capital federal pela de plantador de feijão, milho e “até algodão”, o personagem principal carrega em si o desejo incontido de vingar a morte do pai. Sem falar que tudo está entremeado com laivos sentimentais, na medida em que vive uma separação conjugal e procura reinventar uma paixão da adolescência.

Romancista com sólida carreira, João Almino sustenta uma linguagem leve numa trama bem sequenciada que prende o leitor. Entre tantas facetas, o romance possui uma característica que merece registro: os personagens manuseiam redes sociais, como WhatsApp e Facebook, ao mesmo tempo em que se ancoram em costumes antigos da vida sertaneja.

E a crise familiar que envolve o protagonista (único personagem cujo nome não é revelado, pois o livro baseia-se em um diário do mesmo), também acontece em duas “dimensões”: tanto na questão da vingança da morte do pai, que termina por gerar uma dúvida quanto à própria paternidade biológica que, até então, era inquestionável, como também no que diz respeito a sua relação com os três filhos, cujas convivências são perpassadas por questões afetivas confusas e bastante atuais.

Um excerto do romance pode justificar parcela do título e situar mais ou menos as lembranças do cenário da infância vivida: “No Riacho Negro, meu padrinho vivia da lavoura do algodão, da oiticica e da carnaúba. Sobretudo do algodão. Me lembro que puxava com orgulho o capucho de algodão para mostrar o tamanho da fibra”.

Quanto às facas existentes por entre a maciez algodoeira, as perspectivas que se abrem são variadas e propositais. Desde a já comentada desforra paterna, até as agruras vividas e revividas pelos personagens, nas diversas épocas e dimensões apresentadas. O sertão de outrora, violento pelo coronelismo. Um pouco da vida moderna, como registros em voos de Brasília a Fortaleza.



Tudo isso sob a pena de quem não é amador no ofício. João Almino coleciona prêmios com outros romances, além de respeitando ensaísta em questões políticas e sociais.

Enfim, entre a poesia de Hildeberto e o romance de Almino, caro leitor, vi-me imbricado num mundo de facas sentimentais por entre um algodoal poético romanesco. Duas obras que enriquecem sobremaneira as letras brasileiras.

DAVID DE MEDEIROS LEITE - Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutor pela Universidade de Salamanca – Espanha. Entre outros, publicou os seguintes livros: ***Incerto Caminhar; Ruminar*** (Poesia); ***Cartas de Salamanca; Casa das Lâmpadas*** (Crônica).



SETE CÂNTICOS DA ALDEIA PARA O DIA MUNDIAL DA POESIA

José de Castro

Cântico I

Hoje, eu canto uma canção de amor a todos os poetas, homens e mulheres, daqui ou de além-mar, porque são eles os loucos a virar o mundo pelo avesso, no inverso a transversar sua arte. Arteiros e travessos têm a ousadia de reinventar o omni_verso. Veem a multiplicidade que muitos não conseguem enxergar. Quando algo inexistente, imaginam. Do nada criam maravilhas, ilusões, fantasiam. São os que inauguram pontes para o impossível. E nos levam a crer no incrível. E os sonhos, feito pássaros, vêm se alimentar em suas mãos. E conseguem fazer o igual virar diferente. O sol nascer no poente. Deles medra a flor na pedra. E inauguram novos caminhos. E resplandecem como a prata da noite enfeitada de estrelas. E são feito o rio de três margens. E barco, remo e barqueiro. E são peixe e pássaro, e tem asas na voz, e voam o silêncio pelos campos de queirós.

Cântico II

Poetas são esses magos da palavra que se douram na sabedoria amarela do olhar dos girassóis. Têm a pureza do lírio do campo. E se enfeitam de rosa e se banham no perfume das açucenas, as mesmas que se ouve nascer na paz dos bois, de Zila, a dormir. São eles que ninam o sonho de pedra das montanhas. Águas que desembocam no oceano largo a banhar as cidades invisíveis de Calvino. E, feito águias, viajam leves na asa do vento pelos mundos do sem fim. E habitam Pasárgada, Lilliput, Ítaca, Macondo, Comala, Shambala e Shangri-La. E outros mundos oníricos e fantásticos, feito imagi-



nação de criança. A Terra do Nunca os faz sempre inocentes, puros, translúcidos e reluzentes como o cristal. Poetas são como os pastores de Davi, a cuidar dos rebanhos da palavra, nos verdejantes pastos, a celebrar cânticos, os cantares de sabedoria. Cada poesia tem o seu próprio tempo. E há um tempo de prosa-poesia.

Cântico III

E canto aos escritores bons de prosa. Poetas como os guimaraes rosa. Pois de boa prosa vive a poesia que tem pedra a drumondiar no meio do caminho. Alguns passarão, outros, passarinhos serão a quintanear pelos ninhos, pousados nas árvores, a chocar a boa poesia dos manoéis de barro. São estes que terão a cor azul de coralina, a vicejar adélias pelos prados e pelas campinas. A poesia terá esse canto torto feito a faca de belchior caetaneando a carne de todos nós. Por isso mesmo sei que alegria de poeta é triste. E sua tristeza, às vezes, alegre. Pois o verso do poeta, com seu brilho de mil sóis, tem o dom de adoçar a lágrima e revirar a melancolia pelo avesso. E os poetas, feito cecílias, nem alegres e nem tristes, são a florbela a morrer de poesia. E renascem a cada soneto que criam. São a última flor do Lácio, a rosa de Hiroshima, a lira dos versos, a pedra do reino, o arco de Ulisses, e a Irene preta que chega ao céu. Zombam do inferno de Dante, em brechtiana comédia, numa mistura shakespeareana do ser ou não ser poeta a lutar contra os moinhos de Cervantes. E segue o fluxo da consciência joyceana, feito o jogo de dados de Mallarmé... E seguem adiante os escritos em prosa e verso, essa poesia homérica a viajar uma odisséia em direção ao horizonte infinito que a palavra promete. Ílion ainda está distante. Cada um de nós é um pouco Odisseu, Dom Quixote, Sancho Pança, Teseu, minotauro e Orfeu. Cada poeta é o seu próprio labirinto, o fio de Ariadne e a barca de Caronte. Somos arco e flecha atirada ao Olimpo, a caçar estrelas e alumbraamentos. Amo toda essa poesia que existe nas lendas, nos mitos, em cada grito, em cada espanto. E amo esses poetas e essas poetisas com esse amor camoniano que arde



sem se ver. O mesmo amor que vale a pena, quando a alma não é pequena. Ave, pessoa, voa...

Cântico IV

Quero prosseguir vida afora entoando hinos e louvores a todos esses filhos de Gilgamesh e Homero que respiram poesia, suspiram versos e choram rimas. Aqueles que se enamoram de lua e sol e se perdem nas veredas e nos descaminhos da longa jornada. Eis que se reencontram nas trilhas dos verbos e exalam metáforas substantivas. Multiplicam-se nas metonímias e brincam de roda nas parlendas da inocência. Metáfrases e paráfrases os alucinam e eles se alumbram na emoção de reescrever o mundo na plenitude de sua inspiração. E têm repentinos, improvisos, misturam rondéis, indrisos, sonetos e cantorias de cordel. Alguns são dramáticos, outros, líricos e trágicos. Tem os que são ácidos e críticos, herdeiros dos anjos augustos e cáusticos. Tem os que rimam, e outros nem tanto. Alguns preferem o verso livre, outros a poesia matemática, metrificada nas redondilhas, nas sextilhas, nos alexandrinos, nos sonetos e em outros que tais. Tem aqueles dos poemas longos, a escrever epopéias. Outros, apenas minimalistas do haicai, do poetriz e da aldravia. E tem os que preferem a trova. Isso prova que múltiplos são os gêneros, o jeito singular e o estilo de ser poeta. Amo todos esses que se aventuram por esses inúmeros caminhos. Deles é a sina de serem argonautas da palavra. Navegantes das águas e dos sete mares dos quatro cantos do mundo. Poemar é preciso.

Cântico V

E canto aos poetas um dedinho de prosa, pois na mão desses loucos e visionários, um minuto de poesia tem o dom de inaugurar o eterno em cada um de nós. No timbre das palavras, os poetas afinam o ponteiro do tempo e infinitam o minuto a cada segundo. Eternizam de beleza a fugacidade do momento. E tem poesia em

seus cantos, em seus contos feito os grimms, andersens, stevensons, swifts, carrols, fontaines, esopos, rodáris, cascudos, orthofs, lagos, belinkys, paes, bartolomeus e elias; caparellis, salizetes, clotildes, e ruths e rochas, e pedro bandeiras, afonsos, colasantis, romanos, neves e sistos, e roger e mellos, machados e bojungas, e tantos outros bons de prosa, traço e poesia. São a centelha, o raio, o corisco, a fagulha, o elétrico risco de fogo, de luz e de grito que abre no coração do mundo os portais do infinito.

Cântico VI

Canto à loucura de todos esses poetas da palavra, pois sua insanidade é feita de paixão. E a sua paixão é beleza. E beleza é essa qualidade que permanece. É o rio perene de águas claras, iguais e sempre diferentes a cada corredeira, nos remansos, na cachoeira coruscante, abrindo espumas flutuantes, cantantes como vozes d'África a ecoar, ancestrais, em cada um de nós. E somos palmeira e carnaúba, a jandaia e o sabiá, cante aqui, que eu canto lá, patativas, alencares, nossos dias a gonçalvear.

Cântico VII

Entoo uma canção de alegria a todos esses loucos poetas e à sua insana poesia. São vinicius, guilherminos de almeida, melo netos, e castros e alves, bandeiras, bilacs, alphonsus, leminskis, cabrais, del picchias, augustos e haroldos, dos anjos, dos campos, poetas gullares, casemiros e outros tantos, da poesia luminares. E canto aos poetas da aldeia, os gomes, fernandes, itajubás, othoniéis, guimarães, autas e souzas, zilas e coelis, berilos, navarros, negreiros e grays, gurgéis e antonios, franciscos, onofres, joões e andrades, e neys e leandros de cristo, radyres, gonzagas, leonans, adrianos, dalbertos, ayltons, rolins, capistranos, varelas e livios martins, da cunha e limas de tarsos, e carmens, e drikas, anchellas, elietes, nassarys, diulindas, evas, rizoletes, reginas, leocys, iracemas,



lisbeths, iaras, marias, marizes e tantas outras divas da poesia. E a palavra de cada um se harmoniza com os mia coutos, verlaines, whitmans, eminescus, rimbauds, gibrans, blakes, bashôs e kayans, szymborskaskas, pessoas, préverts, camões, baudelaire, breyner andrensens, bukowskis, nerudas, sá-carneiros e lorcas milhares, de todas as aldeias e de todos os lugares, com as suas melopéias que inauguram e celebram universais epopéias. A todos eles eu canto essa canção, aos que já chegaram e todos os que ainda virão. Deles sempre foi e sempre será a lucidez e a loucura que em leveza inaugura novos reinos e o paraíso. Aqui lanço o meu grito, a língua dos anjos, o código do eterno, rimando o infinito. Entoo a melodia universal que louva a todos esses poetas e à sua insana alegria. Pois como o sol se levanta, assim também todo o dia a minha alma canta, se espanta, renasce e se faz poesia.

A bênção, todos os poetas do mundo.

Viva a poiesis nossa de cada dia! Hoje, eu canto o Dia Mundial da Poesia!

Natal/RN, 21/03/2018.

JOSÉ DE CASTRO é jornalista, escritor, poeta. Autor de livros para crianças e para adultos. Publicou “Apenas palavras”, “Quando chover estrelas”, “A marreca de Rebeca”, “Vaca amarela pulou a janela”, dentre outras obras. Membro da SPVA/RN, da UBE/RN.



ALDO LOPES DE ARAÚJO:

38 ANOS DE LITERATURA

Thiago Gonzaga

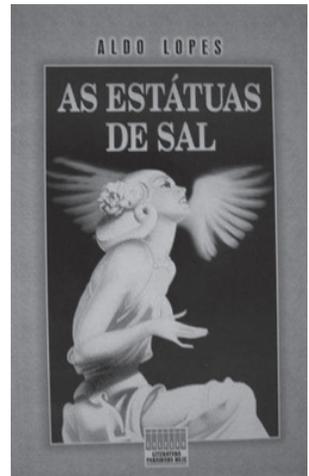
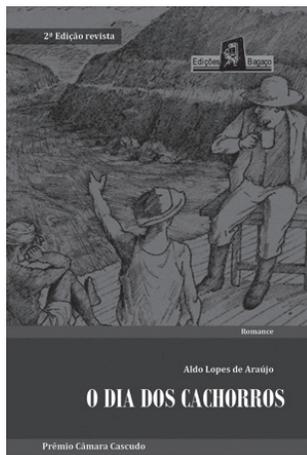
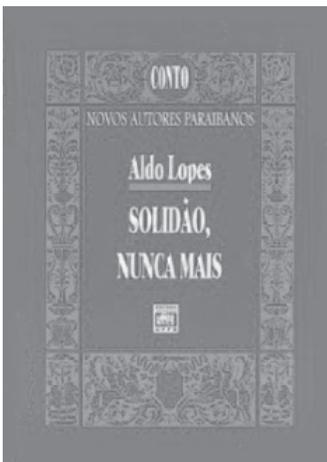
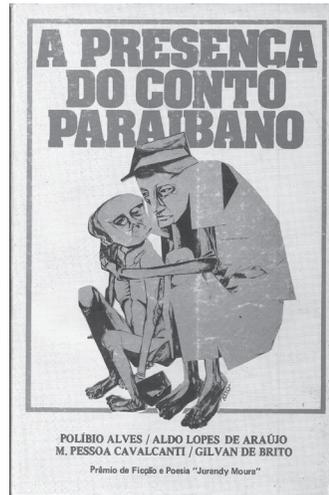
*“Se não existe literatura paulista, gaúcha ou pernambucana,
há sem dúvida uma literatura brasileira
manifestando-se de modo diferente nos diferentes Estados”
Antonio Candido, em “Literatura e Sociedade”,*

Escritor nordestino dos mais representativos, Aldo Lopes de Araújo começou a escrever ainda muito jovem, e seus primeiros contos foram publicados em suplementos literários de jornais paraibanos no início dos anos 80. Ainda no começo da década, o escritor, natural da cidade de Princesa Isabel (PB) ganhou concurso literário promovido pelo Governo do Estado da Paraíba e foi incluído na antologia “Presença do Conto Paraibano” (1981), que trazia nomes como Políbio Alves, M. Pessoa Cavalcanti e Gilvan de Brito. É nessa década que ele vai estreiar com “Lavoura de Olhares e Outros Contos” (1988), obra recebida com aplausos pela crítica paraibana.

Sobre o seu livro de estreia, escreveu o professor da UFCG, José Mário da Silva:

“Lavoura de Olhares e outros contos, ficção invadida pelo sopro transgressor da poesia, ancora, recorrentemente, no porto melancólico de uma memória fraturada pelo desconfortável sentimento da perda. Aqui, a morte, sutilmente espreitando a tudo e a todos pelas frestas da lembrança doída, é personagem central dos microenredos engendrados por Aldo Lopes. A consciência viva da inflexível passagem do tempo responde pela focalização ziguezagueada de quem, hoje adulto, tenta olhar o mundo com as retinas incontaminadas do menino que se foi um dia, com a libertária fantasia de uma infância irrecuperável”.





“As dilaceradas fraturas da memória, contudo, não eclipsam uma tonalidade de ternura e compaixão que nutre o narrador em seus intimistas embates com o real. Enfim, nas mãos hábeis do consumado artesão da palavra, que é Aldo Lopes, o conto paraibano ratifica a sua condição de portador de maioridade estética”.

Aldo Lopes de Araújo foi repórter e editor de cadernos de cultura de vários jornais, e continuou produzindo e publicando livros como “Solidão Nunca Mais” (1996) “Estátuas de Sal”, (2000). Paralelamente ao jornalismo e a literatura, concluiu o curso de Direito, advogou durante um tempo, passou em concurso público e veio exercer o cargo de Delegado de Polícia, no Rio Grande do Norte.

Em seu segundo livro, “Solidão Nunca Mais” encontramos contos desenvolvidos com criatividade e extremo cuidado com a linguagem, narrativas instigantes, fortes, convincentes, onde a palavra é o elemento motivador principal. Destacamos os contos “Voo de Perdição”, “Era Uma Vez um Domingo”, “Mãe”. O conto que dá título à obra, “Solidão, Nunca Mais” (Editora Universitária), foi ganhador do prêmio “Novos Autores” de 1996, promovido pela UFPB.

No livro seguinte “As Estátuas de Sal”, novamente o autor nos traz contos, desta vez com temáticas variadas, bíblica, urbana, etc. . Outro ponto a se destacar é o constante aprimoramento da escrita; observamos isto na reedição de alguns contos, trabalhados, reescritos. O nível de sua literatura é o de uma prosa corrente, firme, com uma poderosa força poética na linguagem. O conto que dá título ao livro é emblemático, além de “Sonhice”, “Adeus, Deus”, “Velório”.

Apesar das atividades próprias da sua profissão, Aldo Lopes de Araújo continuou a escrever, e em 2005, venceu o principal prêmio literário do Rio Grande do Norte, o “Prêmio Câmara Cascudo”, com o livro “O Dia dos Cachorros”, que tem como mote principal, a Revolta, também chamada de Guerra de Princesa, em 1930, um acontecimento que transformou e marcou a vida estadual e teve repercussão nacional. Tudo começou através de discórdias políticas e econômicas, envolvendo poderosos coronéis do interior do Estado

da Paraíba e o governador eleito, em 1927, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. O principal deles era o chefe político de Princesa Isabel, o “coronel” José Pereira de Lima, detentor do maior prestígio na região, que se tornou líder do movimento. Era a própria personificação do poder político.

O autor teve parentes que participaram dessa revolta, (Aldo é neto de Manoel Lopes, Ronco Grosso, um dos homens da confiança do Cel. José Pereira) recriou fatos, e os combinou com alguns subsídios do realismo fantástico, e da oralidade nordestina, em toda a trama, repleta de elementos e personagens com características psicológicas bem definidas, numa mescla de suspense, humor, moralidade, etc. Unem-se criatividade, conhecimento literário e histórico, transformando a sua narrativa em uma construção, que, podemos dizer, chega perto do que fizeram muitos escritores latino-americanos, do realismo mágico, não no sentido literal da fantasia, do fantástico, mas da intenção de dar verossimilhança ao irreal.

Ler Aldo Lopes de Araújo é gostar, sobretudo, de ouvir histórias. Nele, assim como nos regionalistas de 30, encontra-se o universal no regional, de modo marcante. Vale reforçar como já dissemos em outro ensaio, citando as palavras de Antonio Candido: “os melhores produtos da ficção brasileira foram urbanos”. Mas, ressalva o mestre: “Isto não impede que a dimensão regional continue presente em muitas obras da maior importância, embora sem qualquer tendência impositiva, ou de requisito duma equivocada consciência nacional”.

“O Dia dos Cachorros” foi recebido com entusiasmo pela crítica e pelo público. Lançado pela Editora Bagaço do Recife, e depois na Bienal do Livro de Natal, foi amplamente divulgado, sobretudo nas capitais do Nordeste. O romance, inclusive, foi destaque da revista “Entre Livros”, de São Paulo, em que aparece, na coluna, “Eu indico”, ao lado da lista dos livros mais vendidos do mês.

O leitor se sente extremamente envolvido e inserido na narrativa do autor. E vale dizer também que, ainda que a maioria da



sua ficção se passe no sertão, mais precisamente em Princesa Isabel, não podemos limitar Aldo Lopes de Araújo, ou melhor, rotulá-lo como escritor regionalista. Seria bastante clichê conceituá-lo dessa forma. Temos outros escritores brasileiros, como, por exemplo, Graciliano Ramos, da mesma linhagem de Aldo, que não é apenas regionalista, mas universal. Não podemos restringir a ficção de Aldo a pretexto de diferenciar o romance regionalista – rural - do urbano. Se o fizermos, dessa maneira estaríamos cometendo um equívoco. Grandes escritores de renome mundial também são ligados à terra-berço e falaram de suas localidades específicas, como o próprio Garcia Márquez, que era do interior, reportava-se ao interior, mas sua ficção é universal. O mesmo acontece com a narrativa de Aldo Lopes de Araújo, ou seja, ele apenas usa seu chão simbólico para desenvolver suas histórias.

Sobre o “O Dia dos Cachorros” escreveu o jornalista e crítico literário Nelson Patriota :

“Não é preciso enfatizar que esse novo romance de Aldo Lopes é tributário do realismo mágico consagrado pelo colombiano García Márquez com “Cem Anos de Solidão”, entre outros, fermento que vem azeitando inúmeros similares, com variados graus de êxito e muitos insucessos. Influência que, em si, não constitui um óbice, se lembrarmos que o princípio estabelecido por Harold Bloom e reiterado por outros críticos, assevera que nenhum autor cria a partir do nada; todo texto comporta seus intertextos, seus pré-textos etc”

No ano de 2006 Aldo Lopes participou da coletânea “Contos Cruéis: As Narrativas Mais Violentas Da Literatura Brasileira”. Como o próprio título sugere, trata-se de uma coletânea de contos que tem um foco muito preciso: a crueldade e a violência, tanto física quanto psicológica, no cotidiano dos brasileiros urbanos. O trabalho foi organizado por Rinaldo de Fernandes e publicado pela Editora Geração. “Neste livro a polifonia alcança resultados maravilhosos, que reafirmam a qualidade de nossos ficcionistas contemporâneos”, escreve Linaldo Guedes na apresentação do livro. “Contos Cruéis”. Além do organizador, vários dos autores participaram do



lançamento, entre eles Lygia Fagundes Telles, Nélide Piñon, Luiz Fernando Emediato, Ignácio de Loyola Brandão, Marçal Aquino e Nelson de Oliveira.

No ano de 2007, Aldo Lopes de Araújo, publicou “Zé, a Velha e Outras Histórias”, livro de contos em que se confirmam as suas qualidades ficcionais.

Em 2008, Aldo reescreveu o clássico conto “Uns braços” de Machado de Assis, para o livro “Capitu Mandou Flores”, (Geração Editorial) antologia que celebrou os 100 anos da morte do nosso maior escritor. Nela, reuniram-se, entre outros trabalhos, “contos recriados” por vários escritores brasileiros - todos baseados em textos originais do autor de Dom Casmurro - como Moacyr Scliar, Lygia Fagundes Telles, Hélio Pólvora, Deonísio da Silva, o próprio Aldo Lopes de Araújo, entre outros

Em 2010, Aldo foi distinguido pelo Ministério da Cultura com a “Bolsa Funarte de Criação Literária”, proposta de fomentar criações literárias inéditas. O autor concorreu com cerca de dois mil candidatos e recebeu prêmio do Ministério da Cultura pela obra intitulada ‘A Dançarina e o Coronel’, tendo alcançado primeiro lugar dentre os nordestinos.

Publicado em 2014, “A Dançarina e o Coronel”, contém uma narrativa que traz, novamente, como cenário, a cidade paraibana de Princesa Isabel, com histórias que praticamente se unem umas às outras, a cada capítulo, fazendo do livro uma espécie de romance *sui generis*. Consideramos “A Dançarina e o Coronel” uma mistura de ficção e fatos reais, numa obra que tem praticamente o mesmo nível qualitativo do romance anterior do autor, embora, em nossa opinião, seja menos envolvente. Nessa obra o autor paraibano demonstra uma grande concisão estilística e imensa habilidade para a narrativa ficcional com uma linguagem densamente poética. Algumas vezes o enredo é penalizado pela necessidade de recriar a paisagem quase como num quadro realista.



Em 2012, “O Dia dos Cachorros”, foi relançado pela Bagaço, numa edição revista, ampliada e com ilustrações de cenas sertanejas, além de um estudo crítico de Carlos Newton Júnior e um texto de apresentação de Ariano Suassuna. Sobre o romance Ariano Suassuna anotou : “Tudo aquilo que repercutia no meu sangue tinha que repercutir como de fato repercutiu na minha literatura. E é com grande alegria, que vejo agora que ocorreu com Aldo Lopes algo semelhante ao que ocorreu comigo. Sendo ele neto de Manoel Lopes, o Ronco Grosso, Condestável do Reino de Princesa e homem confiável do Cel. José Pereira, Aldo faz do seu romance, O Dia dos Cachorros uma grande homenagem a todos aqueles que se uniram para fazer, de Princesa, um baluarte contra o autoritarismo da capital que queria impor aos líderes sertanejos, à força, uma visão de mundo inteiramente alheia à sua realidade — autoritarismo que foi decisivo, diga-se de passagem, para semear as discórdias que derramaram tanto sangue paraibano.”

Para o escritor e professor Rinaldo Fernandes, Aldo Lopes de Araújo está entre os melhores escritores brasileiros contemporâneos, como: Miguel Sanches Neto, André Sant’Anna, Milton Hatoum, Luiz Ruffato, Maria Esther Maciel, Bernardo Carvalho, dentre outros. Em se tratando de escritores nordestinos, o pesquisador reforça que, atualmente, Aldo Lopes de Araújo merece grande destaque ao lado de Antônio Torres, Francisco Dantas, Ronaldo Correia de Brito, etc. pois consegue manter um diálogo rico, não raro original, com essa tradição do nosso romance regionalista, todavia, sem perder o caráter da universalidade.

Para Wellington Pereira, professor da UFPB: “Por que ler o romance de Aldo Lopes? Porque nele se encontra a simbiose entre a gramaticalidade da literatura urbana e a sonoridade da cultura oral, das imagens sonoras e das sonoridades imagéticas de nossos cantadores de viola. Ousaria dizer que a narrativa de Aldo de Araújo pede para que o leitor se situe numa outra margem dos realismos mágico e fantástico: o realismo mimético. Tudo é verdadeiro em seu romance e, o que não é, se faz recriação. Isso faz de A dançari-

na e o coronel, Recife, Editora Bagaço, 2014, um Bildungsroman (romance de formação) de nossos alumbamentos com as magias entre o campo e a cidade, como atesta Raymond Williams, um dos principais críticos da literatura ocidental”.

Bráulio Tavares, compositor, escritor, tradutor, poeta e ensaísta afirma:

“A Guerra de Princesa é um dos grandes episódios épicos da história da Paraíba. Em 1930 o município de Princesa Isabel desafiou o governo do Estado, chefiado por João Pessoa, o qual tentava (muito compreensivelmente, do ponto de vista administrativo) evitar que o algodão paraibano fosse remetido direto para o porto do Recife, sem pagar impostos na Paraíba. A velha animosidade entre os coronéis sertanejos e os burocratas do governo precisou apenas dessa fagulha para pegar fogo.

Princesa pegou em armas, declarando-se “Território Independente”, com hino, bandeira, o escambau. e foi atacada pelas tropas do governo. Em julho daquele ano, o assassinato de João Pessoa pelo líder sertanejo João Dantas, por motivos mais pessoais do que políticos, espalhou a guerra pelo resto do Brasil. O conflito ganhou outra proporção, os sertanejos entregaram as armas e Getúlio Vargas virou ditador”.

Comentando sobre “O Dia dos Cachorros”, Hildeberto Barbosa Filho, um dos maiores críticos literários na atualidade, afirma em carta ao autor, depois publicada: “Em que pese o pano de fundo histórico calcado na Guerra de Princesa, o Sr. não faz romance histórico, porém legítima narrativa de ficção, portanto com ampla liberdade de transfiguração estética de fatos e personagens, aliás o que me parece peculiar a formas artísticas como esta. Não que os episódios históricos deixem de integrar a economia do texto. Ao leitor bem informado será fácil identificar eventos e pessoas com suas incidências referenciais, embora estas incidências se diluam pela lógica interna da narrativa, a seu turno, muito mais comprometida com os apelos da imaginação e da fantasia criadoras do que com a verossimilhança estreita da realidade. É preciso, assim, que o lei-



tor tenha cuidado: ao mergulhar nas águas revoltas dessa fabulação, assumo o bom senso de aceitar o pacto literário e se despir de suas vestes ideológicas. Até porque o perrepismo e o liberalismo estão mortos como eu! De outra parte, é curioso, e afirmo isto com o distanciamento crítico que minha singular condição me confere, como a literatura, senhora de caminhos inesperados para penetrar a geografia da realidade, pode nos ajudar a compreender melhor os fenômenos da história!”

Hildeberto Barbosa Filho é um dos maiores entusiastas da ficção de Aldo Lopes de Araújo e desde a sua estreia na “Coletânea de Autores Paraibanos”, quando já afirmava que ele era um escritor consciente do seu *metier*, e um grande exemplo de como se faz uma prosa com economia verbal.

Além dos pesquisadores e críticos citados anteriormente, vários escritores elogiaram a prosa de Aldo, como Carlos Newton Júnior, Walter Galvão, Sergio de Castro Pinto, Ângela Bezerra de Castro, Gonzaga Rodrigues, Humberto de Almeida, Paulo Bezerra, Antônio Barreto Neto, Ronaldo Cagiano Barbosa, dentre muitos outros.

No Rio Grande do Norte seus livros foram bem recebidos, e elogiados por intelectuais e literatos como Nei Leandro de Castro, Manoel Onofre Jr., Nelson Patriota, Woden Madruga, Humberto Hermenegildo de Araújo, Tácito Costa, Osair Vasconcelos, Demétrio Diniz, Tarcísio Gurgel, dentre outros.

Aldo Lopes de Araújo participou de coletâneas publicadas no RN - “Humor no Conto Potiguar”, organizada por Manoel Onofre Jr., livro que tem como foco principal, autores nascidos ou radicados no Rio Grande do Norte, que tenham trabalhado o humor e o riso em suas narrativas; e “Novos Contos Potiguar”, organizada pelo jovem escritor mossoroense Thiago Jefferson Galdino, que trouxe, em sua maior parte, escritores experientes, com contos inéditos. Aldo também participou do livro “Impressões Digitais”, por nós organizado – coletânea de entrevistas revelando o pensamento de escritores sobre diversos assuntos.



Escritor, ainda, sem a projeção nacional que bem merece, Aldo Lopes de Araújo, sem dúvidas, é um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea. Em sua narrativa ficcional, destacamos relevantes aspectos não apenas do sertão nordestino em geral, mas da própria natureza e psicologia do homem sertanejo, afora outras temáticas. Aldo Lopes de Araújo é um hábil artesão da escrita, com seu texto enxuto, econômico de palavras, sabe dizer muito com pouco, cortando os excessos, até atingir a elegância precisa e característica, marca da sua ficção, onde a forma harmoniza com o seu tema. Não vemos diferença, por exemplo, da ficção dele para o que tem sido feito de melhor no Brasil, na atualidade; a única “diferença” é que ele não foi publicado ainda por uma grande editora, que possa fazer com que seus livros cheguem aos quatro cantos do país.

THIAGO GONZAGA é escritor. Mestre em literatura comparada pela UFRN, autor de “Presença do Negro na Literatura Potiguar”, “Os Grãos – Ensaio Sobre Literatura Potiguar Contemporânea” e outros livros.



SABOREANDO A LEITURA DO “NATAL DE ZÉ ZUS”

Padre João Medeiros Filho

O poeta **DIÓGENES DA CUNHA LIMA** leva-nos a meditar sobre as palavras do grande **SANTO AGOSTINHO**. Este insistia junto aos padres de sua diocese: *A teologia e a poesia devem ser ousadas e criativas*. Ambas transcendem a linguagem humana e nos aproximam do Mistério. Assim, pode-se encontrar Deus. Neste sentido, poesia e teologia são divinas e transcendentais, manifestando traços da essência do Infinito. Seguramente, o poético é profético. Na medida em que o poema ultrapassa o humano, desvela o Eterno. Torna-se profético, na pura acepção semântica e teologal, revelando Deus.

Neste livro, Diógenes cria e inova, recontando de modo encantador a história do nascimento de Cristo, situando-o nesta Cidade do Natal. Torna contemporâneos personagens de diferentes períodos da história. No centro, está Cristo – atemporal e Eterno – que poderá ser situado cronologicamente ao lado de Agostinho, Francisco de Assis, Pedro, Antônio etc. O cristianismo é essencialmente a religião do Verbo Encarnado. *E Deus se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1, 14). Isso é teológico, além de ser poético.

O livro, na intenção do autor, tem o objetivo de atrair crianças para um fato histórico, porém sempre atual. Jesus continua nascendo. E vem ao mundo, trazendo alegria, bondade, amor e esperança. Como **EXUPÉRY** (em “O Pequeno Príncipe”), Diógenes, dedica seu livro à eterna *criança que há em nós*.

Nesta obra, nosso estimado amigo envereda pelos caminhos da literatura cristã. Desde a cultura hebraica e bíblica, perpassa pelo cristianismo a presença forte de metáforas, alegorias, metonímias e outras figuras. O **MESTRE** falava em parábolas, afirmam os evangelistas (cf. Mt 13, 10-15). Sendo Deus o Indescritível, a forma mais prática e eficiente de manifestar os seus traços é comparabili-



dade. O Mistério não é o inatingível, mas o inesgotável pela linguagem linear. **MARTIN HEIDEGGER** dizia que *o Mistério é o que se conhece fora das possibilidades e dos limites do dizer*.

Natal de Zé Zus situa-se na tradição das produções literárias dos primeiros séculos da história cristã. De lá saíram ricos textos, alguns, posteriormente, chamados de Evangelhos Apócrifos. São produções circunstanciadas de criatividade e ficção, fortes em mensagens, cujo objetivo consistia em sensibilizar os fiéis daquela época. O autor recria sua narrativa com figuras e imagens fascinantes, que nos aproximam do Mistério.

O poeta Diógenes apresenta-nos um texto de fé. E esta não é uma questão de palavras. Ela é a linguagem divina nos lábios humanos. Mostra-nos nas páginas do Natal de Zé Zus a catolicidade, isto é, Cristo presente nas nossas diferenças humanas, na multiplicidade de vidas e culturas.

Queremos destacar a vivacidade e o clima de encantamento presentes em sua narrativa. Faz-nos lembrar um teólogo evangélico, quando exclamou: *Fujam daqueles que têm certezas. Eles têm gaiolas em suas mãos e em seus corações. Os pássaros que mantêm presos, são aves empalhadas. São ídolos*. Somos livres para pensar, descrever Cristo e amá-lo. Diógenes quis aproximá-lo de nós, pois acredita, partindo de seu saber e sua fé, que Deus caminha conosco. Não somos solitários, mas solidários, e talvez seja essa a maior novidade do pensar cristão.

O autor parte do cotidiano natalense, sendo impregnado e envolvido pelas origens do cristianismo. E assim, somos contagiados pela beleza e alegria dos personagens em sua narrativa. Infelizmente, o tempo rouba-nos as coisas e as pessoas que amamos. Vão-se arbustos e rochedos, riachos cristalinos, entes queridos... Vamos nós. No entanto, Deus existe para nos curar da saudade. E Zé Zus renovará tudo, pois Ele carrega a força do Espírito.

Deus está bem perto de nós. É o núcleo deste livro de Diógenes. Nada de ausência divina e sobrenatural. Aqui se encontram o poeta potiguar e o vate gaúcho, **MÁRIO QUINTANA**:



Se as estrelas são inatingíveis, isso não é motivo para não querê-las. Que tristes seriam os caminhos, se não fosse a mágica presença das estrelas.

Cunha Lima (como **FERNANDO PESSOA/CAIEIRO** em “O guardador de rebanhos”) tem a preocupação de mostrar também um Deus criança, que brinca conosco. E os que brincam são incapazes de fazer maldade. E deram o nome de Zé Zus a essa criança sonhada, que haveria de nascer!

Este livro é uma esperança para o mundo triste e violento, no qual vivemos. Por isso, não podemos esquecer o que escreveu **ADÉLIA PRADO**: *a poesia é a serva da esperança*. O autor descreve o nascimento do Príncipe da Paz, nos dias atuais. E cabe dizer que a esperança é como uma estrela. Somente aqueles que caminharam nas trevas, são capazes de vê-las!

SÃO FRANCISCO DE ASSIS foi o homem do presépio: metáfora do nascimento de Cristo. E Diógenes, poeta, cria uma nova manjedoura para o Filho de Deus. E nada melhor para situar a poesia do que a paráfrase de **RUBEM ALVES** sobre o prólogo do Evangelho de João:

No princípio, antes que qualquer coisa existisse, antes mesmo que houvesse o Universo, o que havia era Poesia. Deus era Poesia. E a Poesia era Deus. Deus e a Poesia eram a mesma coisa. Depois, Deus criou as estrelas para com elas, escrever os seus poemas no céu.

Natal de Zé Zus é uma forma renovada de poesia e teologia!

NATAL (RN), festa da Natividade de São João Batista de 2018.

JOÃO MEDEIROS FILHO é sacerdote católico, membro do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte. Integrante da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

A POÉTICA DO ENVELHECIMENTO NOS POEMAS “AUTORRETRATO”, DE SINHAZINHA WANDERLEY E “POEMA DO ENVELHECER”, DE MARIA EUGÊNIA MONTENEGRO

Denise Coutinho de Souza

INTRODUÇÃO

O Romantismo chegou ao Brasil em 1836, seguido pelo Realismo, Naturalismo, Parnasianismo (1881), Simbolismo (1893), Pré-modernismo (1910), e Modernismo (1922). Entretanto, no Rio Grande do Norte estas escolas literárias demoraram um pouco mais a surgir, devido a escassa literatura que chegava às terras norte-rio-grandenses. Esta situação fez com que encontrássemos na literatura produzida no RN, com quase uma década depois da semana da arte moderna (1922), elementos ligados ao Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo. Este cenário era comum não apenas no RN, mas em boa parte do país, pois as maiores questões culturais eram, segundo Alves (2014, p.15), “[...] pouco debatidas ou atualizadas, centradas na escassa elite nacional, essencialmente a do Rio de Janeiro (então, capital do país), como centro de irradiação cultural, que possuía os ímpetus de ler e discutir a arte desde o século XIX, o que inclui a literatura [...]”. Foi neste cenário, ainda no século XIX, que nascia em 30 de janeiro de 1876, em Açú, a poetisa Maria Carolina Caldas Wanderley, que se tornou conhecida pelo apelido Sinhazinha, filha do primeiro médico e romancista do Rio Grande do Norte, Luís Carlos Lins Wanderley. Sinhazinha Wanderley dedicou-se inteiramente à literatura e ao magistério, mantendo em sua casa uma escola para crianças. A escritora teria sido precursora do ensino moderno em Açú. Toda a obra poética de Sinhazinha Wanderley é encontrada em praticamente todos os jornais e revistas da época no estado, pois a mesma participava ativamente da vida cultural e intelectual do seu tempo, entretanto, nunca se casou ou teve filhos. A escritora faleceu em 1954.



Trinta e nove anos depois (1915), nascia na cidade mineira de Lavras, a poetisa, ficcionista, artista plástica e pesquisadora, Maria Eugênia Montenegro, que ao se casar, aos 23 anos, mudou-se para o Rio Grande do Norte, indo morar em uma fazenda no município de Ipanguaçu, onde se dedicou à pintura e literatura. A escritora colaborou com contos e poemas em muitos jornais do Rio Grande do Norte, Minas Gerais e Pernambuco, e outros de Açu. A maior parte de suas obras são direcionados ao público infantil e às tradições. Foi diretora de um colégio em Açu, prefeita de Ipanguaçu e pertenceu à cadeira 16 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Devido a participação cultural e intelectual ativa de Maria Eugênia Montenegro, a escritora passou a ser considerada Norte-Rio-Grandense. Faleceu em 2006.

Temos duas escritoras extremamente importantes para o cenário da literatura no Rio Grande do Norte; partindo disso, apresentaremos de cada uma delas um poema com a temática semelhante. Será feita a análise da abordagem das escritoras e da estrutura recorrente em cada um dos poemas, contrapondo as semelhanças e diferenças devido ao estilo proposto que remete a algumas características de escolas literárias distintas.

O POEMA TRADICIONAL DE WANDERLEY, O VERSO LIVRE DE MONTENEGRO E O ENVELHECIMENTO DO EU LÍRICO

É importante, antes de começar a análise dos poemas, posicioná-los de acordo com as escolas literárias presente em cada um dos tempos, apesar de, como disso anteriormente, aqui no RN, por exemplo, o Modernismo demorou um pouco mais a chegar devido a insuficiência de literatura no estado e ao provincianismo dos autores da época e à falta de visão ou mesmo de coragem¹. Sinhazinha Wanderley nasceu durante o romantismo, entretanto, quando começou a escrever, o Brasil já passava pela influência do pré-modernismo. Maria Montenegro nasceu durante o pré-modernismo, e passou a escrever durante o período modernista no Brasil, e no decorrer da era

1 ALVES, Alexandre. Poesia submersa: poetas e poemas no RN 1900-1950. v. 1. Mossoró: Queima-Bucha, 2014.

atual, qual chamamos de contemporaneidade, que Barthes afirma ser “o intempestivo”, ou seja, feito fora do tempo.

O assunto tratado pelas duas escritoras norte-rio-grandenses nos poemas selecionados é o envelhecimento. Este assunto que vem sendo abordado na literatura há muito tempo, pode ser considerado polêmico dependendo da forma como é focado. Escritores como Gabriel García Márquez, aborda de forma complexa em suas obras ficcionais, mas, e na estrutura de um poema? Como isso ocorre? Na poesia o que se percebe é que o próprio eu lírico se coloca na condição proposta, que aqui seria na condição de envelhecido, idoso. No poema “*Autorretrato*”, de Sinhazinha Wanderley, percebemos um certo tom irônico, contribuindo para distingui-la de outras poetisas contemporâneas do mesmo período. Observemos o poema a seguir:

Eu sou um ser pequeno, amorenado,
De óculos ao nariz e pisar manco,
O cabelo cortado e todo branco,
Sou mesmo um tipo amarmotado.

Trajo vestido azul já desbotado,
Nunca rio, meu riso não é franco,
Evito tropeçar nalgum barranco
Por ter um pé já quase deslocado.

Uso tênis, um par em cada mês,
Eu os compro a Xandu a cada vez
Que os outros estão esburacados.

Passeio nas calçadas, pau na mão,
Procurando fazer a digestão
Quando engulo à tardinha algum bocado.

(WANDERLEY apud DUARTE; CUNHA. 2013, p.76)



Podemos observar neste poema que a escritora traz em seus versos características físicas, de personalidade e até mesmo o modo como eu lírico se veste. Percebemos que se trata de um eu lírico já envelhecido quando diz “cabelo cortado e todo branco”, “passeio nas calçadas, pau na mão”. De pau na mão podemos fazer a leitura de que seja uma bengala que é um instrumento muito utilizado por idosos. Características físicas temos “eu sou um ser pequeno, amorenado”, “e pisar manco”, “um pé quase deslocado”.

Ao dizer isso, remete-nos que a criança, o jovem, tem o riso fácil, diferente do idoso, seu riso é “franco” por ele rir quando de fato acha engraçado. Como disse anteriormente, prevalece uma certa ironia no poema de Sinhazinha Wanderley, isto porque ao trazer para o eu lírico a condição de velho, ela traz para esta situação algo engraçado como “amarmotado” (que podemos considerar o único termo moderno) quando se refere ao seu cabelo branco cortado, a sua estatura, cor de pele, ao utilizar uns óculos, ao pisar manco. O que seria esse amarmotado? Não se encontra o sentido dessa palavra, mas de acordo com o uso popular, chega-se a conclusão de que seja alguém desengonçado, ou seja, que se encontra em um mau estado. A ironia seria o eu lírico declarar-se “amarmotado” devido ao seu estado de velhice, mas esse estado não necessariamente significa que ela esteja em uma condição ruim.

A estrutura do poema de Sinhazinha Wanderley remete aos poemas clássicos (soneto). Nota-se também que há no poema rimas, nas quais o primeiro verso rima com o quarto (rimas interpoladas), e o segundo com o terceiro (rimas emparelhadas), possuindo a métrica fixa. Apesar da escritora ser considerada contemporânea na *Antologia de Escritoras do Rio Grande do Norte* (2013), organizada por Constância Lima Duarte e Diva Maria Cunha Pereira de Macedo, o seu poema não remete a um escrito moderno.

Contraopondo-se à estrutura do poema de Wanderley, o de Maria Eugênia Montenegro, possui uma métrica livre, entretanto, com rimas. Vejamos o poema seguinte:

Olho-me no espelho,
Não me canso de me olhar.
Aquele que procuro se escondeu
Onde? Em que lugar?

E o tempo não perguntou a mim
Se desejo ou não envelhecer assim.

Fico me olhando sem entender
O porquê das rugas, dos olhos baços,
E os cabelos brancos e dos flácidos braços.

E o tempo não perguntou a mim,
Se desejo ou não envelhecer assim.

Meu olhar é tão triste,
Tudo é triste ao redor de mim.
Se pudesse o espelho virar
E do outro lado minha face encontrar!

Mas o espelho não perguntou a mim,
Se desejo ou não envelhecer assim.

(MONTENEGRO apud DUARTE; CUNHA, 2013, p.262)

Na abordagem do tema em comum com o poema de Sinhazinha Wanderley, também há um diferencial. Montenegro não traz a ironia como no poema de sua colega norte-rio-grandense. Con-



tudo, ela aborda de um modo pessimista o envelhecimento, de tal modo que o eu lírico não aceita o que está vendo em seu espelho. Ao observar o seu reflexo o eu lírico procura algo que não encontra: “Aquele que procuro se escondeu onde? Em que lugar?”. Percebe-se que procura a juventude, e que se trata de alguém envelhecido quando relata “E o tempo não perguntou a mim se desejo ou não envelhecer assim.”. Essa segunda estrofe de inconformismo se repete três vezes durante todo o poema.

Logo adiante confirma traços de uma pessoa idosa ao dizer “Fico me olhando sem entender / O porquê das rugas, dos olhos baços, / E os cabelos brancos e dos flácidos braços.” O eu lírico afirma a sua não aceitação e a tristeza em se ver daquele modo em seu espelho na quinta estrofe: “Meu olhar é tão triste, / Tudo é triste ao redor de mim. / Se pudesse o espelho virar / E do outro lado minha face encontrar!”. Percebe-se a partir do quarto verso dessa quinta estrofe que o eu lírico não se reconhece na visão que está tendo de si mesmo, pois afirma que se pudesse apenas virar o espelho e encontrar a sua real face, certamente o faria. Ao dizer “E do outro lado minha face encontrar!”, o pronome possessivo “minha” afirma que o eu lírico não se identifica, como se o que ele estivesse observando não fosse a sua face, visto que se encontra perdida possivelmente dentro do próprio espelho.

CONCLUSÃO

Diante das considerações tecidas até aqui, concluímos que Sinhazinha Wanderley e Maria Eugênia Montenegro foram duas escritoras de importância para a literatura Norte-Rio-Grandense, contemporâneas pela época, entretanto, há diferenças na construção de seus poemas. Wanderley se diferencia pelo tom irônico, mas que enquadra seus versos em uma das métricas fixas para o soneto, sendo a de seu poema o petrarquiano. Não há no poema “Autorretrato” indícios do Modernismo, mesmo a autora tendo presenciado o marco inicial do Modernismo no Brasil, o que é justificável, já que a nova literatura demorava a chegar nas terras norte-rio-grandenses, ficando então no estilo literário passado.



Montenegro se diferencia de Wanderley, pois seu poema é de métrica livre e na abordagem do tema a escritora foi pessimista. Há uma espécie de não aceitação em seus versos, contrapondo-se à ironia contida nos versos de Sinhazinha Wanderley. No estilo ao qual Montenegro se propõe, os seus versos podem ser considerados modernos, pois há o rompimento com o tradicionalismo no quase abandono das formas fixas e estéticas.

Em vários dos seus outros poemas, Sinhazinha Wanderley se destaca pelas descrições realistas, o que a diferenciava das escritoras de sua época que traziam em seus versos uma certa carga romântica; entretanto, no poema analisado, Wanderley é adepta de um modelo tradicional, que era o mais frequente naquele período. Diferentemente, Montenegro traz em seus versos uma certa liberdade na estrutura, apesar de manter na maioria de seus versos as rimas. As duas escritoras são exemplos do processo que a literatura norte-rio-grandense percorreu, demonstrando então as diferentes formas do fazer poético, tanto na estrutura quanto na abordagem de temas compartilhados.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alexandre. **Poesia submersa: poetas e poemas no RN 1900-1950**. v. 1. Mossoró: Queima-Bucha, 2014.

DUARTE, Constância Lima; CUNHA, Diva. **Escritoras do Rio Grande do Norte: antologia**. 2 ed. – Natal (RN): Jovens escribas, 2013.

FLORES, Conceição. **Dicionário de escritores norte-rio-grandenses: de Nísia Floresta à contemporaneidade**. – Natal: Edunp, 2014.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. - Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2009.

DENISE COUTINHO DE SOUZA é professora, graduada em Letras pela Universidade Potiguar. O artigo foi apresentado no curso de pós-graduação em Literatura e Cultura Norte-rio-grandense na UFRN, sob orientação do Professor Dr Alexandre Alves.



MARIA DO SANTÍSSIMO: QUANDO A ARTE É IMANÊNCIA

Márcio de Lima Dantas

Se alguém fosse escrever uma história das artes plásticas no Estado do Rio grande do Norte teria que obrigatoriamente dar o seu a seu dono, ou seja, outorgar o real valor ocupado por Maria do Santíssimo. Em matéria de arte há que se buscar categorias que são da disciplina conhecida como Antropologia do Imaginário. Assim sendo, a pintora de São Vicente teria que ocupar o lugar que lhe compete, uma vez que uma honesta e não adulatória análise da sua profícua e bela obra sugere passar por categorias daquele domínio do conhecimento. Com efeito, Maria do Santíssimo teria que ser considerada como nossa mais importante artista plástica. Por quê? Porque sua obra emana de uma necessidade individual e coletiva de expressão, uma imanência que por finda a força teria que se plasmar ante qualquer empecilho ou vicissitude.

Um filósofo de tradição aristotélica talvez dissesse que as pinturas aparentemente ingênuas de Maria do Santíssimo resultam de uma energia social buscando de qualquer maneira ser dínames, signo que advém das regiões pelágicas da mente e não pede permissão a quem quer que seja para plasmar-se em forma de arte.

Do ponto de vista da composição, constatamos uma pintora com pleno domínio do espaço a ser ocupado por elementos tais como burros, capelas, guirlandas de flores e diversas espécies de rosas, cravos, cravinas, dedais-de-ouro, ramagens, como melindres ou ervilhas-de-cheiro. Sim, há inconscientemente uma noção do horror vacui tão caro ao barroco enquanto estilo histórico, quer dizer, todo o espaço da tela deve ser ocupado. Não parece ser à toa que sua pintura tinha um caráter funcional, servia para forrar baús e malas de madeira. Podemos cotejar, sem margem de erro, a pintura de Maria do Santíssimo com a imagética barroca da pintora portuguesa Josefa de Óbidos, cujos



quadros se regem por uma lógica ornamental, decorativa, mesmo a sua pintura sacra não foge a esse raciocínio. Com efeito, há uma forte presença do Barroco na obra de Maria do Santíssimo.

Maria do Santíssimo não tinha consciência do que fazia, tampouco da qualidade da sua obra, nem por isso deixa de ser, talvez, tendo em vista um caráter, como aludimos, antropológico, nossa mais importante artista plástica. Não à toa a atenção que despertou em críticos eruditos e rigorosos como Walmir Ayala e Roberto Pontual, que veio conhecê-la pessoalmente.

Com certeza, como boa sertaneja, deve ter franzido muito os olhos quando diante de diletantes ou críticos de arte, o seu interlocutor ao nomear às suas cartolinas pintadas com pincel de talo de folha de coqueiro e usando anilina para colorir os utilitários forros de baús que o esposo vendia anonimamente nas feiras sertão a dentro, insistia em rubricá-las com uma nomenclatura e ela outorgada.

Se Dorian Gray é o nosso maior artista plástico, em quantidade e qualidade, Newton Navarro ocupa o lugar de uma importância cimeira na história da evolução de formas no nosso circuito das artes, a saber, foi quem mais contribuiu para que chegássemos a grandes artistas como Vicente Vitoriano e Ítalo Trindade (separando, com puro efeito didático, a linha e os ângulos curvos, dionisíacos, nervosos, de Vitoriano, está para Dorian, como os ângulos retos e abstratos de Trindade está para Navarro). Nesse sentido, a obra de Newton Navarro é superior a de Dorian Gray, o que este fez foi consolidar o que aquele houvera apontado como vanguarda e horizonte, onde as nossas artes plásticas estariam em sintonia com o espírito da época.

Por fim, gostaria de lembrar a importância deste livro: um resgate requintado, fiel e honesto de reconhecimento àquela que é o mito fundante, matriz e nutriz, de nossa tradição naif: Maria do Santíssimo. Já era tempo de termos uma obra que vulgariza e democratiza a biografia e faz conhecer a opulência barroca das obras dessa singular mulher eivada de ethos sertanejo.

MÁRCIO DE LIMA DANTAS é poeta, escritor e professor da UFRN. Autor de *Metáfrase*, *O sétimo livro de elegias* dentre outros livros.



AS SETE FACES CÚBICAS DO SÁBADO

Jarbas Martins

*a Manoel Onofre Jr. e Demétrio Diniz,
contadores de histórias de feira no Sertão*

O sábado, como um cubo, gira lentamente em meus dedos, aguça-me o olfato e os outros meus sem sentidos. O cheiro da feira dos sábados... Ao lado do velho Mercado de Angicos, pontualmente, nas manhãs azulíssimas e sequer sem um fio de nuvem - a alegria do coentro, do alho e da cebola. E o cheiro curtido das alpercatas de couro dos sertanejos, metidos em suas roupas de mescla. Mais perturbadora, porém, como uma turba de pombas assustadas, fugindo dos seus abrigos, nas velhíssimas torres da Igreja, era a presença de algo mais sublime. Era o acontecimento, que me acontecera, há anos, de um milagre - e que guardaria só para mim, e não contaria a ninguém. Menino franzino, temente a Deus e seus servos terrestres, em uma tarde eu fiz girar as altíssimas torres da Igreja do Padroeiro São José, somente tocando com minhas mãos inocentes suas paredes e olhando para um céu de nuvens vertiginosas. Perturbadora também, para mim, porque escandalosamente pecadora, era a Feira, que conheceria no entrar da puberdade e seus sábados festivos e embriagadores - a beberagem rolando pelos balcões impunes das vendas do Mercado, e pelas mercearias promíscuas em seu entorno...

Meu avô Dorico - que insistia, por princípios morais, em não vender bebidas alcoólicas - não sabia que algo, mais tentador e grave para seu neto, era presenciar moças acompanhadas de suas mães, comprando um perfume (marca "Dirce"), em seu modesto e asseado ponto de comércio. O cobiçado produto vinha em um frasco pequeno e fino, como um dedo mindinho, tampado por uma rolha de borracha, de cheiro forte e adocicado. E uma diversidade de mer-

cadorias, que me deixava tonto: brilhantinas, que eu gostaria de ter usado, por essa época, se rapaz crescido fosse. E pentes e espelinhos com o escudo do Vasco ou do Flamengo. Luxo dos vaidosos rapazes, moradores dos sítios e apreciadores do futebol - modernismo que já chegara aos campos semiáridos de toda a região rural. Objeto, também, de minha aguçada atenção, era um cubo de madeira, equivalente a um litro, e assim era chamado. Medida honesta para meu avô, nos tempos em que não havia fiscalização de pesos e medidas. E que não fazia falta ao velho Dorico, pois o fiscal era ele mesmo, e a palavra, digna da sua confiança, do fornecedor. Uma das faces do cubo (ou litro) mostrava-se aberta, para que a farinha, delícia dos sertanejos, alvíssima se derramasse.

Franklin Jorge, escritor, poeta e pintor, a exemplo de Henri Michaux que era também escritor, poeta e pintor, e que batera pernas, como o inquieto belga, por secas e mecas – Franklin, em suas andanças por Angicos, conhecera a venda de Seu Dorico. E se deslumbraria com o seu ritualístico e prazeroso gesto, ao vender aquele produto tão ambicionado pelos humildes fregueses. A propósito disso, Franklin Jorge, em conversas comigo em Natal, no lendário Café São Luiz, me lembraria os versos de sua amiga Myriam Coeli, nobilíssima poeta de “O Livro do Povo”, obra tocada por um tom místico e salvacionista.

“para enganar a fome
há libações de farinha
que se maculam ao contato de mãos cansadas”

Este flashback de tristezas, carências, sede e fome, nas feiras do Sertão, faz-me doer a memória, minhas retinas e mãos igualmente cansadas.

A Igreja, tão próxima ao Mercado e sua famosa Feira, trazia como emblema a sacrossanta profanação. Tão intensa que, vez em quando - frequentador e voyeur naquele espaço, onde a trapaça pre-



ponderava - buscava o confessor ou o conselho de seminaristas, primos mais velhos que eu (mais velhos e inveterados pecadores, descobriria isto tempos depois). Mas a dobradinha pecado/inocência, somente vim descobrir com o tempo, por artimanhas de Deus e do Diabo. Trapaça! - aprendi o sentido desta palavra com Acrísio Imperial, negro que venceria o preconceito endêmico dos sertanejos, graças ao fascínio e respeito que exercia sobre os angicanos. Professor e depois advogado rábula, era o dono de um conhecimento que ia da gramática às ciências esotéricas. Aprendera também a técnica de hipnotizar.

Somente assim, através do mestre Acrísio, que adotei como um irmão mais velho, aprenderia eu a usar, com mais propriedade, a palavra “trapaceiro”, em vez do arcaico “velhaco” - como apelidávamos um homem que instalara uma pequena mesa, em meio aos feirantes, para arrancar os tostões dos crédulos camponeses. Com um pequeno copo aonde escondia seus dados, e com uma perícia de gato ladrão, nos dedos e unhas, iludia os matutos, apontando-lhes, o riso matreiro nos lábios, sua condição de irremediáveis azarentos. Era a explicação que tinha como um trunfo para dizer-lhes porque eles sempre erravam. O número que eles escolhiam para apostar era invariavelmente outro. Não havia dúvidas quanto à ação desonesta desse sádico prestidigitador. Era como se o trapaceiro tivesse consigo, e colocasse, sem que ninguém visse, uma outra face inexistente no dado, jogado na mesa: a fraudulenta sétima face daquele pequeno cubo. Mas deixemos o pecado venial da fraude de lado, e passemos a outras incursões por estradas mais pecaminosas: as mortais infrações, verberadas no catecismo do Padre Manuel Tavares, intolerante com as pobres almas, desgarradas e carregadas de culpas. Como esta, por exemplo: uma mulher surda-muda, que costumava passear pela festiva e trêfega feira. Padecia de muitos distúrbios mentais. Atacada pelos delírios da esquizofrenia, tipificada à época, como “hebefrênica”, ou pela “histeria” – noções extraídas de uma popularizada e sebenta edição sobre Freud, Jung & Cia. Certo é que esta cristã conhecida apenas pelo seu apelido de “A Muda”, costumava se apaixonar por jovens. Quando passava por mim, na calçada do Mercado, talvez o seu único espaço disponível ao lazer, fincava



seus olhos lascivos nos meus, os seus gestos obscenos insinuando convites ao sexo ou ao namoro pelos becos da cidade.

Ora, o fogo do inferno seria o endereço certo para os libidinosos ou para quem se aproveitava de humilhados pecadores, no caso, uma desprotegida mulher doente. Coitado deste pobre pecador, disse para mim mesmo, assediado por tantas horrorosas tentações, naquela fase angustiada da adolescência. O pecado mortal, parecia, rondava a humanidade em cada recanto da feira. A simples presença de uma velha “rapariga” ali - Chica Coco, heterônimo que o Pecado Mortal lhe impusera, roubando-lhe o nome de batismo - já era o sinal do Demo, personificado. Imagine uma mocinha de vestido de chita, os seios, podia se deduzir, dos quais começavam o mundo, o céu e moviam os astros e outras estrelas, e podiam levar almas pubescentes para os infernos. E havia a linguagem maliciosa dos repentistas... E o cordelista lendo - a escatologia sempre presente, naquele mundo malassombrado do Sertão - o que de terrível aconteceria antes de o mundo se acabar. Sinais que aterrorizavam os beatos da feira, devotos de padre Cícero e seguidores de Frei Damião. O cordelista apenas lia a metade do romance, deixando os ouvintes impressionados. Se quisessem saber mais da escatologia do folheto, que o adquirisse, ora... E havia o mau exemplo espetaculoso do homem, que trazia cuidadosamente em sua mala, uma cobra dita venenosa. Esse outro explorador da fé pública, que dizia ter o “corpo fechado”, graças aos remédios miraculosos que vendia, era acolitado sempre por um velho que dava seus testemunhos de vítima de desastres de toda ordem, e como se salvara da morte: ingerindo, claro, a poção mágica do trapaceiro, seu mentor. Mais que nocivo, porém, aos meus quinze anos, levando-me a todos os pecados, “por pensamentos, palavras, obras e omissões” - era mesmo o cheiro adocicado do perfume que acompanhava a mocinha em seu tentador vestido de chita. Tinha visto a jovem pela primeira vez na venda do meu avô... Ah minhas noites de solidão, ao recolher-me em minha rede, numa noite de horizontes vazios, infensos a qualquer desejo... Durante muitos meses e anos aquela aparição jovem e anônima, vinda com certeza de um distante sítio do município de



Angicos, - alegrou e atormentou os meus sábados, e tentou-me a cometer o chamado “pecado solitário”, em que tantos adolescentes naufragavam, correndo o risco de irem para o inferno, depois de terem perdido o braço e a mão com que se masturbaram.

Passando, tempos depois, em Natal, a ter contato, através de leituras, com os ensinamentos de padres salesianos, e fazendo parte das ações pastorais da Igreja, deixaria de lado as velhas crenças dos sertanejos e aderiria ao pensamento iluminista e kardecista do herói Capitão Jota da Penha, angicano que, ao ingressar nas Forças Armadas, adotaria o Positivismo e conseqüentemente o ideário de Augusto Comte. Esse meu conterrâneo, nome da praça em que nasci, enfrentou - Quixote caatingueiro - os asseclas que seguiam o Padim Ciço, na Sedição de Juazeiro, e por lá morrera em combate. Dos ideais republicanos e salvacionistas do herói angicano cheguei à ideologia comunista de um ascendente meu - Miguel Trindade, glória para mim e motivo de escândalo e desgosto de avós, tios-avós e parentela afim e sem fim. Mas havia outros idealistas, filo-comunistas, aceitos em parte por cristãos, como o pedagogo e pensador Paulo Freire. Em suas andanças por Angicos, deixou um legado político que ainda hoje assombra os cavilosos beatos do extremado conservadorismo. Mas tudo estaria fadado a ser pó, e ao pó voltaria, como bradava, a Bíblia na mão, o pastor Guilherme. Até parecia que o pregador capa verde - impressão minha? - tinha razão. Os beatos e seus messias de feira desapareceram de vez, viraram poeira de redemunho e desapareceram assoviando na caatinga. Os tempos eram outros. A Educação era o caminho da salvação. Paulo Freire, de proféticas barbas longas, tinha se tornado angicano, pelo intenso trabalho que teve, com o pequeno séquito de jovens socialistas cristãos que o acompanhava, em sua missão revolucionária de alfabetizar o povo. A Feira de Angicos, aos sábados, seu medievalismo aterrador já não existia para mim. A Revolução Bolchevique passara a ser meu sonho, concreto, tangível, tão próximo, e disso não tinha nenhuma dúvida. Sempre que voltava à minha terra, procurava aprender com a experiência nova e menos jacobina, de militantes do Partido Comunista, o Partidão, ao qual desde jovem se filiara José



Moura de Vasconcelos. Casado com uma prima minha, em segundo grau, Ieda Martins – essa amizade, atada por um laço sanguíneo, me faria por pouco tempo simpatizante de Luís Carlos Prestes.

Velhos nomes de revolucionários tornavam-se íntimos dos meus atentos e esperançosos ouvidos: Prestes, Marighella, Vulpiano Cavacanti, Luis Maranhão Filho... Mas Eros me fascinava.

Alumbramentos e a mítica presença do Eterno Feminino não me deixariam sossegado. Nunca esqueci a jovem camponesa perfumada em seu vestido de chita. Penso hoje que aquela jovem trazia em seu corpo e espírito o charme da santidade. Um charme que também descobrira em Santa Terezinha do Menino Jesus. E na heróica Santa Joana D'Arc e na Santa Maria Egipcíaca. Todas elas traziam consigo a simplicidade, a aura, o sopro divino. E não a terrena notoriedade, o apego aos bens materiais, o culto ao Deus Dinheiro e a sua busca a qualquer preço.

As feiras do meu arcaico sertão traziam como emblema a Fama, essa cadela de luxo. Os miseráveis a buscavam sequiosos, os seus trapos como flâmulas na deserta paisagem. Bêbados, bufões em busca de bravatas e prostitutas em seus becos sífilíticos e mortais. Demoníacos trapaceiros marchavam à procura de algo que não tinham, em um mundo onde os poderosos, e só eles, valiam. E existiam. Rejeitavam todos, de forma brutal, o fato de ser Ninguém, quando muito aspiravam a serem vistos como cristãos. Um depreciador apelido os contentava. Eram destituídos da Fama, porque eram, na verdade “infames”, não mais que isso - Ninguém! Daí a nódoa de certa vaidade, a urgência desesperada desses párias de trazerem até eles a luz malsã da notoriedade, como necessidade de sobrevivência. O Homem da Mala, Luiz Cara de Burro, Zambóia, Carro Vêi, Parrucho - atendiam de bom grado por seus depreciativos e nada vistosos apelidos. O machismo podia se revelar como no apelido A Doida de Carneiro. Quem a chamaria pelo seu nome de batismo? Mas agregaram à alcunha o sobrenome Carneiro, do marido. Seu único filho, Zé Carneiro da Doida, morrera precocemente, vagando à procura de emprego pelas ruas de Natal, de for-



ma misteriosa. Quando os cruéis feirantes viam a “histérica” louca, acaboclada e gorda em seus trapos – tocavam no nome do seu filho, aos gritos – para ouvir os palavrões que a doce e maternal mulher atirava para o céu, onde parecia morar um Deus indiferente. Mas este, sim, com certeza derramou lágrimas quando a vimos sozinha, consolada, em frente à sua casa de taipa, cantando “A Casa do Sol Nascente” – versão, vulgarizada por Agnaldo Timóteo, de uma música de Bob Dylan...

A mocinha de chita e seu perfume, que exalava do seu corpo em flor, tentaria, tenho certeza, até o meu heróico anjo da guarda. Essa jovem, que nunca guardei seu nome, foi a minha primeira experiência com a embriaguez. O desregramento rimbaldiano dos sentidos, através da vida noturna pelos imundos quiosques e cabarés. Pensando, hoje, diria que essa jornada foi a minha experiência com a Santa Harmonia. E da humildade, legado do poeta e santo Francisco de Assis e do Papa Francisco, que daria à narrativa sobre o Inferno um sentido menos, muito menos aterrorizador. E me levaria ao contato inicial com uma palavra: Epifania. A presença do divino naquele chão sertanejo. E o culto a Maria. Meu pai, que foi um Congregado Mariano, teve uma grande influência sobre essa nova forma de pensar o mundo. Sofia, a parte feminina de Deus, passara a me iluminar, conduzindo-me por outras veredas. E revelando-me uma verdade. Deus, acima do pecado original dos machismos, era, é, eternamente será, jovem e mulher.

JARBAS MARTINS é Promotor de Justiça aposentado, poeta e escritor, autor de “Contracanto”, “14 versus 14” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



CLÁSSICOS DA CANÇÃO POTIGUAR

Manoel Onofre Jr.

Em seus tempos de cidadezinha, Natal, quando era noite de luar, tinha as ruas cheias de violões e cantos sentimentais. As serestas iam de madrugada a dentro, movidas a bate-bate e vinho quinado. O que mais se cantava sob as janelas das amadas eram modinhas e canções, cujo acento melancólico as vozes empostadas exageravam ao máximo. De todas estas cantigas, uma, especialmente, fez grande sucesso e tornou-se uma espécie de hino oficioso da cidade – é a “Praieira”, música de Eduardo Medeiros e letra de Othoniel Menezes. Quem não conhece, pelo menos, os primeiros versos?

Praieira dos meus amores,
Encanto do meu olhar,
Quero contar-te os rigores
Sofridos a pensar
Em ti, sobre o alto mar!
Ai! Não sabes que saudade
Padece o nauta, ao partir,
Sentindo, na imensidade,
O seu batel fugir,
Incerto do porvir !

Othoniel Menezes (1895-1969), cognominado Príncipe dos Poetas Potiguares, escreveu a Serenata do Pescador, em 1923, para celebrar o feito dos pescadores que efetuaram o raid de Natal ao Rio



de Janeiro, em jangadas. No mesmo ano, o poema foi musicado pelo compositor e instrumentista Eduardo Medeiros (1887-1961), tendo obtido grande sucesso, e logo ficou conhecido como “Praieira”.

Como afirma o musicólogo Gumercindo Saraiva, tanto o poeta Othoniel Menezes, quanto o compositor Eduardo Medeiros eram perfeitos seresteiros, de modo que souberam captar e transpor para a Praieira o espírito das antigas modinhas.

Afora modinhas, Eduardo Medeiros deixou vários choros, a valsa “Luar de Touros”, a marcha-frevo “As Pernambucanas”, entre outras composições.

Em seu livro *Praieira – A Canção da Cidade do Natal- 93 anos*, a pesquisadora Leide Câmara reuniu ampla documentação sobre a inspirada canção, a qual, diga-se de passagem, já conta com 26 gravações.

Tão popular e prestigiada, em Natal, como a “Praieira”, é a valsa “Royal Cinema”, de Tonheca Dantas. Indispensável no repertório de toda banda de música que se preze. Pequena obra-prima – e não é favor dizê-la assim-, faz jus à fama de que goza como a mais notável composição musical, de autor potiguar. Curioso é que, composta em 1903, somente foi divulgada onze anos depois.

O Royal Cinema, que lhe deu o nome, marcou época na Natal de ontem. Situava-se na esquina da Rua Ulisses Caldas com a Vigário Bartolomeu.

Num dos seus melhores trabalhos biográficos - *A Desfolhar Saudades - Uma Biografia de Tonheca Dantas*, o escritor Cláudio Galvão informa:

“Antes de iniciar o filme, tocava-se a valsa de Tonheca; ao terminar a sessão, enquanto os presentes se retiravam, tocava-se também e, assim, “Royal Cinema” popularizou-se, desde os pianos das famílias aos salões de bailes populares ou aristocráticos”.

Tonheca, apelido de Antônio Pedro Dantas, (1871-1940) era um homem do povo, autodidata, de muito talento e pouca ou nenhuma erudição. No entanto é patrono da cadeira Nº 33 da Aca-



demia Norte-rio-grandense de Letras, cujo primeiro ocupante, Prof. Oswaldo de Souza, musicólogo e compositor, afirma, em estudo citado por Veríssimo de Melo ; “... notamos que a maioria das suas composições é harmonicamente pobre, embora ele demonstre, por vezes, poder criador bem razoável, desenvolvendo com originalidade motivos rítmicos-melódicos, dentro de suas modestas possibilidades”.

Embora sem maiores conhecimentos sobre o assunto, damos o palpite de que os veios da música popular natalense provêm dessa tradição em que se inscrevem as duas peças citadas. Das bandas de música, com seus maestros compositores, e das rodas boêmias e seresteiras.

Todavia, vale notar que, com o advento do rádio, na primeira metade do século XX, novos gêneros, até então incipientes – o samba, a marchinha, o fox-trot, etc – fizeram-se sentir sobre a música da terra. Aliás, muito antes, em plena *belle époque* natalense, já alguns ritmos exóticos, como o fox-trot, - novidades que eram – causavam furor nos bailes da “sociedade”: o charleston, o two step, o rag time, o tango, etc.

NOSSOS CLÁSSICOS

Além dos dois compositores já mencionados, eis alguns outros expoentes, que podem ser considerados verdadeiros clássicos do cancionário norte-rio-grandense.

HERONIDES FRANÇA (1860-1926). É um dos grandes modinheiros potiguares . Criou músicas para poemas de Auta de Souza (“Olhos Azuis”, uma graça), Segundo Warderley (“O Poeta e a Fidalga”, com repercussão além das divisas do Estado), Gothardo Neto (“Ária Tristonha”) e outros bardos. Era, também, bom violonista. Jaz, injustamente, esquecido.

Os irmãos URIEL LOURIVAL (? – 1932) e JUNQUILHO LOURIVAL (1894- ?), honrando a linhagem seresteira, com suas valsas e canções dolentes, gravadas por Sílvio Caldas, Vicente Celestino, Orlando Silva, Francisco Petrônio, Nelson Gonçalves e outros



grandes intérpretes – informa o pesquisador Gumercindo Saraiva em artigo no jornal “Tribuna do Norte”, de 19-07-1981. São filhos de Lourival Açucena, cronologicamente, nosso primeiro poeta, também compositor, tido e havido como uma espécie de patriarca da modinha norte-rio-grandense.

Sobre Uriel Lourival a *Enciclopédia da Música Brasileira* dá sumário verbete, dizendo-o autor de modinhas, entre as quais, “Quando o Pensamento Voa”, e “A Ceguinha”; igualmente lacônico, o *Dicionário Houaiss Ilustrado- Música Popular Brasileira* (criação e supervisão geral de Ricardo Cravo Albin) repete a informação e diz que o compositor chegou ao Rio de Janeiro em 1900. Vasco Mariz, em *A Canção Brasileira*, apenas o menciona entre “outros compositores de certo relevo”, no capítulo “Velhos seresteiros e precursores”. Subestima-se Uriel, de cujo valor são exemplos a canção “Céu Moreno” (gravada e regravada várias vezes por Orlando Silva) e a valsa “Mimi” (gravada inicialmente por Sílvio Caldas, e regravada por Carlos Galhardo, Altamiro Carrilho, Carlos José, Dilermando Reis, Gilberto Alves, e Ivon Curi, entre outros intérpretes). Grande êxito, está visto. No entanto, o pesquisador Paulo Pimenta de Mello, em seu livro *Modinhas e Serestas- Valsas e Canções*, faz o seguinte reparo:

“Esta valsa, dotada de música atraente no melhor estilo da seresta melancólica, alcançou grande sucesso em sua época, não obstante a letra constituir o mais incrível amontoado de tolices que se possa imaginar”

De Junquillo Lourival nos dá notícia Edigar de Alencar, em seu livro *O Carnaval Carioca Através da Música*, que transcreve a letra do samba “A Miquilina” de autoria do poeta, sob pseudônimo Bacurau, em parceria com Antônio Rodrigues de Jesus. Este samba foi sucesso no carnaval carioca de 1921. Duas outras composições de sua autoria – informa Leide Câmara – também obtiveram boa receptividade de público: “Meu Caboclo”, canção patriótica, em parceria com Laurindo de Almeida (gravada, em 1942, por Orlando Silva) e “História de Mãe Preta” (gravada por Augusto Calheiros).



OLYMPIO BAPTISTA FILHO (1889-1942). Compositor, poeta, cantor e violonista. Menestrel nas noites enluaradas da Natal de ontem. Que o digam modinhas inspiradíssimas, como “Já não te lembra mais...”, em parceria com Gumercindo Saraiva, e “ Súplica”, com Ivo Filho, esta última, verdadeiramente, emblemática, exemplar, marcou época.

Segundo Cláudio Galvão, foi Olympio Baptista Filho o mais seresteiro de todos os poetas locais. Nele, o poeta “ está intimamente vinculado ao compositor e seresteiro”. Eram atividades inseparáveis, na época e ambiente em que viveu.

FELINTO LÚCIO DANTAS (1898-1986). Notável compositor e músico, natural de Carnaúba dos Dantas, mas projetado via Natal. Da estirpe de maestros já referida, autor de dobrados, valsas, peças sacras, etc., reunidas as principais em um álbum duplo, lançado pelo Centro Cultural do Mobral. Homem simples, profundamente ligado à terra, com a música no sangue.

RAYMUNDO OLAVO (1920-2001). Compositor , cantor e guitarrista, autor de sambas memoráveis, como “Normélia” (em parceria com Norberto Martins), que teve em Roberto Silva o intérprete por excelência. Outros grandes nomes da música popular brasileira gravaram composições de sua autoria, como, por exemplo, Ademilde Fonseca, Altamiro Carrilho, Abel Silva, Nelson Gonçalves, etc.

RESSONÂNCIA NACIONAL

Dois compositores potiguares destacam-se na História da Música Popular Brasileira. São eles, K-XIMBINHO (pseudônimo de Sebastião Barros - 1917 – 1980) e HIANTO DE ALMEIDA (1924-1964), o primeiro, filho de Taipu, e o segundo, de Macau, mas ambos natalenses de formação.

Quando se escreve sobre o Choro, sua história, seus valores, é imprescindível citar K-XIMBINHO, não só o compositor (‘Sono-



roso”, em parceria com Del Loro, e “Sempre”, foram incluídos na “Antologia do Chorinho”, LP de Altamiro Carrilho), mas também o músico, exímio tocador de clarinete e saxofone.

Ainda muito jovem, fez parte da banda de música de Taipu, vindo depois a integrar a banda da Associação de Escoteiros do Alecrim (Natal) e a da unidade em que prestou o serviço militar. (Eis aí mais um exemplo da importância das bandas como verdadeiras escolas de música). Em 1938 ingressou na Orquestra Tabajara, “com a qual ficou até 1942, quando se transferiu para o Rio de Janeiro” (*Enciclopédia da Música Brasileira*). Na capital cultural do País, K – XIMBINHO atuou em várias outras orquestras e tornou-se compositor respeitado. No auge de sua carreira artística, trabalhou como arranjador na TV Globo e integrou a Orquestra Sinfônica Nacional (Rádio MEC). Compôs valsas, marchas, dobrados, boleiros e sambas, mas é no choro que alcança lugar proeminente.

K-XIMBINHO teve composições de sua autoria gravadas por Ademilde Fonseca, Henrique Cazes, Paulo Moura, Quinteto Villa-Lobos e outros grandes intérpretes.

HIANTO DE ALMEIDA é uma das figuras representativas do momento de transição entre o samba-canção e a bossa nova. Suas composições , muitas do tipo “ dor de cotovelo”, distinguidas no repertório de cantores do porte de Cauby Peixoto, Elizeth Cardoso, Maysa, bem podem ser tidas e havidas, ao lado de Dolores Duran, de Tito Madi, de Johnny Alf, como prenúncios da Bossa Nova.

Hianto começou como cantor da Rádio Educadora de Natal, mas transferiu-se, em 1952, para o Rio de Janeiro, onde o seu trabalho de compositor e intérprete teve estímulos e condições para desenvolver-se. “ Encontrei afinal”, em parceria com o seu irmão Haroldo de Almeida, constituiu-se um dos seus maiores sucessos. Gravou-o Dalva de Oliveira em Londres, com a orquestra de Roberto Inglês. “A escolha dessa composição – afirma o pesquisador Grácio Barbalho – resultou de um concurso instituído pela Odeon, em 1953. Obteve o primeiro lugar, ao lado de importantes autores, como Ary Barroso e



Humberto Teixeira” (Nota na contracapa do LP “ Hianto Revivido”). Com esse êxito, logo no principio de sua carreira, Hianto decolou, a bem dizer. Dois anos depois, já era “ talvez o mais fértil dos nossos compositores populares na atualidade” (Revista “ Parada de Discos”, julho de 1955, cit. p. Grácio Barbalho na referida nota).

Alguns dos seus melhores momentos constam do LP citado, na interpretação de Silvia Benigno. “ Memórias” e “Vento Vadio” (ambas em parceria com Ewaldo Ruy), “ Pedaco de Coisa Gostosa”, “ Sodade Doida” (com Chico Anisio, seu parceiro, como letrista, em mais de vinte composições) e “ Caju Nasceu pra Cachaça” (com Veríssimo de Melo), composição esta, aliás, estropiada pela cantora.

Em tempos mais recuados sobressaiu-se um genial natalense, compositor e violonista – HENRIQUE BRITO(1908-1935). Basta dizer que foi um dos fundadores do famoso Bando de Tangarás, com Noel Rosa, Almirante, Alvinho e João de Barro.

Ainda menino, Brito deixou Natal para ir morar no Rio de Janeiro, valendo-se de uma bolsa de estudos que lhe concedera o Governador Antonio de Souza. Na então capital do País, aluno do colégio Batista, enturmou-se no meio musical e passou a se apresentar como violonista. Pena que não teve tempo de desenvolver o seu talento musical, pois a morte o levou com a idade de apenas 27 anos.

Era um tipo excêntrico, meio doido. Seu amigo e colega Almirante dedica-lhe um capítulo inteiro do livro *No Tempo de Noel Rosa*, em que conta, a seu respeito, histórias curiosíssimas. A certa altura, relata episódio ocorrido em Los Angeles, quando Brito integrava o conjunto Brazilian Olympic Band, que se exibiu naquela cidade por ocasião dos Jogos Olímpicos de 1932. Finda a temporada – diz Almirante – “ no momento da partida, sob pretexto de que esquecera o violão num bar das proximidades do cais, Henrique Brito desceu de bordo e não voltou. E por lá ficou cerca de um ano, misteriosamente, burlando a severa lei norte-americana e, mais misteriosamente ainda, mantendo-se em terra estranha, cuja língua nem “ arranhava”



Adianta o cantor, radialista e compositor:

“De volta ao Rio, exibiu o primeiro violão elétrico que se conheceu por aqui, indiscutivelmente uma invenção sua”.

João Máximo e Carlos Didier contestam, em parte, esta informação de Almirante, porém admitem haver sido Henrique Brito quem introduziu o violão elétrico no Brasil (*Noel Rosa – Uma Biografia*). De qualquer modo é incontestável a importância histórica de Brito, como tal.

Ainda a propósito do gênio inventivo do irrequieto músico, sabe-se que ele “tocava também um instrumento de sua invenção, a violata, espécie de violão feito com uma lata de querosene” (*Enciclopédia da Música Brasileira*).

Almirante destaca duas composições da “boa quantidade” produzida por Henrique Brito. São elas: “Flor do Tempo”, “linda valsa” e “Queixumes”, em parceria com Noel Rosa, gravada por Gastão Formenti com o novo título “Meu Sofrer”. Posteriormente, em 1946, Carlos Galhardo deu nova interpretação a esta belíssima modinha.

REFERÊNCIAS

ALBIN, Ricardo Cravo. (Criação e supervisão geral). Dicionário Houaiss Ilustrado – Música Popular Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Paracatu, 2006.

ALENCAR, Edigar de. O Carnaval Carioca Através da Música. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980.

ALMIRANTE. No Tempo de Noel Rosa. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1977.

CÂMARA, Leide,. Dicionário da Música do Rio Grande do Norte: Natal; Ed. da autora, 2001.

_____ Praieira, a Canção da Cidade do Natal – 93 anos. Natal:

Ed. da autora, 2016.

_____ A Bossa Nova de Hianto de Almeida. Natal: SESC- RN, 2010.

ENCICLOPÉDIA DA MÚSICA BRASILEIRA. 2 vls. São Paulo: Art Editora. 1977.

FERREIRA, Nilo Lourival. Lourival Açucena. Natal: Sebo Vermelho Edições s/ data.

GALVÃO, Cláudio. A Desfolhar Saudades – Uma Biografia de Tonheca Dantas. Natal: Departamento Estadual de Imprensa/ Gráfica Santa Maria, 1998.

_____ A Modinha Norte-rio-grandense. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana/Natal: Editora da UFRN, 2000.

GUANAIS, Danilo. O Plantador de Sons – a Vida e a Obra de Felinto Lúcio Dantas. Natal: Fundação José Augusto, 2001.

MARIZ, Vasco. A Canção Brasileira . Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira/ Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977.

MAXIMO, João. DIDIER, Carlos. Noel Rosa – Uma Biografia: Brasília; Editora Universidade de Brasília / Linha Gráfica Editora, 1990.

MELLO, Paulo Pimenta de. Modinhas & Serestas. Valsas & Canções. Ribeirã Preto (SP): Edição do autor, 1989.

ONOFRE JR. , Manoel. Simplesmente Humanos. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2007.

SARAIVA, Gumercindo. Trovadores Potiguaros. São Paulo: Saraiva Livres Editores, 1962.

MANOEL ONOFRE JR. é escritor, autor de “Chão dos Simples”, “Ficcionistas Potiguaros” e outros livros, ocupante da cadeira nº 5 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

A BODEGA DO SEU RAIMUNDO GALDINO

Benedito Vasconcelos Mendes

Nas décadas de 1950 e 1960, a bodega do Seu Raimundo Galdino, localizada ao lado da igreja de São Francisco, do distrito de Caracará, município de Sobral-CE, a quatro quilômetros da propriedade do meu avô (Fazenda Aracati) era muito sortida e a única existente naquela vila. Ocupava a sala da frente da residência de seu proprietário. Não fechava para o almoço e funcionava de maneira ininterrupta, das cinco horas da manhã até às oito horas da noite. Funcionava inclusive nos domingos e feriados. Às vezes, abria de madrugada, quando algum freguês batia em sua porta, solicitando a compra de medicamentos para dor de dente, diarreia, dor de cabeça, vômito, febre ou azia, ocasião em que o Seu Raimundo Galdino oferecia as poucas opções do seu estoque de medicamentos populares (Cibalena, Cibazol, Melhoral, Sonrisal, Elixir Pargórico, Óleo de Rícino, Pílulas de Vida do Dr. Ross, Pílulas de Matos, Mercúrio Cromo e mais uns poucos outros remédios). A frente do prédio era de duas portas e tinha um alpendre com um banco carnaubeira deitada, sobre duas forquilhas de aroeira fincadas no chão. Embora a construção fosse de taipa, o piso era de cimento vermelho e a cobertura de telhas artesanais, com uma calha de estirpe de carnaubeira no beiral do alpendre, formando uma bica, onde, no período das chuvas, a meninada tomava banho. Nos fundos da bodega, ao lado das prateleiras de madeira, havia uma porta que se comunicava com a residência do proprietário. No oitão, encostado à parede, tinha uma vara de bambu, bem alta, com uma antena de rádio na extremidade. No interior do estabelecimento, sobre uma pequena mesa de pau-branco, estava um rádio Philips a válvula, ligado a uma bateria de caminhão, que só pegava na frequência AM (ondas médias e curtas), pois ainda não existia FM. O rádio da bodega funcionava o dia todo, com muito chiado, retransmitindo a programação da Rádio

Tracema de Sobral. Só era desligado à noite, quando começava a Hora do Brasil.

O balcão de madeira, revestido com folhas de zinco, exibia algumas moedas antigas furadas (pataca, cruzado e vintém), fixadas por pregos na parte de cima do balcão.

Na extremidade do balcão, uma passagem com dobradiças de couro, que permitia levantar o tampo do balcão, quando o bodegueiro necessitava sair para pegar algum produto pendurado nos caibros do espaço externo ao balcão. A balança de pratos, o cutelo de cortar fumo de rolo, a guilhotina de partir rapadura, o rolo de papel de embrulho e a gamela com toicinho de porco salgado (sal preso) ficavam sobre o balcão. A pobreza regional era tão grande, que a rapadura podia ser vendida em pedaços. Era comercializada por unidade, por banda (meia rapadura) ou ainda por pedaço de um quarto de rapadura.

A lata de querosene (da marca Jacaré), com sua bombinha de zinco, para bombear o combustível, localizava-se sobre um estrado de madeira no canto da parede. O querosene era chamado de gás e vendido no retalho em pequenas quantidades, acondicionadas em garrafas. Existia uma medida dupla específica para o querosene, feita de zinco, com duas bocas e fundo comum, com dois volumes diferentes. A de menor volume chamava-se “terça” e a maior “quarta”. Se o freguês solicitasse uma terça de gás, o líquido era medido e despejado na garrafa, com o auxílio de um funil de flandres. Cada família tinha sua garrafa de comprar gás, a qual era transportada pendurada no dedo indicador do freguês, pois a mesma tinha um barbante preso ao gogó, que terminava em laço, para pendurá-la no dedo.

Os gêneros alimentícios podiam ser comercializados no peso ou no volume. No litro eram vendidos farinha de mandioca, milho, feijão-de-corda e arroz-vermelho em casca. O litro era feito de madeira e tinha o formato quadrado. O produto era colocado dentro do litro, com o auxílio de um casco de cágado. O toicinho, a linguiça caseira, a carne de sol, a tripa de porco salgada, as carnes

verdes (de bode, ovelha ou de porco), a banha de porco, o açúcar, o sal grosso, o café em grão, a goma de mandioca e outros alimentos eram vendidos por quilo. Comprava-se o sal grosso na bodega e em casa triturava-se no pilão, pois naquela época não existia sal moído.

Seu Raimundo Galdino tinha muita prática de embrulhar com papel de embrulho, usando os dedos, os produtos vendidos, pois os gêneros alimentícios não eram acondicionados em pacotes, tudo vinha à granel. A manteiga de garrafa, o óleo de coco, o mel de abelha (jandaíra ou mandaçaia) e o mel de engenho eram comercializados em garrafas de 600 ml. A bodega vendia de um tudo, pois na vila não existiam lojas nem farmácias. Além de alimentos, lá se comprava ferragens (enxadas, pás, machados, facas, lamparinas, ralo de flandres para ralar milho verde, facões, pregos e arame farpado); remédios populares; aviamentos (elásticos, cianinhas, bicos, linhas, agulhas, botões etc); aspiral para repelir muriçocas; sabão da terra (sabão feito artesanalmente); sabonetes; creme dental; chinelas de rabicho de sola e de pneu (tiras de couro e solado de pneu de automóvel); louças de barro (panelas, potes, quartinhas etc); cestos de cipó; artigos feitos com palha de carnaubeira (chapéus, bolsas, esteiras, urus, vassouras, surrões e outros); urupemas; abanos; cuias; cuités; gamelas; cochos e outros utensílios domésticos.

Parede e meia à bodega, morava Seu João Enfermeiro, um profissional da área da saúde que tinha muita habilidade e prática para curar as enfermidades dos habitantes daquela comunidade rural. Era um misto de enfermeiro, farmacêutico, dentista e de médico. Ele encanava braço, arrancava dente, aplicava injeção no músculo (não aplicava injeção na veia), costurava, com linha zero e agulha grande de coser tecidos, facadas e outros ferimentos. Ele também vendia meizinhas (raízes, folhas e outras partes de plantas medicinais, sebo de carneiro capado e banhas de animais, como banha de tejo, de raposa, de cobra cascavel, de galinha, de traíra, de cágado e de jia).

A mulher do bodegueiro, Dona Ciça, era parteira e rezadeira, pois curava quebranto, espinhela caída, mau olhado, moleira caída

e outras doenças de menino. Ela também curava, no rasto, bicheiras dos animais com suas rezas.

Uma coisa que me chamava a atenção era a convivência pacífica de três animais que ficavam soltos, o dia todo, dentro da bodega, sem brigas. Uma gralha canção para comer baratas, um gato para pegar ratos e um cachorro de estimação e guarda. Interessante que o gato e o cachorro eram adestrados para não comerem as carnes, toicinho e linguíça da bodega. Eles só se alimentavam em horário certo e dentro da casa do bodegueiro, nunca no interior da bodega. O gato também não perseguia o canção.

A bodega do Seu Raimundo Galdino vendia doses de cachaça no pé do balcão, com tira-gosto de queijo de coalho. A cachaça vinha da Serra da Meruoca, em ancoretas feitas de imburana, sobre lombos de animais.

Seu Raimundo Galdino era um senhor de muito respeito, que imprimia em sua bodega um ambiente familiar, onde mulheres e crianças faziam compras com segurança.

Embora fosse um estabelecimento comercial de muita ordem e seriedade, não deixava de ser também o local onde as notícias e as fofocas chegavam em primeira mão. As novidades, como doenças, queda de cavalo, chifrada de touro brabo, coice de vaca, coice de burro ou de cavalo sofrido por algum membro da comunidade, primeiramente, era noticiadas, de boca em boca, a partir do bodegueiro. Ele tinha prazer em comunicar, em primeiríssima mão, as novidades locais e as notícias que captava pelo rádio. Quando alguma mocinha da vila engravidava, também ele era o primeiro a saber, pois seu vizinho, João Enfermeiro vendia Cabacinha e Babosa para fazer chá para abortar e ele não se continha em não contar, para o seu vizinho e compadre Raimundo Galdino, o segredo precioso de quem comprava estas ervas. O bodegueiro sabia a vida de todos os habitantes da vila Caracará e vizinhanças.

Quase todas as compras neste ponto comercial eram feitas fiado, na caderneta, para serem pagas, semanalmente, no sábado à



tarde, embora um cartaz pregado na parede anunciasse: FIADO SÓ AMANHÃ.

As bodegas sertanejas eram parecidas umas com as outras, de modo que mudava apenas a qualidade e a variedade dos produtos, sendo algumas mais sortidas e outras mais simples.

BENEDITO VASCONCELOS MENDES é engenheiro agrônomo, professor e escritor, autor de “As artes na civilização da Seca” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, sócio do Instituto Cultural do Oeste e outras instituições.



PADRE LUIZ MONTE

"AURORA SEM CREPÚSCULO"

Jurandyr Navarro

Conheci a sua pessoa de longe. Era eu aluno do Marista, antigo colégio que funcionava nas dependências da Igreja Santo Antônio, conhecida mais como a “Igreja do Galo”. Corria o ano de mil novecentos e trinta e seis, ano da morte prematura da minha querida mãe.

O Padre Monte era o Capelão do Colégio.

Como disse, via-o de longe, com o seu nome fugidio.

Um episódio marcou esse calendário: o falecimento repentino do Irmão Marista, José Vey, de nacionalidade portuguesa, então, Diretor do Colégio. E chamou atenção geral, o empolgante improviso do Padre Monte, na chamada “Encomendação do Corpo”. Discurso que ficou lembrado por muito tempo.

No calendário seguinte passamos para o colégio novo, cujo prédio, imponente para a época, situado ficou na Rua Apodi, funcionando até os dias presentes.

E o Padre Monte continuou na Capelania. Lá, anos depois, sob a sua docência, fiz o Curso da Cruzada Eucarística. Por esse tempo, o seu nome já se tornara famoso na cidade de Natal.

No meio do curso ginásial fui transferido para o Atheneu, colégio público, onde ele lecionava as disciplinas Latim e Matemática.

O seu nome conquistou fama imorredoura, em vida, e continuou após o seu falecimento, aos trinta e nove anos de idade, de tuberculose, doença na época incurável. Enfermidade motivada pela



vida ascética que levava: muito trabalho, noites insones nos estudos e precária alimentação.

A sua morte ocorreu no dia vinte e oito de fevereiro de mil novecentos e quarenta e quatro. Nesse dia fatídico, eu nos meus quatorze anos de idade, que residia perto, presenciei a aglomeração de pessoas dentro e ao redor da sua residência, na Avenida Rio Branco desta Capital. O seu enterro foi dos mais concorridos. A cidade estava abalada, desde a notícia da sua morte!

Diversas as cerimónias havidas em homenagem à sua memória. No Atheneu, lembro o seu retrato colocado em lugar de destaque, na Diretoria. Assim como na Associação dos Professores, da qual era ele o Presidente de Honra. Nas entidades católicas o seu nome foi reverenciado com o destaque merecido, durante anos. Na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, instituição cultural a que ele pertencia como um dos sócios fundadores, e que fora, o autor do seu lema “Ad Lucem Versus” - “Rumo à Luz”, sua lembrança foi destacada em sessões solenes em que falaram a representante da Juventude Feminina Católica, Berta Guilherme, e por outra entidade a senhorita Maria Gurgel e, depois de algum tempo, noutra sessão solene, o intelectual Nilo Pereira.

Posteriormente, na passagem do cinquentenário do seu falecimento, o Conselho Estadual de Cultura prestou-lhe significativa homenagem, numa hora solene, ocorrida no Salão Nobre da nossa Academia de Letras, com a palavra do Conselheiro Jurandyr Navarro. Reunião que congregou parte apreciável do público intelectual, tendo sido prestigiado, também, por numerosos representantes da Igreja Católica.

O Governo do Estado homenageou a sua memória, dando seu nome ilustre a duas escolas públicas desta Capital. E a municipalidade homenageou-o dando o seu nome á rua do Hospital onde ele falecera.



Passado o tempo outras homenagens foram a ele prestadas por nossas instituições culturais.

A imagem do seu rosto prestigia duas importantes Bibliotecas: a do Seminário de “São Pedro” e a da Academia de Letras.

A sua pessoa sempre foi reverenciada pelos que o conheceram, e, posteriormente, por aqueles interessados pela nossa cultura intelectual e religiosa.

Em datas outras, foi homenageado com Palestras no Instituto Histórico, na data do Centenário de Nascimento, e no salão nobre do Seminário de “São Pedro”.

A Pesquisa

Como foi assinalado acima, de início a sua obra não era conhecida. ‘Havia deixado um livro inédito, publicado seis anos após o seu falecimento: “Fundamentos Biológicos da Castidade”.

Esta obra foi reeditada no volume número cinco da sua “Antologia!” Junto a ela, na mesma Coletânea, foram editadas as teses latinas, do seu concurso para o Atheneu Norte-rio-grandense.

No ano de mil novecentos e cinquenta, o Cónego Jorge O’Grady de Paiva editou “Verdade e Vida”, obra monumental, constituindo uma verdadeira biografia do Padre Luiz Gonzaga do Monte.

O autor citado, foi, realmente, e continua a ser o seu verdadeiro biógrafo, tal a perfeição e completude da obra.

Eu, pobre mortal, como apareci nesse cenário, tão rico de sabedoria?

A Divina Providência - “Eterna Luz da Glória”, como narra a Teologia Clássica, segundo autores, sempre ilumina o caminho de todos nós.



O despertar da Pesquisa ocorreu em mil novecentos e cinquenta e três. Estudava eu na Faculdade de Direito da Universidade do Recife. Havia, à época, um Diretorio Acadêmico de Direito, órgão que reunia os universitários daquele tempo. Natal não dispunha, ainda, de Escolas Superiores. Os universitários de então, faziam seus cursos fora do Estado.

Os dos cursos de Direito, nas férias, se reuniam, esporadicamente, em órgãos tais o mencionado Diretorio Acadêmico.

E nesse período de mil novecentos e cinquenta e três houve uma série de palestras, nas quais foram seiecionados advogados, magistrados e médicos, dentre os quais, recorro os nomes de Claudionor de Andrade, Túlio Bezerra, João Medeiros Filho, João da Costa Machado e Severino Lopes.

Essas sessões eram realizadas no salão da “Divina Providência”, um dos espaços do imóvel da então Diocese de Natal, onde funcionaria, depois, a Rádio Rural.

Eu fazia parte da organização dessas conferências, pois meu nome figurava como o Primeiro Secretário do órgão estudantil citado. O Presidente do Diretorio, era o universitário Wellington Xavier Bezerra, um dos colegas mais operosos que conheci.

Para simplificar, numa das noites dessas palestras, eu chegara cedo e, para passar o tempo, debruçei-me sobre a leitura de um livro que se encontrava sobre a mesa da sala da Secretaria. E tal foi o encantamento de texto tão atrativo e deslumbrante, que não vi o tempo passar, tendo perdido a conferência daquela noite!

O livro encantado era simplesmente o citado “Verdade e Vida” do Cónego Jorge O’Grady, atinente à vida e obra do Padre Luiz Monte, seu professor de Seminário e depois confidente de estudos transcendentais.

Este foi o despertar da minha pesquisa que redundou na feitura da Antologia.

Passei, naquela noite, hora e meia, calculadamente, tomando notas daquele livro encantado, para, na manhã seguinte, começar as pesquisas nos jornais de Natal.

Pesquisa que não mais parou!

A luz prateada, qual aurora radiosa, clareou-me o caminho a percorrer.

Stela Wanderley, a brilhante poetisa norte-rio-grandense, dissera num dos seus cantos maviosos: “Padre Monte, aurora que não teve crepúsculo”!

JURANDYR NAVARRO é escritor, autor de “Páginas de Verão” e outros livros; organizou a antologia do Padre Monte, entre outras. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



CATOLICISMO & CIÊNCIA: ANÁLISE INICIAL DA TRAJETÓRIA DO CÔNEGO LUIZ MONTE

Bruna Rafaela de Lima Lopes

A inserção do nome de padre² Monte entre os “homens cultos” extrapolou os domínios da fé, atingindo as ciências e as letras. Mesmo com características de um provinciano – tendo em vista que ele sempre viveu em Natal desde a sua chegada à cidade, em 1917, até a sua morte, em 1944 -, foi reconhecido como possuidor de uma cultura universal. Na tese a ser defendida na Unisinos, almejo produzir uma história biográfica, enfatizando a trajetória intelectual desse padre.

A partir das investigações já realizadas, foi possível perceber que a imagem consolidada sobre esse religioso é a de que ele cumpriu, ao longo da vida, 07 (sete) atividades associadas à intelectualidade: formação sacerdotal; atuação como padre; leitura permanente de livros (relacionados à religião, à filosofia, à ciência e às letras); exercício do magistério; militância junto a entidades intelectuais religiosas e leigas; desenvolvimento de pesquisas na área de análise química de minerais; escrita contínua de artigos para jornais.

As fontes sobre Monte são variadas e se referem a distintos momentos de sua vida, antes, durante e depois dos estudos realizados no Seminário. Esse conjunto documental apresenta uma série de peculiaridades que tem possibilitado muitas análises sobre a sua atuação religiosa, política e intelectual. Pelos estudos que já realizei, posso afirmar que, por um lado o próprio Monte construía para os outros uma imagem de que ele era um homem que justificava a sua

2 Iremos utilizar o termo Cônego e o termo Padre para nos referirmos a Luiz Gonzaga do Monte.

fé a partir de postulados científicos, e, por outro, intelectuais locais ligados a ele – como é o caso de Luís da Câmara Cascudo - difundiram amplamente essa ideia durante a sua vida e mesmo depois da sua morte. Essa relação entre o pensamento científico e a religiosidade pode ser ilustrada a partir da sua relação com a enfermidade que lhe levou a morte.

A morte de padre Monte é um evento bastante documentado. A perda de Monte foi profundamente sentida entre os natalenses e pode ser identificada pelas repercussões do seu falecimento, aos 39 anos de idade, em Natal, no dia 28 de fevereiro de 1944, às 11 horas da manhã, vítima de tuberculose. Pelo exposto nos jornais locais e pelos textos de seus contemporâneos, tem-se uma ideia de como esse episódio foi marcante na cidade. Para o Cônego Jorge O'Grady de Paiva, que presenciou o acontecimento, o efeito dessa morte foi desolador sobre a cidade de Natal. “Sentia-se a orfandade. E, como raras vezes, a opressão do mistério da morte.” (PAIVA, 1996, p. 331) Segundo Dom Heitor de Araújo Sales, aluno do Seminário de “São Pedro”, naquela ocasião, foi marcante a repercussão imediata dessa morte: a Igreja Católica local organizou celebrações oficiais; o bispo, os padres e os seminaristas estavam com vestes de gala; vieram exclusivamente para as solenidades muitos religiosos e leigos de outras cidades, inclusive de outros estados; formou-se uma fila enorme de pessoas que beijavam a mão do falecido como um ato de despedida. (SALES, 2015). Os relatos dos jornais de época informam que durante o sepultamento, no Cemitério do Alecrim, havia uma grande multidão e que Luís da Câmara Cascudo fez um discurso improvisado exaltando as qualidades intelectuais, morais e religiosas do morto.

Entretanto, merece destaque a sua relação com a doença. Os procedimentos médicos adotados, com a autorização de Monte, diante da sua enfermidade, indicam a crença do religioso no poder da ciência médica. Ao ser internado, ele se submeteu a tratamento, então considerado inovador, para a cura da tuberculose em Natal: o pneumotórax. Tratava-se de um procedimento avançado para a me-



dicina, mas cruel para o paciente. O procedimento era o seguinte: o paciente tomava uma injeção para que um dos pulmões se fechasse e entrasse em repouso. O ar do pulmão era expulso, com o intuito de retirar todo o oxigênio, unindo as duas paredes do pulmão. A técnica usada pelos médicos era baseada na ideia de que sem a respiração, os bacilos da tuberculose morreriam sufocados. Na utilização dessa técnica, muitas vezes, partes inteiras dos pulmões eram ressecados ou cirurgiados, trazendo dores imensas para o paciente. De acordo com Jurandyr Navarro e jornais locais da época, o médico que realizou o procedimento foi Milton Ribeiro Dantas, porém houve um erro ao realizar o procedimento do pneumotórax.

A utilização desse procedimento foi uma ideia do próprio Monte para os médicos de Natal. Monte havia estudado casos exitosos do uso do pneumotórax como método curativo em vários lugares do mundo e, apesar de saber que se tratava de uma intervenção arriscada e dolorosa, acreditava que os médicos natalenses poderiam não só curá-lo, mas inaugurar a adoção do procedimento em Natal, o que abriria possibilidade para salvar outros enfermos. Vários religiosos – sobretudo ex-alunos de Monte, como o padre João Penha Filho e o ex-arcebispo de Natal Dom Heitor Sales -, em depoimentos a mim prestados, deixaram evidente que a decisão de Monte deixou todo mundo assustado. Segundo Sales, ninguém queria que realizasse o procedimento, mas Monte era implacável na sua resposta: “Deus deu aos homens a inteligência para usar a ciência em benefício da humanidade”. Nesses termos, Monte sentenciava: “a ciência é muito importante e ela é um dom de Deus”.

A enfermidade que atingiu Monte não era algo raro, nas primeiras décadas do século XX, no Brasil. *A primeira vacina BCG* só foi aplicada, no país, em 1927. Apenas nos anos 1930 passaram a ser usados exames mais eficientes (como a baciloscopia e a abreugrafia), começaram a ser experimentados métodos efetivos de cura (como o pneumotórax) e o Governo brasileiro iniciou a formação de médicos especializados na doença. *Só em 1946, dois anos após a morte de Monte, surgiram* a estreptomomicina e o ácido paramino-sali-



cílico (PAS), que foram os primeiros medicamentos *antibacterianos para o cuidado da doença*. A isoniazida, droga que foi essencial para a cura da tuberculose no Brasil, só surgiu em 1951. (RISI JÚNIOR, 2002. p. 187).

A intervenção de Monte junto aos médicos é um indício da lógica que norteava o seu pensamento: a religião e a ciência como parceiras das ações que ele desenvolvia. Todavia, a postura de Monte diante da doença não é a expressão maior da memória local sobre ele. Pelos estudos que venho realizando posso afirmar que a memória laudatória sobre o religioso é fruto, por um lado, da maneira como ele realizava suas ações, e, por outro, das imagens construídas sobre ele por seus contemporâneos durante e posteriormente a sua morte.

Três biografias foram escritas sobre o Cônego Monte, após a sua morte. A primeira delas – intitulada Padre Monte – foi escrita por um amigo de Monte, desde o tempo em que eram seminaristas: o Padre Luiz Teixeira de Araújo. A obra foi publicada ainda em 1944, três meses após o falecimento do religioso. Para identificar a autoria, Araújo usou o pseudônimo *Leão do Norte*. A segunda biografia foi escrita, em 1947, por Jorge O’Grady de Paiva – que tinha sido ex-aluno de Monte no Seminário São Pedro e se considerava um discípulo do falecido – escreveu uma obra, intitulada “Verdade e Vida”, dedicada exclusivamente ao seu antigo professor. A terceira biografia, publicada em 2005, intitulada “*Ad lucem versus (o luminoso destino de um homem): uma biografia do servo de Deus padre Luiz Gonzaga do Monte*”, é de autoria da médica Helenita Yolanda Monte e tem como fonte principal a memória dos familiares. As três biografias possuem estilo laudatório e apresentam Monte como santo e sábio.

Entretanto, padre Monte não foi homenageado apenas nas biografias. No decorrer das décadas de 1950 e de 1960, várias homenagens lhe foram prestadas. Especificamente na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, entidade de cujo lema (“Ad Lucem Versus” – Rumo à Luz) Monte havia sido o autor, foram realizadas várias sessões específicas para saudar o Cônego. (NAVARRO, 2009)



Em 1961, Aluísio Alves venceu as eleições para o governo do estado do Rio Grande do Norte e, durante a sua gestão, em várias oportunidades enfatizou a importância da vida do Cônego em seus discursos. Além disso, o escolheu como nome de duas escolas construídas pelo governo estadual na cidade de Natal. Aluísio Alves, importante liderança política no cenário local e nacional, tinha sido ex-aluno de Monte, era seu amigo e seu admirador desde os anos 1930.

Em 1976, o governo do estado, por meio da Fundação José Augusto, encomendou ao professor Jurandyr Navarro, intelectual local, ligado à Igreja Católica, a organização de uma Antologia com os textos de Monte. A Antologia foi publicada com mais de 261 páginas. Todavia, segundo o professor Jurandyr Navarro – essa publicação havia reunido uma parcela insignificante dos artigos de Monte. Entre 1976 e 2007, Navarro organizou dez volumes da “Antologia do Padre Monte”.

Contemporaneamente o nome do Cônego Monte permanece vivo no Rio Grande do Norte. Em 24 de outubro de 2005, a Arquidiocese de Natal nomeou uma Comissão (coordenada pelo Monseñor Francisco de Assis Pereira, então postulador da Arquidiocese de Natal) encarregada de, por um lado, reunir documentos para fundamentar o pedido da canonização do Cônego Luiz Gonzaga do Monte e, por outro, escrever o texto que será enviado à Santa Sé solicitando a canonização do religioso. Em razão do falecimento do coordenador da Comissão, o processo deixou de ter os trâmites habituais. Todavia, em 2013 a Comissão foi reformulada e os objetivos de 2005 permanecem vivos. Além da Igreja, várias entidades locais continuam rememorando Monte e os valores que ele representa.

Com base nos textos biográficos de Monte podemos afirmar que Luiz Gonzaga do Monte nasceu, em 03 de janeiro de 1905, no município de Vitória de Santo Antão (Pernambuco). A partir de 1907, Pedro Monte, pai de Luiz Monte, morou com a família em algumas cidades da Paraíba e do Rio Grande do Norte, até se fixar, em dezembro de 1917, na cidade de Natal. A decisão de vir morar em Natal obrigou Pedro Monte a deixar o emprego na estrada de ferro. (PAIVA, 1996, p. 18-42); (HOLANDA, 2005, p. 31-35)

Durante todo o ano de 1918, Monte estudou no Colégio Santo Antônio, colégio onde foi professor, ainda como seminarista e vice-diretor. No Santo Antônio ele estudou disciplinas preparatórias para o Seminário e tornou-se sócio fundador e participante empenhado nas atividades da *Congregação Mariana de Nossa Senhora da Apresentação e São Luiz Gonzaga* e a *Sociedade de São Vicente de Paulo*. Em razão das atividades que exercia nessas congregações, Monte pôde conhecer os diversos espaços da cidade e se aproximar do Clero. Em 1919, com a fundação do Seminário em Natal, Monte tornou-se seminarista, apesar das inúmeras dificuldades financeiras para ingressar e manter-se na instituição. (PAIVA, 1996, p. 18-42); (HOLANDA, 2005, p. 31-35)

Em 1919, ano de ingresso de Monte no Seminário, Natal possuía em torno de 30.000 habitantes³, o que a tornava uma das menores capitais do Brasil e a menor das capitais nordestinas. Entretanto, desde as duas primeiras décadas do século XX, a pequena cidade começava a respirar ares de mudança, o que foi tratado pelos primeiros intelectuais locais – como Manoel Dantas, Eloy de Souza e Henrique Castriciano – que passaram a saudar, em seus textos, a chegada das inovações (como por exemplo, o bonde) e o ritmo novo que elas introduziam na cidade. Em geral, esses intelectuais passaram a registrar uma cidade que se transformava. Assim, pode-se afirmar que Monte se formou e atuou como padre num momento em que os intelectuais se diferenciavam do conjunto da população por se apresentarem como guia do futuro. À intelectualidade cabia o estabelecimento de diretrizes a serem adotadas pela nação. Nesses termos, a construção de Monte como intelectual se relaciona com uma característica que o distingue dos outros.

3 De acordo com o Censo de 1920, a população de Natal era de 30.696 habitantes. Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1920. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00> Acesso em 06 nov. 2015.



Nos anos 1920, Câmara Cascudo, inspirado no pensamento desses intelectuais, atribuiu a si mesmo a função de escrever sobre tudo o que acontecia na cidade e a reconstruir as memórias dela. Cascudo e outros intelectuais contemporâneos a ele passaram a firmar a posição do papel essencial que os intelectuais deveriam desempenhar diante dos problemas concernentes à cidade. Diante dessa conjuntura, é possível afirmar que existia uma atmosfera que favorecia o surgimento de intelectuais capazes de suprir a carência de pessoas que refletiam sobre alternativas para a humanidade em geral e para a cidade em particular.

Paralelamente a essa carência de intelectuais modernos, os anos 1920 também foram palco do redirecionamento das concepções e práticas da Igreja Católica no Brasil. Em 1916, Dom Sebastião Leme foi nomeado como arcebispo de Olinda e Recife. Nessa condição escreveu uma Carta Pastoral na qual chamava atenção para alguns problemas que afetavam o catolicismo no Brasil naquele momento e apresentava uma proposta de ação para reverter a situação. Entre esses problemas, a Carta enfatizava: a fragilidade institucional da Igreja e a sua difícil situação financeira; a precariedade das práticas religiosas populares e da educação religiosa; a carência de padres; a ausência de intelectuais católicos. Considerando essa conjuntura, a Carta propunha cristianizar as instituições sociais e estimular a formação e a consolidação de um quadro de intelectuais católicos. Embora essa Carta expresse uma concepção de problemas e alternativas para a Igreja, os postulados nela apresentados só foram efetivados no período entre 1921 e 1942, quando Dom Sebastião Leme era o arcebispo do Rio de Janeiro. (MAINWARING, 1989, p. 42). As concepções proclamadas e as práticas adotadas por Leme faziam parte de uma neocristandade, entendida como um movimento voltado para a ampliação da presença dos valores cristãos nas principais instituições sociais.

Postas essas considerações é possível analisar que a formação e a atuação sacerdotal de Monte estão associadas: à lógica que considera o intelectual como um guia da sociedade; a necessidade de a

Igreja católica formar intelectuais (para a implementação dos princípios da neocristandade) e a emergência de uma intelectualidade em Natal. Preliminarmente pode-se inferir que Monte emerge em um momento em que os intelectuais de Natal ainda estão tateando na experimentação científica e no pensamento reflexivo, ou seja, começavam a aparecer às primeiras experiências de um campo científico. Provavelmente, a ideia construída sobre Monte de que ele era um sábio que dominava todos os campos do saber está relacionada com a ausência de outras pessoas que desenvolvam ações semelhantes. A lógica era a de que a existência de um primarismo científico fortalecia a imagem intelectual de alguém que de “tudo” fazia e sabia.

Nos estudos para a minha tese, estou aprofundando a natureza da intelectualidade de Monte, investigando o que seria um intelectual nas primeiras décadas do século XX, bem como os rituais de saberes que eram por eles adotados. Considerando que à intelectualidade estavam associados diversos elementos, tais como, o bem falar, o bacharelismo, o ser agressivo na defesa das ideias, pretendo abordar quais dessas características estavam presentes nas concepções e práticas desenvolvidas por Monte.

Essa lógica de uma intelectualidade local é um aspecto importante a ser investigado, na medida em que é relevante perceber os elementos de identidade de alteridade da atuação intelectual de um padre em seu lugar de vivência. A pesquisa me permitirá compreender melhor a construção intelectual de Monte, em comparação à construção de outros padres “cultos” que também desenvolveram ações intelectuais de destaque, em outros espaços, no tempo em que Monte viveu. Esse trabalho permitirá verificar a partir de sujeitos concretos, tanto as estratégias usadas pela Igreja Católica para consolidar o seu poder no âmbito do campo intelectual, quanto na autonomia desse sujeito diante das diretrizes traçadas pela Igreja.

Sobre a formação sacerdotal, sabe-se que Monte iniciou sua formação de padre no Seminário São Pedro, em Natal, no ano de 1919, aos 14 anos de idade. Todavia, estou investigando com mais atenção alguns elementos essenciais presentes na formação, tais



como: os requisitos exigidos pelo Seminário para receber um aspirante a padre; os requisitos exigidos para ser um padre; os cursos que o seminarista deveria realizar; as diretrizes intelectuais que orientavam a formação sacerdotal; o currículo ministrado no Seminário; as disciplinas estudadas, o conteúdo ministrado e a carga horária destinada para a sua execução; o perfil dos professores (lugar de formação, tempo de sacerdócio, atuação nas atividades religiosas e leigas existentes na cidade) e o conteúdo que ministravam. Nos meus estudos tenho procurado entender, a partir da formação de Monte, as diretrizes que norteavam a formação dos padres no Brasil nas décadas de 1920 e 1940.

Nas minhas investigações tenho procurado entender a relação de Monte com as leituras, procurando identificar, entre outros aspectos, quem orientava o que ele deveria ler; como a sua biblioteca estava organizada; os livros que compunham o seu acervo; os autores constantes em sua biblioteca que eram citados nos seus textos. Essa relação entre padre e leitura também será investigada em Portugal. Nesse sentido, almejo identificar as semelhanças e diferenças entre as leituras de Monte e as leituras dos padres portugueses.

No que se refere ao exercício do magistério, sabe-se que Monte foi professor de várias instituições: Seminário São Pedro; Colégio Atheneu e Colégio Santo Antônio (que passou a ser dirigido pelos irmãos Maristas a partir de 1929). Nessas instituições, ele ministrava disciplinas diversas: Latim, Filosofia, Teologia, Psicologia, Biologia e Matemática.

No que diz respeito à militância junto a entidades intelectuais religiosas e leigas, pode-se afirmar que Monte mantinha uma forte relação com instituições leigas (destacadamente o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras) e religiosas (Congregação Mariana e Sociedade São Vicente de Paula). No trabalho, pretendo investigar como os padres “intelectuais” se relacionavam com entidades religiosas e leigas, identificando os debates de que eles participavam, as ideias que expressavam e as práticas que adotavam.

Acerca do desenvolvimento de pesquisas na área de análise química de minerais, sabe-se que Monte mantinha no Seminário São Pedro um laboratório equipado para analisar minérios. Segundo Sales, o laboratório de Monte era referência no Rio Grande do Norte, recebendo pessoas que vinham para que Monte realizasse análises. (SALES, 2015) A partir dessa informação, tenho investigado como Monte se qualificou para trabalhar com análise de minérios e quem financiava os seus estudos nesse campo. Pretendo investigar a possível produção intelectual dos padres em campos específicos das ciências da natureza.

Nos estudos que realizei identifiquei que Monte realizava leituras relacionadas às ciências médicas. Encontrei depoimentos que afirmaram por vezes receitava tratamentos e discutia com médicos sobre procedimentos a serem adotados em determinadas enfermidades e que tinha acesso às leituras mais atualizadas existentes sobre o tema. Investigarei as relações entre os religiosos e as ciências médicas.

Sabe-se de polêmicas escritas (publicadas nos jornais *A República* e *A Ordem*) entre Monte e personagens da cidade. Sabe-se da existência de pelo menos 03 debates públicos, que giraram em torno de três temas e envolveram três personagens diferentes: a imortalidade da alma (com um médico), o protestantismo (com um pastor presbiteriano) e a tolerância da Igreja (com um Capitão do Exército). Elaborei um mapeamento dessas polêmicas travadas por Monte e pude sistematizar os argumentos por ele apresentados. Pretendo investigar como os padres “intelectuais” se expressavam contra aqueles que tinham concepções e práticas que entravam em conflito com dogmas da Igreja católica.

Uma constatação que tenho feito desde o início das minhas pesquisas é que todas as imagens construídas sobre Monte, após a sua morte, estão vinculadas a celebrações. Todos os trabalhos sobre ele são laudatórios. Apesar da quantidade de escritos tanto do próprio religioso quanto de pessoas que escreveram sobre ele; nenhum estudo crítico – acadêmico ou não – foi realizado sobre o tema. Esse silenciamento acadêmico sobre este padre estimula uma investigação mais rigorosa em muitas fontes já investigadas.



Monte produziu em um momento em que a Igreja Católica vinha perdendo o poder que tinha na sociedade, em razão do fortalecimento do socialismo e do liberalismo. Para reverter essa situação, a cúpula da Igreja empreendia esforços para recompor o seu prestígio a partir de medidas que possibilitassem a inserção da instituição no mundo moderno. No Brasil a partir das primeiras décadas do século XX, sobretudo, com as ações de Dom Sebastião Leme, houve um grande esforço da Igreja para se inserir na intelectualidade. Nessa conjuntura, ocorreu o fortalecimento de uma intelectualidade católica leiga. Todavia, a ação de Monte não se limitava a difundir os dogmas católicos.

Definido o problema de investigação, torna-se importante explicar a delimitação temporal do estudo: as décadas de 1920 a 1940. A escolha pela década de 1920 está relacionada com o período da formação sacerdotal de Monte. A opção pela década de 1940 diz respeito ao período do falecimento de Monte. O que se pretende é perceber como era a atuação dos padres “intelectuais” no momento em que Monte faleceu.

Ao realizar um estudo comparativo entre Monte e outros padres tenho por meta, por um lado, analisar como homens e mulheres em um tempo/espço determinado monumentalizam personagens específicos, e, por outro, compreender como preceitos religiosos, estudos científicos, moral e política, podem contribuir na “santificação” de sujeitos.

Trata-se de estudo profundamente atual tanto do ponto de vista historiográfico, quanto no que se refere às inquietações das sociedades contemporâneas. Do ponto de vista historiográfico, o trabalho se vincula às perspectivas historiográficas contemporâneas que procuram compreender os sentimentos que movem as sociedades em tempos e espaços específicos. No que se refere às inquietações a atualidade se faz presente na medida em que procuraremos entender como se criam identidades no tempo. Afinal uma das marcas do nosso tempo é a busca pelos elementos que nos identificam e nos diferenciam. Vivemos o tempo das identidades múltiplas e

temporárias. Comparar Monte com os padres portugueses permitirá encontrar pistas importantes de identidades brasileiras.

É a busca dessa identidade que demonstra a relevância desse trabalho. Estou procurando compreender a partir da ação individual de sujeitos a formação de identidades coletivas. Procurarei a partir da trajetória de Monte estabelecer elementos comparativos com a história de outros padres que viveram no mesmo período em outros espaços. Ao realizar esse trabalho estarei discutindo os anseios humanos que criaram relações de pertencimento.

Referências bibliográficas:

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 5º. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002, p. 183-191.

CHARTIER, Roger. História intelectual e história das mentalidades. In: CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. *A História Cultural – Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; São Paulo: DIFEL, 1990.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy (org.). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.



DARNTON, Robert. *O beijo de lamourete*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio... Os intelectuais cariocas e o modernismo. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v.6, n.11, 1993. p. 62-77.

HOLLANDA, Helenita Yolanda Monte. *Ad Lucem Versus: o luminoso destino de um homem – Uma biografia do Servo de Deus –*. Bahia: [S.E], 2005.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez., 1993.

LECLERC, Gérard. *Sociologia dos Intelectuais*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006, p. 167-182.

LORIGA, Sabina. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica. 2011. Coleções: História e Historiografia.

MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a Política no Brasil* (Trad. Heloísa Braz de Oliveira Prieto). São Paulo: Brasiliense, 1989.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NAVARRO, Jurandy. Natal, 30 de junho de 2009. *Entrevista* concedida a Bruna Rafaela de Lima, na sala de reunião do IHGRN.

PAIVA, Jorge O' Grady. *Verdade e Vida*. 2ª. Ed. Natal: Ed. Gráfica



Nordeste, 1996. (A primeira edição dessa obra foi publicada no Rio de Janeiro em 1947).

RISI JÚNIOR, João Baptista; NOGUEIRA, Roberto Passos (Coord.). As condições de saúde no Brasil. In: FINKELMAN, Jacobo (Org.). *Caminhos da saúde pública no Brasil*. Rio de Janeiro: Editoria da Fiocruz, 2002.

SALES, Heitor de Araújo. Natal, 06 de outubro de 2015. *Entrevista* concedida a Bruna Rafaela de Lima Lopes na sala do próprio Dom Heitor, bispo emérito de Natal, na Cúria Metropolitana da Catedral da Arquidiocese de Natal.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica*. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 8, n. 10, p. 131-142, jul-dez, 2004.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Tradução Dora Rocha. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

SOUZA, Adriana Barreto. Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o

Duque de Caxias. In: *História da Historiografia*, n. 9, 2012.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas / Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.

BRUNA RAFAELA DE LIMA LOPES é Doutoranda na Pós-Graduação em História/ UNISINOS; Bolsista Prosuc/CAPES. Professora de História do IFRN. E-mail: bruna_21_pa@yahoo.com.br



LIGEIOS PERFIS DAS VELHAS FIGURAS

Valério Mesquita

O APÓSTOLO DAS ENCÍCLICAS

Disseram, certa vez, de Milton Campos, que ele foi em vida um lírio virginal. Oto de Brito Guerra é o nosso lírio virginal do semiárido, resistente ao ciclo das secas que tanto estudou. Flor das madrugadas de ressurreição das missas de domingo. Apenas, na minha homenagem sentimental e, carinhosamente - Frei Oto. Cabelo branco, andar capenga de anjo calejado. A sua bonomia facial era de quem estava saindo de uma audiência papal. Simples, modesto, humilde, nunca deixou de me parecer o 13º Apóstolo, deslocado do tempo e do espaço, mas sempre crédulo na grandeza do último milagre. Apóstolo das reformas sociais da Igreja, quando muitos disvirtuaram na essência e na prática as encíclicas papais, ele manteve a pureza do pensamento do Vaticano, pois tinha a cultura e o sentimento do mundo.

Oto Guerra foi bíblico até na prole familiar. Treze filhos, trinta e oito netos e oito bisnetos. D. Selda me dá a exata dimensão de que Natal é a Judéia, pois seu vulto de mulher solidária e companheira, salta do Novo Testamento.

Final de século indigente esse que levou os nossos sábios, os nossos santos. Mas, que grande festa lá no Céu: Padre João Maria, José Maria Biezinguer, Monsenhor Severino Bezerra, Câmara Cascudo, Onofre Lopes, Manoel Rodrigues de Melo, Ulisses de Góis, todos correndo para saudar o mestre Oto. O discurso, como não poderia deixar de ser, a cargo de Floriano Cavalcante de Albuquerque. Presenças ilustres dos papas Pio XII, Paulo VI, João XXIII, João Paulo II, do senador Brito Guerra, de Seabra Fagundes, de Nilo Pereira e tantos outros que, como Oto Guerra, dignificaram a humana servidão cristã.

E fiquemos nós cá na terra sempre tristes com queixas. Mas, com procuração passada para o poeta, Diógenes da Cunha Lima, que exprimiu a dor maior nesse embargo infringente: “Oh cruel morte enganosa, eu de ti tenho mil queixas. A quem devias deixar,avas. A quem devias levar, deavas”.

O GÊNIO DA MIPIBU

Mais do que a sua cultura vasta; mais do que as suas honrarias múltiplas; do mestre Américo ficou-me a dimensão exata do homem espiritualmente rico mas materialmente pobre. Isso porque disse não às tentaculares investidas para o alto.

As tarefas de professor de gerações e procurador aposentado do estado constituíram um destino, que poderia ter ido mais longe, mas que lhe fez dono de nada, economicamente. Apenas feliz e calmo, só para ser livre e isento, sem atos maiores além do sonho de crescer, que, agora, a morte lhe perpetua pela obra ímpar que criou.

Tornou-se um homem da sua província tal como Cascudo. Nele víamos no rosto as faces ocultas de tantas leituras e de tantas figuras das noites inúmeras de sua povoada biblioteca.

O mestre Américo expirou de repente, entre os seus fantasmas, chamado por eles para conviver em outro espaço, em outra biblioteca, suspensa no ar. Encantou-se para Renan sair dos seus livros afirmando a Veríssimo de Melo que hoje, no Rio Grande do Norte: “Uma corda se quebra na lira deste século”. Ou Goethe comparecendo ao Conselho Estadual de Cultura, papeando com Diógenes, dizer sobre o mestre potiguar: “A vida intelectual do Rio Grande do Norte diminuiu de valor”. E na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, bem que poderia ficar lapidada a frase escrita no busto de Molière, na sede da entidade: “Nada falta à sua glória, ele faltou à nossa”. Américo de Oliveira Costa foi aquele homem bom, reflexivo, cordial, ameno, despojado de vaidades superficiais. Seu estudo sobre a obra de Cascudo é continental, amplo, definitivo. Viveu para a cultura que na síntese de Edouard Herriot: “É o que fica quando tudo se esqueceu”.



Com certeza, lá em cima, não vai pedir licença. Imagino o seu encontro com Oto Guerra e Cascudo. Uma beleza!!

VERÍSSIMO DE MELO – VIVI

Em poucos meses se foram Oto de Brito Guerra, Américo de Oliveira Costa, Antônio Soares Filho, Eulício Faria de Lacerda e, depois, Veríssimo Pinheiro de Melo. Folclorista, jornalista, articulista, pesquisador, humanista, uma inteligência e um estilo literário que guardava uma inconfundível leveza clássica. Sua morte repentina surpreendeu a todos nós. Silenciou de madrugada como um passarinho que se cala ao fim do seu bem voado e bem cantado dia. E Vivi sempre me revelava uma fragilidade de bem-te-vi. Tinha medo de viajar de avião e da morte. Mas morreu em paz. Falou-me, certa vez, que nunca vira assombração mas gostaria de ver. Era o folclorista se sobrepondo ao sensível, ao visível.

A visão da natureza, dos costumes, dos homens e das coisas, na obra múltipla de Veríssimo, não é apenas panorâmica. Além da meticulosidade na inventariação de tudo o que pesquisou e escreveu, depreende-se ainda o anedotário da vida humana na escrita diária para os jornais, escritores do país e do exterior. Revelava nesse procedimento, profundos vínculos de amizade através da epistolografia, onde traduzia o seu entusiasmo de contado com o mundo amanhecido. Veríssimo foi aquele intelectual em permanente vigília, indagando, concluindo, atento à sabedoria popular como se, no concerto geral cada coisa existe porque independe de si e tudo se subordina à mecânica do universo. Jamais esquecerei o seu aceso e fino bom humor. Gostaria de escrever-lhe uma canção póstuma mas a morte, no dizer do poeta é uma águia cujo grito ninguém descreve.

O melhor para Vivi é cantar a canção do mundo, mesmo chegando tarde mas que seja uma pequena e humana cantiga, tão simples quanto ele o foi em vida. A cidade em que viveu plasmou o seu espírito. Nela expandiu alegrias e chorou suas tristezas. Deu-lhe um lar, esposa, filhos, neto e ele devolveu tudo em livros, em contribuição cultural, em saber, em conhecimento – a verdadeira



medida do amor. Vivi foi o homem da sua terra. Eis o traço, o ponto virginal incorruptível de sua personalidade.

O ÚLTIMO ALCAIDE

Dix-Huit, da saga política dos Rosado foi um samurai que edificou o país de Mossoró ao lado de outros obreiros, irmãos na argila e no sangue. De longe sempre acompanhei a trajetória da família Rosado emblemática, carismática, atávica, mágica. Quando faziam política juntos representaram o santo mistério da unidade. O tempo implacável com as suas angústias, dividiu a família, plantando-lhe as sementes da discórdia. Sofridos, abatidos por tragédias, os irmãos se dividiram e sucumbiram ao peso medonho do insensato jogo do Poder e da política perversa - amor e perdição.

Mossoró, hoje, é um país confederado. Um país de sobrinhos e primos beligerantes que desbotaram o rosado para a cor rubra e negra do próprio ofício desagregador. Fragilizou-se igualmente a Roma, quando dividiu o império para ser destruído depois pelos bárbaros. É o destino quase sempre trágico das oligarquias benéficas. Desde Dix-Sept, Mossoró teve tempos idos e vividos, consumados com tanta generosidade e autenticidade de espírito, com tanta sensação de perfazer a ventura da vida com grandeza e respeito interior, que hoje, morto Dix-Huit, não tenho como deixar de proclamar que os Rosado eram felizes e não sabiam.

Dix-Huit era o perfil do burgo mestre com raízes telúricas e emocionais, daqueles que têm a cara do seu município e de sua gente. Dispunha de iniludível capacidade de reinventar o fluxo virtual da sua atividade, assumindo os contornos de um lirismo político inaugural que contrastava com a politicagem dominante na cidade.

Evidentemente, que outros fatores também contribuíram para a queda desse mundo político semidesaparecido. É preciso que se devolva a Mossoró o sentido e o rumor do humano, da civilidade, da paisagem e do tempo. A recomposição dos gestos e dos exemplos do passado, voltando-se a resgatar a Mossoró libertária, lutando,

resistindo sempre, com paz e amor, portanto, ao som das mesmas canções eternas. Dix-Huit, mais do que um estadista: Um alcaide. Um exemplo.

GILBERTO AVELINO, O ARGONAUTA

O poeta Gilberto Avelino foi um argonauta, um navegador impulsionado simultaneamente pelo lirismo e pelo desafio da descoberta de novos mundos. Seus instrumentos náuticos conduziram-no por um caminho de realizações poéticas marcadas por um amor onipresente à cidade de Macau, alfa e ômega de sua criatividade, porto seguro onde conseguia fundear sua temática, sua visão de vida e, sobretudo, a explosão do seu talento. Na cidade de Macau é que estão na realidade fíncados os seus pontos cardeais - a rosa dos ventos do ser humano e do poeta Gilberto Avelino.

Na sua obra literária o poeta navegou em busca de terras desconhecidas, de universos construídos por sua inesgotável inventividade. Não se conforma, como nunca o fizeram aqueles tocados pela verdadeira vocação poética, com a rotina fácil e repetitiva de um mero artesanato exercido através das palavras. Nele vibravam uma chama, um calor, uma luminosidade que transcendiam as situações lineares em que se materializava o estéril cotidiano, a vida que se exaure em experiências efêmeras, a ação inútil e sem sentido que não passava de movimento dirigido à conquista de bens perecíveis. O poeta é um ser que transcende a si mesmo, que se ultrapassava, que se sobrepõe à sua própria contingência. E nisso é que consistiu a sua grandeza. Nós todos estamos mergulhados na transitoriedade de nossas ocupações e preocupações, nascidas da própria vida prosaica a que estamos indissociavelmente presos por profundos condicionamentos. O poeta rompeu, num gesto de libertação espiritual, essas algemas e proclamou a integridade e dignidade do nosso ser por meio de uma dimensão de sensibilidade e percepção que somente nós, humanos, a temos.

Na verdade, o poeta resgatou a condição humana, vítima das distorções existenciais, da luta por objetivos aviltantes, das limita-

ções geradas pela reiteração das mesmas atitudes, dos mesmos procedimentos e das mesmas perspectivas. Gilberto inaugurou sempre um conduto de comunicação encantatória entre o ser e o seu destino, entre o ser e a vida, entre o ser e o contorno social em que se achava imerso. Daí a constatação de um genial poeta alemão: “o que permanece, criam-no os poetas”.

Gilberto Avelino simbolizava a própria vocação poética, pela grandeza de sua poesia e pela atitude de suas qualidades humanas. Expresso a convicção de que sua presença dignificou a literatura do Rio Grande do Norte e tornou um extraordinário continuador de Edinor Avelino, seu pai, de quem herdou o sortilégio da transfiguração estética. Talvez não se compreenda integralmente a poesia de Gilberto Avelino a não ser conhecendo-se Macau, a cidade que ele nos ensinou a amar e que, a esta altura, é tão nossa quanto dele foi.

NEWTON NAVARRO, O POETA DO RIO

A nossa província não tem sabido reconhecer o talento, a múltipla e versátil capacidade criativa, o valor humano de Newton Navarro. Há uma íntima e apaixonada identificação entre a cidade de população predominantemente humilde e o seu poeta, “generoso e pletórico como a própria natureza”, para citar Walt Whitman. São ternos e eternos parceiros de uma relação amorosa que por sua grandeza e profundidade transcendem os limites do tempo e se perpetuam na memória e na sensibilidade de todos nós.

Newton soube atravessar as noites escuras do tempo, como se soubesse o peso da sombra, a cor do vento e o segredo das estações. Quando pintava era dotado de poderes mágicos que catalizava e irradiava energias criadoras. Foi poeta, cronista e escritor. Nele repousou a cultura que no dizer de Edouard Herriot; “*é o que fica quando tudo se esquecer*”.

Newton Navarro em cada exposição que realizou, sempre reafirmava qualidades de traços e cor que são inconfundivelmente suas, a tal ponto que dispensariam assinaturas. Talvez o refinamento e

parcimônia da execução correspondam a uma concepção mais sedimentada, o que significaria dizer que Newton foi cada vez mais ele mesmo, desenvolvendo em virtuosismo e criatividade o que constitui o seu extraordinário potencial estético.

Relembro-o e testemunho a grande admiração e o respeito de todos por sua arte, pelo artista e pelo ser humano que é nosso querido mestre Navarro, cujo ofício é o de criar a imperecível e universal beleza da obra artística, em que se transfunde a condição humana exilada do paraíso perdido.

Newton, em Natal, em Brasília, como em São Paulo, Rio ou no exterior, toda Galeria de Arte foi sua. Ele nunca precisou pedir licença.

HOMENAGEM DE AMIGO

Natal perdeu o brilho da inteligência do poeta e escritor Franco Maria Jasiello, quando ele faleceu. Italiano, naturalizado brasileiro em 1977, mas natalense e norte-riograndense por lei e reconhecimento coletivo pelos serviços prestados a cultura. Nascido em Roma, residia em Natal desde 1974. Ocupou inúmeros cargos e funções desde a Presidência da Fundação José Augusto - FJA, Diretor da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte, membro do Conselho Estadual de Cultura do Estado, passando pela Assessoria Cultural da Capitania das Artes, da FIERN, da UFRN, além de crítico de arte nacional e internacional até a Secretário Substituto da Agricultura, a todos eles emprestou o seu talento inconfundível de humanista e artesão do verso e da palavra.

Publicou nove livros, sendo seis de poesia e por quatro vezes ganhou o Prêmio Otoniel Menezes em 1981 com “Itinerário do Imprevisto” e em 1984 com “Anatomia da Ausência”. Ainda no mesmo ano escreveu “Correspondência Atrasada” que lhe valeu o Prêmio Nacional Guararapes da União Brasileira de Escritores. Pesquisador permanente demonstrou mais uma vez a sua versatilidade intelectual ao editar o ensaio “Mamulengo – O Teatro Mais Antigo do Mundo” fazendo jus ao Prêmio Câmara Cascudo. Trabalhou em

jornais e publicou centenas de trabalhos sobre diferentes assuntos literários e artísticos estimulando os novos pintores do Estado e abrindo horizontes a classe acadêmica da UFRN.

Franco foi objeto de minhas indagações, quando passei pela FJA, que não encontravam respostas no fato de não ter ocupado uma cadeira na Academia Norte-Riograndense de Letras. Tinha mérito, livros e notável saber. A força de sua cultura era tão forte que a mídia natalense, após sua morte aos setenta e um anos, divulgou que era membro da nossa ANL. O fato é que a sua presença, conduta e o labor haviam se agregado aos templos maiores da sabedoria. Franco só fez cultura por onde passou e a levava a todos os lugares. A sua voz forte com sotaque italiano jamais se perderá nos vãos e desvãos do prédio da rua Mipibu. De raciocínio rápido, memória privilegiada e humor fino, quase cortante, Franco também não será esquecido como adorável conversador.

Convivi com ele tanto na FJA como no Conselho Estadual de Cultura por vários anos. Deixou-me inúmeras lições de vida nos exemplos e nas conversas amenas. Quando exerci a política sempre recebi dele e da esposa Conceição, voto de qualidade, do qual muito me ufanava. Ele concluiu em Macaíba como Presidente da FJA a luta que eu iniciara como prefeito pela restauração do Solar do Ferreiro Torto. Jamais esquecerei aquela tarde solene em que destacou o meu trabalho ao lado dos Governadores Tarcísio Maia (RN), com quem eu estava estremecido, e Aloísio Chaves (Pará). Franco Maria Jasiello foi mais uma humana coluna do Capitólio que Roma enviou para lembrar a região do Lácio onde nasceu entre as sete colinas.

VALÉRIO MESQUITA é escritor, autor de “Notas de Ofício” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

NO CAMINHO DAS ACADEMIAS

Carlos de Miranda Gomes

Estimados leitores, neste espaço sagrado que a Academia Norte-rio-grandense de Letras faculta aos seus membros e a intelectuais potiguares, muito tem sido publicado, de extrema categoria e desvelo dos seus escritores.

Dentro da pequenez dos meus conhecimentos, também tenho procurado colaborar, trazendo assuntos que considero interessantes e, presentemente, decidi dizer alguma coisa de natureza histórica a respeito das entidades agregadoras dos amantes da cultura, independentemente de sua cronologia, criadas em forma de academias, para dar um indicativo do cenário existente em nosso Estado.

Partindo desse pressuposto e levado pelas exigências naturais da sociedade, entendo que esta encarregou-se de fazer uma divisão de atividades e estas, por sua vez, foram sendo organizadas por categorias afins, ocorrendo a geração de associações, confrarias e, no campo da cultura, também as Academias.

Já existente no Rio Grande do Norte a Entidade padrão – Academia Norte-rio-grandense de Letras, criada por Luís da Câmara Cascudo em 14 de novembro de 1936, outras foram surgindo ao longo do tempo, como no caso da Academia Potiguar de Letras, criada em 02 de setembro de 1956, assunto já tratado na revista anterior, incentivando-me a continuar investindo no tema, saindo das cercanias da Capital do Estado, para outras comunidades interiores, percorrendo, dentro do possível, o caminho das Academias.



Em Natal, um grupo de intelectuais, sob o comando do Procurador aposentado Jurandyr Navarro da Costa, em reunião informal, decidiu criar uma Entidade de cultura jurídica, em formato de academia, tendo essa ideia recebido o *placet* de outros colegas e dessa união de pensamentos nasceu em 11 de abril de 2007 a **Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte – ALEJURN**, com os fundamentos filosóficos da Academia Francesa, composta de 40 cadeiras homenageando figuras ilustres da cultura jurídica do Estado, assim distribuídos, com os seus Acadêmicos fundadores: Cadeira 01-MÚCIO VILAR RIBEIRO DANTAS (Marcelo Navarro Ribeiro Dantas); Cadeira 02-AMARO CAVALCANTI (José Augusto Delgado); Cadeira 03-ALVAMAR FURTADO DE MENDONÇA (Francisco Fausto de Medeiros); Cadeira 04-AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA (Maria do Perpétuo Socorro Wanderley de Castro); Cadeira 05-FLORIANO CAVALCANTI (Armando Roberto Holanda Leite); Cadeira 06-EDGAR FERREIRA BARBOSA (Paulo Lopo Saraiva); Cadeira 07-MÁRIO MOACYR PORTO (José Adalberto Targino Araújo); Cadeira 08-NESTOR LIMA (Enélio Lima Petrovich); Cadeira 09-FRANCISCO DAS CHAGAS PEREIRA (Francisco de Assis Câmara); Cadeira 10-NILO PEREIRA (Jurandyr Navarro da Costa); Cadeira 11-DJALMA ARANHA MARINHO (Diogenes da Cunha Lima); Cadeira 12-CORTEZ PEREIRA DE ARAÚJO (Zélia Madruga); Cadeira 13-DIOCLÉCIO DANTAS DUARTE (Adilson Gurgel de Castro); Cadeira 14-JOSÉ GOMES DA COSTA (Carlos Roberto de Miranda Gomes); Cadeira 15-PAULO PEREIRA DA LUZ (Erick Wilson Pereira); Cadeira 16-MIGUEL SEABRA FAGUNDES (Raimundo Nonato Fernandes); Cadeira 17-ALMINO ALVARES AFONSO (Ivan Lira de Carvalho); Cadeira 18-FRANCISCO IVO CAVALCANTI (Eider Furtado de Mendonça e Menezes); Cadeira 19-CLAUDIONOR TELÓGIO DE ANDRADE (Miguel Josino); Cadeira 20-MANOEL VARELA DE ALBUQUERQUE (Valério Djalma Cavalcanti Marinho); Cadeira 21-JOSÉ FERREIRA DE SOUZA (Anísio Marinho); Cadeira 22-JOÃO MEDEIROS FILHO (Odúlio Botelho Medeiros); Cadeira 23-OCTACÍLIO ALE-

CRIM (Ivan Maciel de Andrade); Cadeira 24-LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (Anna Maria Cascudo Barreto); Cadeira 25-ALUIZIO ALVES (José Daniel Diniz); Cadeira 26-VERÍSSIMO DE MELO (Manoel Benício de Melo Sobrinho); Cadeira 27-JOSÉ GONÇALVES DE MEDEIROS (Joanilo de Paula Rego); Cadeira 28-HÉLIO GALVÃO (José Arno Galvão); Cadeira 29-JOSÉ AUGUSTO BEZERRA DE MEDEIROS (Joaquim Silvio Caldas); Cadeira 30-BRUNO PEREIRA (Francisco de Sales Matos); Cadeira 31-ODILON RIBEIRO COUTRINHO (Josoniel Fonseca); Cadeira 32-KERGINALDO CAVALCANTI (Joanilson de Paula Rego); Cadeira 33-CARLOS ANTÔNIO VARELLA BARCA (Roberto Brandão Furtado); Cadeira 34-RAIMUNDO SOARES (Luiz Antônio Marinho); 35-OTTO DE BRITO GUERRA (Luciano Alves da Nóbrega); Cadeira 36-PAULO PINHEIRO DE VIVEIROS (Estefânia Viveiros); Cadeira 37-FERNANDO DE MIRANDA GOMES (José de Ribamar de Aguiar); Cadeira 38-MANOEL RODRIGUES DE MELO (Francisco de Souza Nunes); Cadeira 39-ALBERTO MARANHÃO (Lúcio Teixeira dos Santos); Cadeira 40-VÉSCIO BARRETO (Arthúnio Maux).

Como Patrono da Academia foi escolhido o insigne jurista potiguar AMARO CAVALCANTI e como integrantes do Quadro de Honra os, também juristas Norte-rio-grandenses, TOMÁS XAVIER GARCIA DE ALMEIDA, LUIZ GONZAGA DE BRITO GUERRA, LUIZ JOSÉ DE SAMPAIO, JOÃO BATISTA DE VASCONCELOS CHAVES, JOÃO MANOEL DE CARVALHO SANTOS e MIGUEL SEABRA FAGUNDES, enfeixando uma diretriz de vida representada pelo lema “*Recta Ratio*”.

Convocado para presidir a Primeira Diretoria, foi escolhido o Acadêmico José Adalberto Targino Araújo sucedido, respectivamente, por Jurandyr Navarro da Costa, Odúlio Botelho Medeiros, reconduzido Adalberto Targino e Lúcio Teixeira dos Santos, atual presidente. Por atenção dos dirigentes da Procuradoria Geral do Estado, a ALEJURN teve como sede provisória uma sala em suas dependências.

A solidificação da Entidade veio paulatinamente, tendo cada presidente oferecido uma parcela do seu empenho no caminho do aperfeiçoamento, podendo ser tributado ao dirigente fundador que a chefiou a aprovação do Estatuto Social e Regimento Interno, ambos posteriormente reformados – o Estatuto na AGE de 11 de outubro de 2013 e o Regimento Interno na reunião de Diretoria 1º de novembro de 2011, ratificado em 22 de março de 2013, todos com nova redação proposta por este articulista.

Como toda entidade de natureza privada, a ALEJURN também suportou alguns entraves burocráticos, tendo atravessado curto período de intervenção de uma Junta Governativa presidida pela Acadêmica Zélia Madruga até a realização de novo pleito, retornando a Entidade o seu caminhar natural dentro das diretrizes normativas em vigor.

Por sugestão do sempre presente Acadêmico Jurandyr Navarro, foi iniciado um projeto “Resgate da Memória Jurídica”, com palestras técnicas e históricas proferidas por membros da Academia e pessoas convidadas, com a publicação de algumas plaquetes e coroados com a edição de sua primeira Revista da ALEJURN, sob a orientação do saudoso Acadêmico Luciano Alves da Nóbrega, lançada precisamente em abril de 2012.

Presentemente, sob a administração do Acadêmico Lúcio Teixeira, a ALEJURN no dia 17 de agosto próximo passado ganhou sua nova sede, ocupando espaço no prédio da Ordem dos advogados do Brasil, seção do Rio Grande do Norte – Rua Barão de Serra Branca, s/n – Candelária – Natal/RN, oportunidade em que prestou homenagem de reconhecimento e agradecimento à Procuradoria do Estado, que por muitos anos lhe deu abrigo e ao servidor Cláudio Henrique Rodrigues de Lima, daquele órgão que prestou, voluntariamente, valiosa colaboração.

Agora, em Casa nova e com o espaço necessário ao desempenho de suas atividades, já se tem patente a realização de uma programação cultural regular a par de encontros mais constantes para

a troca de ideias pertinentes ao seu desenvolvimento e discussão de temas jurídicos de relevância, sempre guardando o princípio basilar de sua criação.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES, Membro Honorário Vitalício da OAB/RN, Professor Emérito da UFRN, Membro da ANRL, ALEJUR, AML, IHGRN e UBE-RN.

COISAS DA POLÍTICA

João Batista Machado

O general Castelo Branco foi primeiro presidente do regime militar eleito indiretamente pelo Congresso Nacional, após o golpe militar de 31 de março de 1964. Em conversa informal, no Palácio do Planalto, com o senador Daniel Krueger (Arena/RS) e deputado Djalma Marinho (Arena/RN) quis ouvir opinião deles sobre promulgação da Constituição de 1967, que seria outorgada pelo regime militar. Durante um intervalo do encontro, com a finalidade de descontrair a sisudez do tema tratado, o presidente este perguntou ao deputado Djalma Marinho:

- Doutor Djalma, me defina politicamente o Rio Grande do Norte?

- São dois gestos (polegar para cima e o V da vitória) duas cores (verde e vermelho) e uma canção louvando um líder, presidente. Castelo Branco sorriu discretamente. Em se tratando de assuntos constitucionais, o senador gaúcho e o deputado potiguar eram intérpretes preferidos do presidente junto ao Congresso Nacional. O parlamentar de Nova Cruz, apesar do prestígio junto ao Planalto, praticava o varejo político, ainda tão em moda atualmente.

Djalma Marinho condenava o estilo de se fazer política no Rio Grande do Norte. Dizia ser um verdadeiro pastoril, onde o verde era o azul e o vermelho o encarnado. Era avesso a qualquer tipo de populismo, por questão de princípios. Justamente por isso, tinha dificuldades em conseguir reeleição à Câmara Federal. Perdeu duas eleições majoritárias: para o governo do Estado em 1960 e o senado da República em 1978, respectivamente, para Aluizio Alves e Agenor Maria.

No auge do radicalismo político no Rio Grande do Norte, década de 60, duas lideranças políticas provenientes da União De-

mocrática Nacional (UDN) disputavam o poder de forma radical e virulenta: Aluízio Alves e Dinarte Mariz. Eles passaram 25 anos como aliados políticos e 25 anos como desafetos. O radicalismo não permitia surgimento de novos líderes, porque o estado estava dividido entre as duas lideranças antagônicas.

Aluízio era liberal e Dinarte conservador. Ambos apoiaram o movimento militar que depôs o então presidente João Goulart no dia 31 de março de 1964. Dinarte com entusiasmo e Aluízio discretamente. O senador seridoense não aceitava compartilhar o poder no Estado com o adversário de quem fora amigo no passado e desafeto no presente. Não haveria convivência pacífica entre os dois no mesmo partido. Criaram-se, então, as sublegendas: Arena verde (Aluízio) e Arena vermelha (Dinarte).

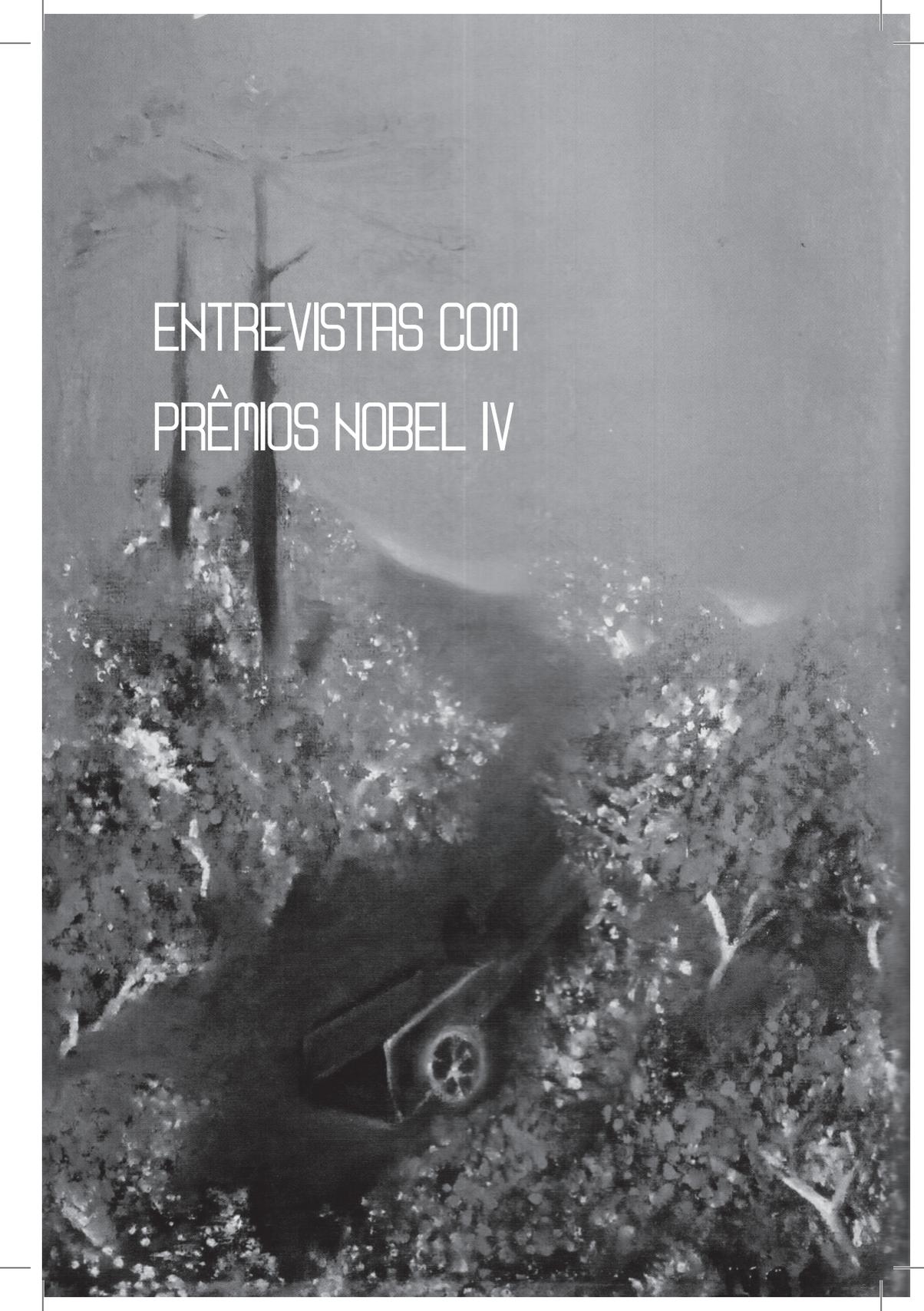
O partido do governo dividiu-se entre as duas cores da política local. O verde de Aluízio e o vermelho de Dinarte. Este, habilmente, aproximou-se do ministro da Guerra, general Costa e Silva, que seria mais tarde ungido por decisão castrense sucessor de Castelo Branco o primeiro, presidente do ciclo militar. Dinarte passou a ser representante do regime autoritário no Rio Grande do Norte. Tinha participado da conspiração civil que derrubou o presidente João Goulart.

Após a decretação do AI-5 em dezembro de 1969 durante o governo Costa e Silva, o regime militar entrou explicitamente numa ditadura. O senador Dinarte Mariz aproveitou-se da amizade com o presidente e teve participação decisiva nas cassações dos irmãos Alves: Aluízio, Agnelo e Garibaldi. Na época, o retorno de Aluízio ao governo, pelo voto popular, como sucessor do monsenhor Walfredo Gurgel, era admitido até pelos mais radicais desafetos.

O regime militar temendo a represália das urnas introduziu o sistema de eleições indiretas para governador, que a partir da nova legislação seriam eleitos pelas assembleias legislativas de 1970 a 1978. Somente a partir de 1982 as eleições para o governo dos Estados voltariam a ser diretas pelo voto popular, já em plena fase

da abertura política lenta, gradual e segura coordenada pelo chefe da Casa Civil do presidente Ernesto Geisel, o general Golbery do Couto e Silva e consolidada no governo João Figueiredo, último presidente do ciclo militar que perdurou por 21 anos, entre regimes austero e ditadura.

JOÃO BATISTA MACHADO é jornalista, historiador e escritor. Autor de vários livros sobre a história política do Rio Grande do Norte. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

An aerial, black and white photograph of a car parked in a dense forest. The car is positioned in the lower center of the frame, surrounded by a thick canopy of trees. The lighting is soft, creating a misty or ethereal atmosphere. The text is overlaid in the upper left quadrant.

ENTREVISTAS COM
PRÊMIOS NOBEL IV



GÜNTER GRASS

A CONSCIÊNCIA CRÍTICA DA NAÇÃO ALEMÃ

Antonio Nahud entrevistou o escritor na Fnac de Madri, em 2000. A entrevista saiu no jornal “A Tarde” (BA) e no livro “ArtePalavra – Conversas no Velho Mundo” (2002).

Quando a maioria tenta esquecer-se do passado, um dos maiores intelectuais da Alemanha remexe o nazismo e denuncia o tema em entrevistas e em livros. Mais do que um gigante literário, Günter Grass é um tutor moral do pós-guerra. Autor de “A Ratazana” (1986) e prêmio Nobel de Literatura 1999, ele traduz a desordem humana oculta na história política da sua nação. Sua obra tem características dos murais históricos e sociais. Romancista, poeta, escultor e desenhista, é um dos autores definitivos da língua alemã e o principal porta-voz de sua geração.

Nascido em 1927, em Danzig, começou sua carreira literária em Paris, por volta de 1956, e teve o reconhecimento internacional com o barroco “O Tambor”, romance finalizado em 1959, quando ele contava 32 anos, e escrito em um porão da capital francesa. Com o livro, ele ganhou o papel informal de “consciência crítica da Alemanha”. Traduzido para 24 idiomas, relata o estado de quase apoplexia que teria levado homens e mulheres a aceitarem o nazismo como uma extensão de seu caráter. Em meio ao rastro de destruição, o protagonista - um menino interno de um hospício - se recusa a crescer e a entrar na sociedade dos adultos. Volker Schlöndorff passou o argumento ao cinema, num filme premiado que divulgou mundo afora o escritor.

Nos anos 1960 e 1970, os romances de Grass enfocaram a desilusão a pairar sobre a construção de uma nova sociedade alemã. Enquanto escrevia, produzia discursos para Willy Brandt, o primeiro chanceler social-democrata do país, e encontrava tempo para denunciar, por exemplo, a indústria de armamentos alemã ou a

“cumplicidade moral” dos católicos e luteranos com o nazismo. Ele se diz “não um pessimista, mas um cético”. Sua missão parece ser a de alertar, por meio da escrita e também da persona pública, a má consciência dos que se esquivam e se desculpam por seus raramente assumidos pecados de guerra. O escritor usa a figura engajada para dismantelar seus compatriotas.

Para ele, o papel do escritor é rasgar feridas que não estejam curadas e é o que faz. Ano passado foi especialmente importante para a sua carreira inovadora. Ganhou o Nobel e o prêmio espanhol Príncipe das Astúrias de Letras. Foi o reconhecimento a um autor engajado politicamente, preocupado com temas como aborto, xenofobia e armas nucleares. Entre seus romances conhecidos estão “O Linguado”, “A Ratazana”, “Maus Presságios” e “Anos de Cão”. O mais recente, “Meu Século”, foi lançado recentemente no Brasil. Homem simples e agradável, 71 anos, incansável fumador de cachimbo, de passagem por Madri concedeu a entrevista publicada adiante.

O senhor provoca ao mesmo tempo amor e ódio entre sua gente. Talvez seja mais querido fora do seu país.

Não creio que tenha a ver especificamente com minha pessoa. Sucede em outros países com outros escritores. Por exemplo, Juan Goytisolo, um autor espanhol a quem aprecio muito. Ele é bastante incompreendido na Espanha e respeitado na Alemanha. Isso sempre acontecerá no universo literário. Não lamento. Estou bem, mesmo com os ataques sofridos no meu próprio país.

Tudo começou há 41 anos com a publicação de “O Tambor”, uma obra que abalou o establishment literário alemão. Esse romance é um clássico do século XX. Influenciou diversos escritores. Entre eles, Gabriel García Márquez.

Fico alegre. Comovente saber que autores mais jovens que eu, como Salman Rushdie ou John Irving, leram na juventude a tradução inglesa de “O Tambor” e que o livro os animou em sua carreira literária. Não como influência, mas como incentivo para seguir escrevendo. Naturalmente que me sinto feliz com o resultado de “O Tambor”.

Menos consensual foi a avaliação de muitos em relação a “Uma Longa História”, publicado em 1995, e o recente “Meu Século”.

A imprensa alemã os considerou ilegíveis e monstruosos. Não é fácil ser sincero em relação a unificação alemã e outros temas delicados, e agradar a todos.

Conhecido como um escritor profundamente politizado, defende, inclusive, minorias. Sua literatura chama a atenção para um mundo humanista, quase desaparecido. Vem daí a polêmica?

Sempre estive ao lado das minorias. Provavelmente tem a ver o fato de ser de origem kachuba por parte de minha mãe, e os kachubos constituem, na Polônia, uma minoria eslava. Não entendo como a gente cruza os braços diante de massacres nos quais são vítimas centenas de pessoas. Muitas vezes me sinto consternado quando nossos pacifistas, que respeito, desconectam sua memória diante de um passado recente terrível. Eu não quero me calar diante dos horrores do meu tempo, diante das loucuras históricas de meus compatriotas.

Sétimo escritor de língua germânica a receber o Nobel. Desde os anos 70 considerado um sério candidato ao prêmio. Demorou para chegar?

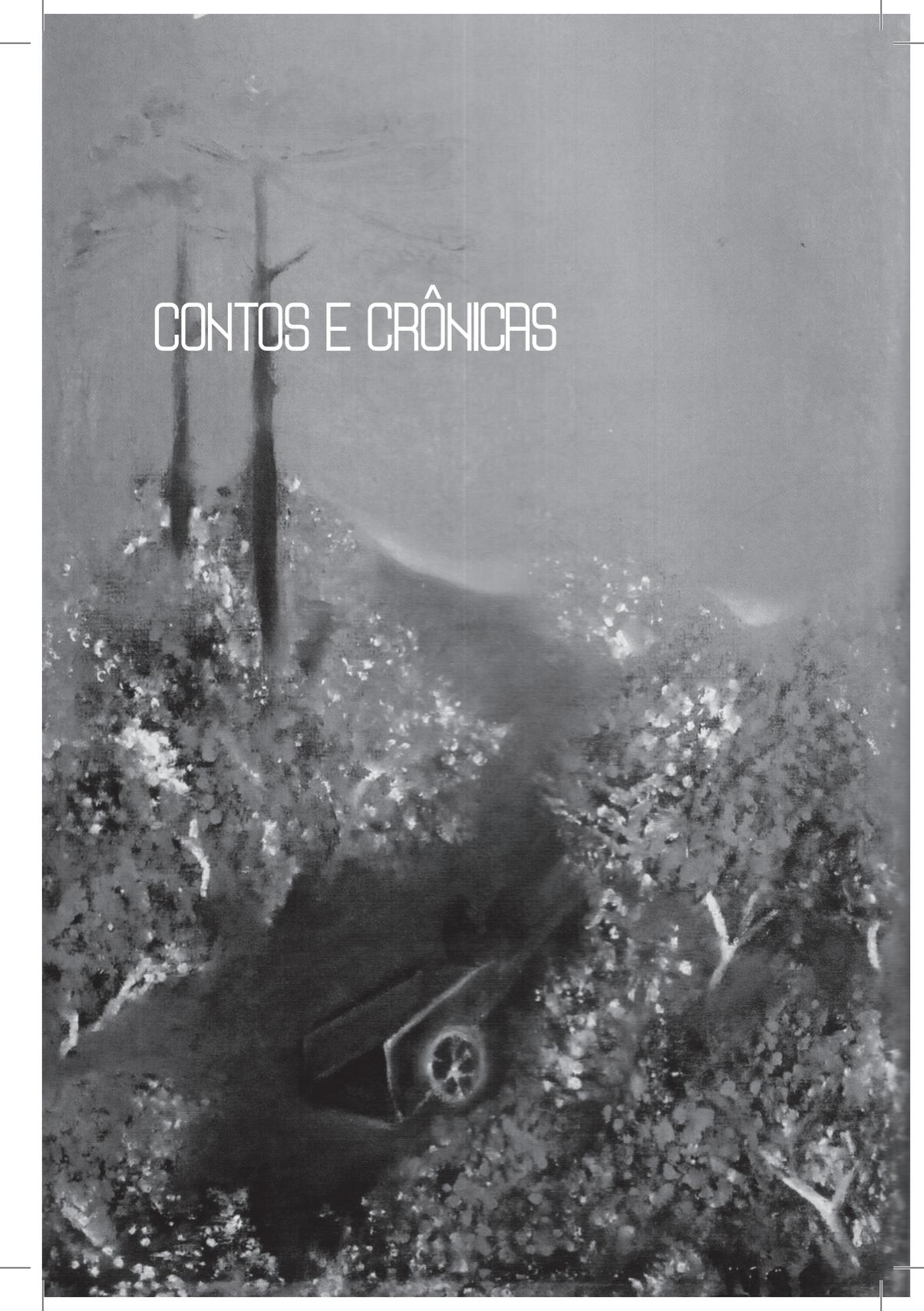
A verdade é que não acreditava que fosse possível. Pensava que não receberia o Nobel. Sinceramente, não esperava, foi uma surpresa. Posso dizer que sinto alegria e orgulho.

“Meu Século” já foi traduzido no Brasil. O senhor conta com admiradores no nosso país. Tem interesse em uma visita?

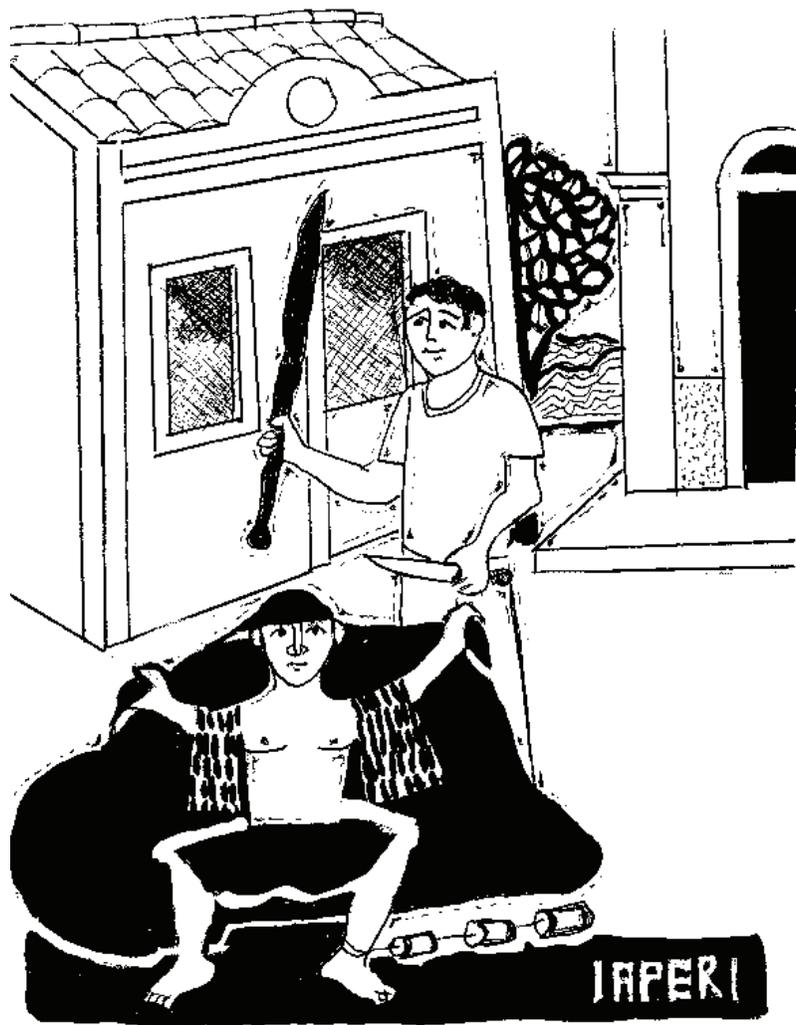
Há que contar com o tempo, são muitas as coisas que me caem em cima neste momento. Além disso, levo muitos anos escrevendo, estou velho. De modo que a liberdade de movimento nem sempre coincide com a vontade.

ANTONIO NAHUD é jornalista e escritor, autor de “Suave é o coração enamorado” e outros livros.





CONTOS E CRÔNICAS



IAPERI

O PADRE E O LOBISOMEM

Japeri Araújo

Quando o padre Aprigio chegou a vilazinha de Capela Nova, um lugar atrasado no município de Flores do Seridó, para curar a capela de Nossa Senhora das Graças, rezando a missa dominical, vez que morava em Flores, as moças solteiras do lugar se agitaram como formiga em dia de chuva.

Era um padre, mas na verdade era um homem solteiro e prá quem convivia unicamente com gente semialfabetizada, sem perspectivas de vida, mesmo um sacerdote era um partidão. Devia ter uns 28 anos e diferente do padre velho da paróquia era um homem limpo, pois diziam que tomava uns 3 banhos por dia, bem barbeado e cheiroso. Cheiroso mesmo. Quando celebrava aos domingos, seu perfume meio adocicado invadia a pequena capela de uma forma que a Irmandade do Sagrado Coração que ocupava os bancos cativos da primeira fila, toda ela espirrava. Nas conversas das beatas pensaram colocar o apelido dele de espirradeira, mas era por demais discriminativo. Espirradeira era um nome feminino e não cabia num homão daquele. Feminino era que ele não era.

Desde as 6 da manhã do domingo ele começava as confissões e parece que naquela vila só as mulheres pecavam. Não tinha nenhum homem na fila para se confessar. Só mulheres. As primeiras eram as beatas, muitas já velhinhas que se compraziam em inventar pecados para conta-los ao padre. Na verdade, contavam os pecados da vida alheia. O padre tudo ouvia e como era novo no lugar não tinha coragem de adverti-las, até por serem elas as reservas morais do lugar. Imagine se ia brigar com elas. No fim da fila, vinham as moças solteiras. As caritós ficavam no grupo da vanguarda das beatas, até por não terem mais esperanças de casamento, mas conheciam todos os podres da comunidade.

O padre se comprazia em rezar, muitas vezes em voz alta durante os relatos das fiéis, mas uma das mulheres do grupo intermediário chamou sua atenção. Ela não falava da vida alheia, mas contava seus anseios sexuais. O marido era um beerrão e dificilmente cumpria seus direitos de esposo. Quando não dormia na rua ou no alpendre da casa dos outros, chegava em casa tão bêbado que nem banho tomava e caía na rede, armada na sala. Sexo, mesmo talvez fosse uma vez por ano. E ela descrevia suas ânsias e todas suas fantasias sexuais para o padre. Como se tocava, acariciando os seios que ela insistia em dizer que eram firmes, já que nunca tivera filhos nem amamentara.

- Se o senhor quiser eu mostro, aqui mesmo. E ameaçava levantar a blusa.

- Não uso nem sutiã. E meu marido despreza esse material todo.

Falava de como acariciava o sexo e descrevia até seus pelos lisos como os cabelos de uma índia que ela não raspava mas deixava aparados como uma cobertura negra.

O padre interrompia sempre sua narrativa, mais que uma confissão, e arremedava uma penitência para aquela mulher que ele entendia estava se oferecendo ao seu desfrute.

Em Flores, conversando com o velho padre, não teve coragem de contar sua tortura sexual. Sabia que seria advertido dos perigos da tentação que certamente satanás era o mentor.

- Deus me livre das tentações

E se submetia a suplícios, dormindo no chão de cimento da casa paroquial com um cinto apertado cheio de pregos que entravam no couro de sua cintura.

Na terceira vez que a mulher esteve no confessional, ela revelou sua intenção:

- Será que o padre não pode me ajudar?

- Minha senhora, ajuda estou lhe dando com penitências. Mais que isso nada.

- Se o senhor fosse lá em casa, num sábado que é dia de feira, com certeza meu marido estará na fuleiragem da cachaça dormindo no chão do bar de seu Eucrides.

- De jeito nenhum. Sou um sacerdote e tenho voto de castidade que a senhora deveria ter também

- O senhor pode ter esse voto porque é quase um santo, mas eu, uma pecadora não tenho essa natureza. Me ajude, pelamordedeus..

Mais uma vez o padre antecipou o fim da confissão com a penitência da reza, mas voltou prá Flores com os problemas da mulher na cabeça.

Desse domingo pro sábado seguinte, viveu um inferno. Sonhava com a mulher acariciando os seios muito brancos, com rósea auréola e com o seu genital recoberto de pelos negros e lisos. Levantava-se e ia orar sobre punhados de caroços de milho. Na sexta acordou todo melado. Ejaculara em sonho de que não se lembrava. Devia ter sido algo mais íntimo, ao ponto de acordar daquele jeito.

No sábado à tarde pegou o velho jipe da igreja e foi-se prá Capela Nova. Àquela noite não presidiu nenhum culto. Informou que estava indisposto e o Apostolado da Oração cantou uma novena. Lá pras 10 da noite resolveu ir à casa da mulher para lhe dar uns conselhos. Não deu tempo. Mal ele entrou na casa, foi agarrado, despido e submetido a todos os exercícios sexuais que os dois tinham reprimido.

- Padre, imagine que já me sinto melhor. Se você quiser, todo sábado esta hora, pode vir que lhe espero prá me fazer curada.

- Mas, senhora, alguém pode me ver indo prá sua casa, mesmo sendo tão perto da capela e a rua ser pouco iluminada.

Não se incomode que vou resolver. E com meu marido que tenho certeza que vai ficar feliz sabendo que o senhor se serve de mim para curar essa minha ansiedade que é quase uma loucura.

No sábado seguinte, o marido da mulher coberto com uns molambos velhos e o couro curtido de uma cabra preta, arrastando umas latas vazias pelos pés, correu a cidade toda, assombrando o povo. Ninguém saiu de casa com medo da assombração. Na missa de domingo era só do que falavam.

-Um lobisomem tá correndo a Vila perseguido pelos cachorros. Ninguém quer mais sair de casa depois das dez. É a hora do lobisomem.

Isso durou uns três meses.

Depois desse tempo, Osvaldo, filho de seu Deodato que o povo chamava de major, veio de Recife, onde estudava Direito, passar uns dias com os pais na Vila. No mesmo dia de sábado em que chegara, ouviu a história do lobisomem e sentiu logo que era uma presepada de alguém. Por isso resolveu quebrar o encanto do lobisomem e escondeu-se num beco escuro do outro lado da capela. De repente, ouviu o estrupício da zoadada, da cachorrada acuando a assombração e aquele vulto passar correndo rua acima, rua abaixo. Não teve dúvidas e partiu prá cima com um cacete de pinhão roxo e uma peixeira e acunhou o bicho no cacete até deixa-lo mofino no chão. Quando empunhou a peixeira prá furar o bucho da assombração ouviu um gritinho de acuda.

- Fala isso não, senhorzinho, sou eu, Manelão.

E num era que o sujeito, marido da mulher que se dava ao desfrute com o padre era empregado do sitio do seu pai?

- Homi, que danado é esse?

Manelão explicou tudo direitinho. Casara com das Neves e não tinha mais talento prá apagar o fogo da mulher. Pensara até em conversar com um rapaz solteiro dali prá lhe dar uma ajuda, mas o padre aparecera por ali e estava resolvendo os problemas de sua mulher.

- E ainda deixa um dinheirinho prá feira e minha mulher ainda dá um tiquinho prá minha cachaça. Lhe digo mais. Melhor com

o padre que guarda segredo do que com um desses cabras daqui que iam sair falando da mulher em todo canto.

O futuro bacharel em Direito não teve o que fazer mais a não ser cair em gargalhada.

IAPERI ARAÚJO é médico, escritor e artista plástico, autor de “Canções da Terra” (contos) e numerosos outros livros. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras.

A MULHER ADVERSATIVA

Clauder Arcanjo

— Penso, depois deste mês de calor dos infernos, em esquecermos de tudo, Maria, e viajar, viajar...

Ela pôs os olhos no bordado da saia, passou as mãos tímidas sobre os detalhes do rendilhado, soprou um fastio da boca pequena, e lhe respondeu:

— Concordo, mas...

E mais não disse; apenas, tangeu a vista para a janela e catou novidades no horizonte distante.

— Eu sei, meu coração! Eu bem compreendo o que a preocupa. As crianças, o colégio, o seu jardim florido... Não estou certo?

Ela fungou uma tristeza miúda, e ficou quieta. Tão somente baixou a vista, mexendo, de leve, as sobancelhas finas.

— Ando a pensar, também, em outra coisa. Acredite. Em sairmos esta noite para jantar. Uma mesa no fundo do ambiente, um violão a dedilhar velhas canções; sem falar no vinho que você gosta. E, se o tempo nos levar, esticar pela madrugada. Como não fazemos há tempo.

Um pássaro trinou na copa da árvore na frente da casa, levando Maria a se dar conta da nova proposta.

— Seu danado! Como seria bom, porém...

Gilberto quase não se conteve com aquela resposta. Respirou longamente, coíou o bigode ralo, a sentir fumos de zanga nas mãos. Deu alguns passos pela sala, fingiu interesse num livro guardado sobre a mesinha do canto. Folheou-o, sem ler.

Voltou para mais perto de Maria, e abraçou-a. Estranhou os seus ombros frios e o corpo lasso.

— Está certo, querida! Estou pensando mais em mim do que em você. Já sei, vamos ao cinema! Lá, está em cartaz uma história de amor com final feliz. Daquelas que você sempre me pede para assistir. Uma sessão a beijos e pipocas. Hein?!

Uma espécie de fugaz surpresa correu sobre os seus olhos úmidos. Como um relâmpago, assomo de encanto. Ela levantou-se e foi em direção à mesa, dispendo o bordado junto ao jarro com flores. Sem voltar-se, ponderou:

— Interessante, entretanto...

— Você sempre me dobra, Gilberto!

Rindo baixinho, Maria se aquietou sobre o ombro de Gilberto. Minutos depois, ela entregou-se a um sono profundo.

Ele, com jeito, levantou-se, ajeitando-a embaixo dos lençóis. Alisou o bigodinho e, sem esforço, viajou para as aulas de português de Dona Zélia, em Licânia. “Repitam comigo, meninos. Repetir é gravar: mas, porém, contudo, entretanto, todavia... Aprendam as adversativas. Dominem a nossa língua. Dominar a língua é dominar o mundo.”

Longe, o barulho do escape do único ônibus da cidade, saindo para a capital. Com pouco, as gaitadas do casal vizinho voltando para casa, após mais uma noitada.

Ligou a tevê do quarto, sessão coruja. Na tela, “E o vento levou...”. Quis acordar Maria, contudo...

CLAUDER ARCANJO é escritor e editor autor de “Licânia”, “Novenário de Espinhos” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e outras instituições culturais.



Foto cedida por George Veras. (In "Séculos de fé").

QUATRO MOÇAS E UM ANJO

Demétrio Diniz

A foto é de 1930 e logo, logo, terá cem anos. Revela uma festa de padroeira na vila de Saboeiro, nos sertões do Nordeste. Os homens vestem paletó curto, usam gravata, chapéu Panamá, e calçam sapato de duas cores, branco e marrom. Todos usam chapéu Panamá, que é um chapéu distinto, próprio para dias festivos.

Ao lado esquerdo da foto há uma pequena banda de música, tocam trompete, saxofone e clarinete. O que toca clarinete possivelmente é Malibeu, que depois, mais velho, por ter ficado muito irritadiço e viver andando sozinho pelos arredores da vila, ganhou fama de lobisomem. Mas pode ser também Leôncio Ferreira, a vida toda ensaiando no clarinete, enchendo de sons entrecortados as tardes modorrentas e solitárias. No lado direito veem-se umas poucas meninas bem vestidas, aí pelos seis, sete anos. E ao centro quatro moças carregam um caixão de anjo. Devem ter entre dezoito e vinte anos, andam sem chapéu, e o vestido vem até o meio da perna.

O anjo não dá para se ver direito, a foto está bastante danificada, o brilho dos olhos dele, azeitados para encontrar o caminho do Céu, não se reflete na chapa. Como aconteceu a algumas crianças dali, morreu pelo susto com fogos de artifício. Em dias de festa as mães cuidavam de trancar seus bebês na alcova, nos caritós, nos aposentos mais fechados e refratários ao som. Algumas mais prevenidas, tapavam os ouvidos das criancinhas com lã de algodão. Mas Socorro Vidal, a mãe do anjo da foto, se descuidara. Na ânsia de se embevecer com os fogos de lágrima caindo silenciosos do céu, esqueceu os de estrondo que viriam em seguida e sentou-se à calçada da casa com o seu primeiro filho. A morte durou o tanto da explosão do foguetão.

O que permanece uma incógnita, porém, é a presença das quatro moças no meio da festa. Estão junto à banda, na alegria que

entornava o ambiente, tal que até os carros Ford da época buzinavam concertados de instante em instante. Poderia se pensar que levavam o caixão à igreja para ser benzido, mas a igreja, como o cemitério, ficava à retaguarda, na direção oposta a que se dirigiam. Por qual motivo estariam então com um caixão de anjo numa festa? A celebração da morte, como ocorre em algumas tribos indígenas ou africanas, nunca chegou até aquele local. Numa terra de muita escassez, só a tradição do sofrimento, a se manter pelos velórios longos com chá de cidreira e bolinhos de goma, pelas carpideiras, os desmaios à beira da sepultura, os retratos dos mortos pendurados nas paredes, as litogravuras estampando o martírio dos santos cravados de setas e banhados de sangue. Vindo do outro lado da vila, e tendo de atravessar os festejos, não pararam as quatro moças para um retrato, consentindo na captura não da morte, mas do viço de sua juventude? E enquanto o retratista enfiava o rosto no saco de pano da máquina não teriam elas se colocado ao lado da banda, no miolo mesmo da animação, dando a falsa impressão, ao se examinar a foto, de estarem elas também participando da festa?

Não posso concordar com a hipótese de Cristalino Oliveira, de que foram atraídas pelo clima de entusiasmo, coisa comum aos jovens. Numa localidade em que só havia uma festa por ano — argumentou Cristalino — elas não teriam hesitado ao convite dos rapazes para a quermesse montada ao lado. Cansadas da monotonia da vila, certamente aceitaram afastar a tristeza com alguns goles de cajuína, aluá de abacaxi ou outra bebida de então, repassando o enterro para as meninas pequenas, o que não seria um malfeito, pois anjinho é comumente levado por crianças. Acho pouco provável tal hipótese. Conheci quando pequeno as moças do sertão. Não abandonariam um enterro por nada, até porque cortejo fúnebre, seja anjinho ou defunto, compõe ali uma representação cênica a expandir a dor do luto. Avisadas da morte de uma criança, logo ao amanhecer as meninas catavam flores pelos cantos dos muros, pelos arredores da vila, retiravam do odor da naftalina seus vestidos pequenos de cetim azul, tiravam das caixas os sapatinhos de festa também azuis, armavam a coroa de flores com que iniciariam o cortejo — a coroa

ostentada à frente como uma peça litúrgica —, e cedo ensaiavam as cantigas dolentes da despedida. No barro vermelho da única rua de Saboeiro via-se pela manhã e à tarde a mancha de azul, uma pequena nuvem se arrastando pelo chão ao compasso de uma cantiga de louvor: *Meu anjo de asa, meu São Serafim, você vai pro Céu num galho de alecrim.*

De Joana Praxedes, ex-Presidente do Apostolado da Oração, e que ajudou na construção da igreja matriz, carregando por quilômetros e na cabeça latas de areia, tudo porque anoiteceu desenganada, intimada pela indesejável, e na manhã seguinte já moía o milho do cuscuz, colhi outra explicação merecedora de nota. Joana Praxedes atribuía às quatro moças uma atitude improvisada. A de que não encontrando o padre Luís Mariano na igreja, o procuraram na quermesse, onde deveria estar ganhando no leilão galinhas, marrecas, bacurins, vacas, novilhos de touro, faixas de terra, dinheiro vivo e até mesmo um despoldador de arroz, que lhe chegavam às mãos como ofertórios à santa.

Outras versões ouvi, embora de pouca ou nenhuma verossimilhança, por isso mesmo deixadas sem registro. Guardei por último a versão de Hermenegildo Abrantes, a qual andei hesitando em transcrever porque poderia estar contaminada pelo amargor.

Maior era esperado naquele lugar como o mês da padroeira, celebrado pelas novenas rezadas de casa em casa, o andor de Nossa Senhora de Fátima numa peregrinação diária até o último dia. Tão esperado esse mês que Honorata Maria da Conceição, no primeiro dia, debruçada sobre a meia-porta de sua casa e entre uma bafurada e outra do cachimbo, indagava em voz alta dos serrotes que se estendiam no horizonte as boas alvíssaras de maio. Mas para Hermenegildo Abrantes, curtindo a velhice nos vapores do ressentimento, um deles porque a localidade até hoje não prestou qualquer homenagem aos seus parentes comerciantes, esquecido ele de que esta é uma categoria de pouco brilho, para Hermenegildo maio era o mês dos anjos. Com a pegada do inverno, e devido ao reverdecimento do pasto —ele conta—, enxames de moscas, como um bordado

preto, infestavam os pratos, a mesa, o chão, as feridas, os olhos remelados das crianças, a cabeça dos velhos. Moscas sempre presentes pelos currais, no úbere das vacas, no focinho dos porcos, na bicheira dos animais, no bico improvisado das garrafas de guaraná que serviam de mamadeira. Tanta mosca que Luzia Camaleão, chegada a um exagero, afirmou ter visto um bebê chorando nas nuvens, levado por um enxame delas.

E à conta desse mosqueiro sem tamanho, fazendo adoecer e dizimando as crianças, Raimundo sacristão se queixava todo dia do braço doído de tanto repenicar o sino menor da igreja. Nos morticínios de maio, na abundância da morte — Hermenegildo garantiu —, tudo era possível acontecer, podendo até mesmo as moças terem esquecido o caixão numa das mesas da quermesse.

DEMÉTRIO VIEIRA DINIZ é escritor e poeta, autor de “Nuno Labaredas e sua Paixão por Baba Yaga”, “O Amor Fora de Época de Felipe Flores”, “Ferrovia” e outros livros.

O SENHOR HUMBOLDT MOSES E A PINÇA

Johann Freire

“Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto.” (Machado de Assis)

1.

O senhor Humboldt Moses era um cavalheiro extremamente esguio, um tipo que, agitado em seu interior por um senso agudo de delicadeza, de consideração e respeito pelos seres de estatura normal, declinou-se tanto sobre o próprio corpo que acabou assumindo uma postura sinuosa, curvilínea, em seu frágil e desequilibrado caminhar.

O senhor Humboldt Moses saindo de casa e costurando trôpego os dois quarteirões que o ligavam à repartição: quem o observasse de um dos prédios residenciais do outro lado da calçada pensaria de imediato num sinal gráfico, num ponto de interrogação encarnado.

Mas a altura e magreza extremas do senhor Humboldt Moses, o seu corpo curvilíneo, interrogativo, como que se esmaeciam frente a uma outra característica sua: a barba.

Não era uma barba geométrica, um tufo de pelos em formato de triângulo escaleno, muito bem desenhado, como comumente se vê hoje em dia. Era uma barba espessa, antiquada, uma mata virgem, selvagem, anterior à existência do próprio senhor Humboldt Moses.

O senhor Humboldt Moses parecia ter nascido para dar lugar a essa barba, para justificá-la, para cultivá-la. Era como se a senhora Catharina Moses tivesse parido um tufo de pelos e o senhor Humboldt Moses crescido em torno desse tufo.

Era acima de tudo uma barba que impunha respeito, e era por

isso – pela barba – que todos na repartição davam a Humboldt Moses o tratamento de *senhor*, quase um título nobiliárquico, embora não tivesse mais do que vinte e cinco anos de idade.

O senhor Humboldt Moses: um sinal gráfico hirsuto: um jardim suspenso ambulante.

2.

O senhor Humboldt Moses era um homem culto, muito lido. Se tivesse nascido na época certa, poder-se-ia dizer que possuía um léxico invejável, de acender a admiração dos seus coetâneos. Mas não nasceu na época certa. Alguns nascem em 1993, por exemplo, mas são do século XIX, do século XVIII ou do século V. Há como que um desequilíbrio cronológico, um vazamento numa das frinchas do tempo. É um erro de cálculo mais comum do que se imagina.

Mas na época errada do senhor Humboldt Moses não se admirava mais a riqueza vocabular de um indivíduo, sua elegância no trato com a linguagem, sua versatilidade estilística, vernacular.

Em meio aos mais de 25 mil verbetes que habitavam a cabeça do senhor Humboldt Moses havia, no entanto, um verbo em particular que não fazia parte do seu vocabulário nem das suas ações: *escanhoar*.

Escanhoar-se.

Pois o senhor Humboldt Moses trazia um jardim no rosto e seu rosto não conhecia o deslizar macio da lâmina, o corte rente.

Tratava-se mesmo de cultivo, de jardinagem, e não de desmatamento.

O senhor Humboldt Moses não ceifava. O senhor Humboldt Moses podava. Como um ancião japonês diante de um bonsai, todas as manhãs o senhor Humboldt Moses se ajustava em frente ao espelho do banheiro, e com uma tesoura de aço de seis polegadas reprimia a rebelião dos pelos revoltos do seu rosto.

Era uma equação ritualística matinal: o senhor Humboldt Moses, a tesoura, o espelho. O espelho duplicava o senhor Humboldt Moses. A tesoura subtraía os pelos insurretos. Um problema

matemático a cujo resultado o senhor Humboldt Moses chegava todos os dias sem complicação. Até que à equação se somou um outro elemento: a pinça.

3.

Uma antena de grilo. Foi no que o senhor Humboldt Moses pensou certa manhã, quando viu duplicado no espelho o pelo que desabrochou da maçã do seu rosto. Um pelo por assim dizer individual, distinto, não identificado com a penugem homogênea que se amontoava mais abaixo. Um pelo desabrochado da maçã do rosto, logo abaixo do olho esquerdo, ao lado de uma verruga. Era idêntico a uma antena de grilo.

De uma das gavetas do armário o senhor Humboldt Moses tirou uma pinça.

Um instrumento curioso, a pinça. O senhor Humboldt Moses nunca tinha se servido de uma.

Duas hastes metálicas. A perfeita apropriação do homem dos elementos dispersos pela Natureza. O que num caranguejo é imperfeito, inábil, risível até, numa pinça vislumbra a excelência da criação. Quem diz que não conhece a perfeição, ou alardeia a impossibilidade humana de se chegar a ela, é porque nunca examinou uma pinça, disse em voz alta o senhor Humboldt Moses, como quem testa o efeito de um aforismo antes de tomar nota.

Naquele momento o senhor Humboldt Moses se encheu de admiração por esse objeto. Contemplar por instantes a perfeição resulta em felicidade, ou em algo muito próximo disso. Causa um efeito estético que deságua no prazer dos sentidos, numa espécie de compensação manca pelas falhas inerentes à nossa espécie grosseira.

A lâmina é o corte brusco, a mutilação, a ferida. A pinça age por outro mecanismo, tem um viés mais nobre, mais sutil. O senhor Humboldt Moses resolveu por fim experimentá-la.

4.

O senhor Humboldt Moses – a respiração embaçando o espelho – pressionou a pinça contra o pelo travestido de antena de

grilo. Conferiu se a pinça segurava firme. Contou até três e fechou os olhos, apreensivo. Em seguida deu um puxão.

Quando abriu os olhos o senhor Humboldt Moses percebeu que, a trinta centímetros do seu rosto, a pinça ainda sustinha o pelo. O pelo continuava lá, ligado ao senhor Humboldt Moses como um cabo aéreo de um teleférico que ia da maçã do rosto às hastes da pinça.

O senhor Humboldt Moses nunca imaginou que um pelo pudesse ser tão grande assim.

Deu outro puxão, e mais trinta centímetros saíram. Tentou de novo e de novo e de novo, e quanto mais e mais puxava, mais e mais centímetros se punham cá para fora. A empreitada parecia não ter fim. O senhor Humboldt Moses continuou puxando.

Numa determinada altura o senhor Humboldt Moses prescindiu da pinça e começou a puxar com a ponta dos dedos. Um novelo já se acumulava ao seu lado e não parava de crescer. Pareceu-lhe que sua postura ia se modificando à medida que puxava o pelo, que seu corpo ia ficando mais ereto, mais aprumado, e que seu rosto aumentava na mesma proporção em que a barba diminuía de tamanho, de volume.

O senhor Humboldt Moses não se lembrava da última vez que viu os seus lábios, e agora eles já podiam ser vislumbrados em meio à penugem cada vez mais rarefeita. Os lábios, o queixo, as bochechas. O pescoço.

O senhor Humboldt Moses estava ficando imberbe. De interrogativo o senhor Humboldt Moses estava ficando exclamativo. Uma transição: de anzol para pinça. Imberbe e ereto. Altivo.

Atiçado por uma curiosidade cada vez mais pujante, o senhor Humboldt Moses não parou mais de puxar.

Desde esse dia o senhor Humboldt Moses nunca mais foi visto.

JOHANN FREIRE é escritor. Colabora em vários jornais e revistas.

PIÁ

Ana Claudia Frigueiro

Piá não se dava conta de que era engraçada. O que fazia, o que dizia, não tinha a menor intenção de provocar risadas. A voz fina como a de um Sibite, contribuía para sua comicidade involuntária, mas o que Piá dizia, o que Piá fazia era sempre decisivo para as risadas que vinham a seguir.

A graça de Piá iniciara ainda na infância. O apelido, corruptela de Maria da Piedade, nascera após ela tentar responder dezenas de vezes, o nome de batismo. Buscava pronunciar corretamente, mas não conseguia. Nunca Maria da Piedade, sempre “Malia Piá”, até que a mãe autorizasse a encantadora abreviação. – E não é a Piá de mainha, mesmo?

O episódio mais emblemático da comediante Piá, aconteceu justamente, no velório de sua mãe. Teria sido a mais engraçada pantomima de sua vida, não fosse a ocasião, solene e triste. Inadequada, portanto, a qualquer comédia.

Dona Paulina faleceu aos noventa anos, depois de uma vida de muitas lutas e alegrias. Morreu em casa, sem nenhum drama ou doença prévia que lhe causasse sofrimento desnecessário. Os seis filhos reuniram-se para organizar o velório, em uma capela no centro da cidade. Tudo já previamente pago pelo plano funerário da falecida: velhinha precavida que usara a aposentadoria, para deixar questões materiais resolvidas para si e para os filhos.

O centro de velório era amplo e tinha capacidade para velar até cinco pessoas de uma vez. Salões separados por colunas em estilo dórico, propiciavam conforto aos falecidos, seus parentes e amigos. O prédio fora decorado com muito bom gosto e planejado para suprir as necessidades dos clientes vivos e mortos. Empresa com anos de experiência em lucrar com o crepúsculo da existência, era modelo no estado.

Piá foi a primeira a chegar. Caminhava apressada, agarrada à bolsa. Parecia ter medo de perdê-la pela quarta vez. A filha, Lili, seguia a mãe de perto, chorosa pela avó que lhe preparava deliciosas cartolas, até poucos dias atrás. Quanta saudade deixaria vovó Paulina!

Pararam ao lado do primeiro caixão que viram. Dona Paulina, envolta por um tecido diáfano, parecia sorrir, segurando nas mãos entrelaçadas, um singelo terço branco. Semblante terno. Tão suave quanto em vida.

– Mainha, por quê? Por que, mainha?

Piá chorou alto. Sim, tudo em Piá era intenso, dramático. Não que a morte de uma mãe não fosse motivo para drama, mas, naquelas circunstâncias, era exagerado. A própria idosa já manifestara o desejo de juntar-se aos que haviam partido. Mais nada desejava da vida, a não ser a morte, era o que costumava afirmar por entre risos serenos e convictos.

– Mainha, e agora o que será de nós?

E tome choro e tome soluços! Tome beijos na testa da velhinha e tome alisados à sua roupa mortuária, já muito bem passada.

Algumas pessoas chegaram e postaram-se ao lado do caixão. Nenhuma conhecida de Piá e Lili, mas isso não era incomum, porque dona Paulina era famosa no Tirol, onde morava há quarenta anos. Madrinha de um mundaréu de gente que os filhos nem sabiam quem eram.

Todos olharam esquisito para as duas estranhas. Piá nem ligou, era filha. Tinha mais direitos do que todos ali. Inclusive do que três sujeitas, que atrevidamente encostaram no caixão e choraram baixinho, pegando as mãos da falecida entre as suas.

– Mãezinha... era somente o que repetiam emocionadas.

Como assim, “mãezinha”? Elas que não pensassem que afilhados teriam direitos na partilha. Mãe era mãe, madrinha era

madrinha! Filiações diferentes, direitos diversos. Bem que avisara dona Paulina sobre as liberdades que dava àqueles afilhados (que os herdeiros nem conheciam).

– Um dia esse povo invade a casa e rouba suas coisas, mainha. Vigie esses caningados!

Mais gente chegava e olhava com cara de poucos amigos. Havia ainda mais afilhados do que imaginavam. Meia hora depois, Lili começou a achar bizarro aquele clima hostil. Sabia que a mãe não tinha sido uma filha dócil e obediente, mas também não era uma desnaturada que justificasse ser observada daquela maneira pelos amigos. Levantou a cabeça como a buscar compreensão para aquela circunstância constrangedora. Só aí viu os tios, dois salões depois, rodeando outro caixão.

Olhou para baixo e reparou direito na velhinha deitada: não era dona Paulina. Parecia, mas não era ela. Era gorda como dona Paulina, tinha cabelos brancos também, mas o rosto... não era o mesmo de sua avozinha. Para confirmar a certeza do engano pavoroso, a imagem inquestionável do terço, que sobre as mãos da falecida, comunicava seu catolicismo. Dona Paulina era protestante. Lili gelou.

– Mainha... cochichou. – Mainha, essa não é voinha...

– Há?

– Essa aí não é voinha... voinha está num caixão acolá...

Piá enxugou os olhos. Olhou para baixo: o mesmo rosto redondo, os mesmos cabelos brancos, o mesmo sorriso amoroso. Pelo terço não, pois a mãe já havia sido católica em priscas eras. Podia ser que...

– Não é ela, mainha, olha os tios lá no outro salão.

Piá localizou os irmãos. Depois arregalou os olhos vermelhos, olhou em volta e exclamou:

– Madrinha era como uma mãe, pra mim. Nunca vou esquecer essa santa mulher!

E saiu quase correndo, levando bolsa e Lili a tiracolo. Não se arrependeu do desatino, nem da mentira que pregara, era filha! Tinha o direito de dar uma pilôra, naquele momento difícil. Atirasse a primeira pedra aquele que nunca se enganara diante de um caixão.

Ao chegar junto de sua adorada mãe, Piá repetiu a cena dramática que protagonizara antes. Dessa vez ninguém estranhou. Todos sabiam que Piá era escandalosa.

O cortejo da outra velhinha saiu antes, e quando o caixão passou por Piá, ela quase sentiu saudades daquela falecida também. Impressionante como se apegava rápido às pessoas. Era um ser humano muito amoroso. Entre um fungado e outro, ela lembrou de cochichar para Lili:

– Você não se meta a besta de contar essa arrumação pra ninguém!

ANA CLÁUDIA TRIGUEIRO DE LUCENA é escritora e psicóloga. Autora de “Francisca”, “A Ira de Judas” e “O Mistério do Verde Nasce”, dentre outros livros.

MALALA, NÍSIA E MARY

Daladier Pessoa Cunha Lima

Malala Yousafzai nasceu em 12 de julho de 1997, no Paquistão, e, hoje, mora na cidade de Birmingham, na Inglaterra. Viveu a infância no vale do Swat, no nordeste do seu país, região de forte presença talibã, onde as jovens e meninas não deviam frequentar as escolas. Aos 12 anos, já se projetava como uma ativista em defesa da educação feminina. Em 09 de outubro de 2012, Malala estava dentro de um ônibus escolar quando um homem armado chamou-a pelo nome e, em seguida, alvejou-a com três tiros. A jovem líder ficou em estado grave, inconsciente, e foi levada para um hospital em Birmingham, na Inglaterra. À medida que se processava a recuperação da sua saúde, Malala virou símbolo global da luta pelo acesso universal à educação infantil. Em 2013, foi capa da revista Time e figurou entre as 100 pessoas mais influentes do mundo. No ano seguinte, recebeu sua maior láurea, o Nobel da Paz, sendo a pessoa mais jovem a conquistar esse Prêmio.

Aos 21 anos, aluna da Universidade de Oxford, onde estuda Filosofia, Política e Economia, Malala Yousafzi veio ao Brasil, no começo de julho de 2018. Em São Paulo, participou de debates voltados para apoio à educação, em especial para crianças. Fez questão de dizer que é muçulmana e que luta pela igualdade de direitos de meninos e de meninas no tocante à escola de qualidade para todos. À pergunta sobre o desejo de se vingar dos que a atacaram, ela diz que somente apoia a meta de educar todas as crianças do mundo. E repetiu suas palavras célebres: “Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo”.

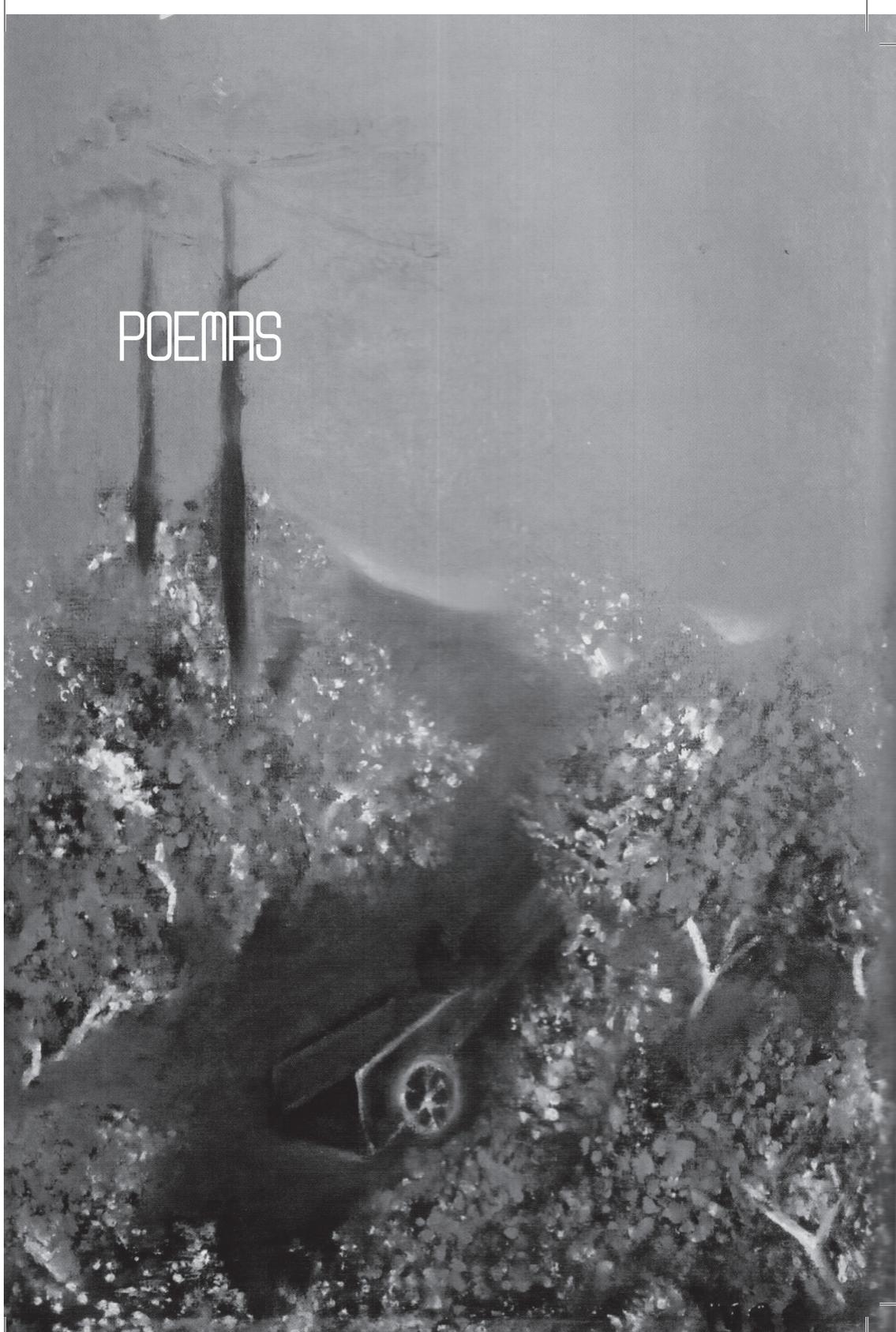
Nísia Floresta, notável norte-rio-grandense, nasceu quase 200 anos antes de Malala e viveu no decorrer do século XIX. Sua luta a favor da educação das jovens e das meninas, em busca da emancipação feminina no Brasil e no mundo ocorreu em uma época na

qual o papel da mulher no espaço público era muito mais restrito do que neste século XXI. Era o tempo em que as ideias misóginas de Schopenhauer (1788-1860) ecoavam por toda a parte, ou seja, às mulheres cabiam apenas as tarefas domésticas. Outros grandes filósofos e pensadores mundiais também deram suporte a essas ideias absurdas, a exemplo de Hegel, Rousseau e Nietzsche. Nísia Floresta não sofreu ataque com arma de fogo, mas foi vítima de acintes, ultrajes e malícias por parte de uma grande parcela da população, na maioria composta por mentes patriarcais. Apesar disso, não se abateu e foi avante. Escreveu mais de 20 livros, em português, francês e italiano, criou colégios, venceu fronteiras – morou na França e na Itália –, tudo em função das mudanças a favor da igualdade de gêneros, com ênfase quanto à educação. Em 1932, com apenas 22 anos, Nísia publicou seu primeiro livro: “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”, uma tradução livre da famosa obra “A Vindication of the Rights of Woman”, da inglesa Mary Wollstonecraft, um clássico mundial na luta pela emancipação feminina por meio da educação.

No ensejo da vinda de Malala ao Brasil, obrigo-me a lembrar da figura de Nísia Floresta (1810-1885), uma mulher que viveu à frente do seu tempo. Do mesmo modo, dedico esta crônica a Noilde Ramalho (1920-2010), que, por 65 anos, dirigiu a Escola Doméstica de Natal, escola feminina criada por Henrique Castriciano nos albores do século XX, guiado pelos ideais de Nísia Floresta.

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA é médico, escritor e professor, Reitor da UNI- RN. Autor de *Retratos da Vida*, dentre outros livros. Membro da Academia norte-rio-grandense de Letras.

POEMAS





QUATRO POEMAS DE LÍVIO OLIVEIRA

O TATO

E onde esteve a mão noturna
afagando a rosa a auréola
o mistério introjetado em teu seio
se a voz o espaço ocupava
se a face a vez do espelho
se a forma e a língua completas
forjavam nosso tempo em mentiras
e assim se ali não era?
A onda verdade era?

Eis a túnica e o turbante
e o teu cavalo partirá na manhã.
Não atrasa. Voa nas areias.
São tuas as asas (os estalos)
[os novos mares]
e ventos te ajudarão na estrada.

O remorso é sonífero? Não ouça!
Pede no portal as adagas
e desenha a tatuagem louca:
tuas costas, tuas ancas, meu sangue -
a tinta nervosa e roxa que escorre
e o som que vibra e cala.

Ou se o tempo não cessa
e ao mesmo tanto escoar
se a tua imagem se exaure
e os meus dedos dedilham tua febre
prepara os banhos e os olhos
e a fornalha que protege aquece
a missa do teu corpo: o teu corpo
o meu desencanta branco e sobe.

AMISTOSO SANTO

Rompeu-se o olho imantado
e o verde foi derramado no solo
de tantas estrelas mudando
de canto tanto e torto subiam
marés que se viam mais longe
e as ondas retornavam mais duras
velozes nos quintais da memória.

A lenda do santo aportava
na vila do desespero e da falta
na esquina retaguarda do senso
opaco se fez e depois invisível
já não era tão sereno o lugar
mágoas carcomiam cérebros
courageiras-corações se mentiam.

Nada demais a tribo poupava
só tinha que viver palmilhar
as manchas que colavam no centro
os restos dos dedos leves pulsantes
nos pescoços elétricos das mulheres
e as belezas espantadas levavam
os filhotes javalis aos altares.

FANTASMAS SERIDÓ(EM)

Às vezes as vozes
são aves de agouro,
assovios de aveloses.

Às vezes canoas remando
no escuro
em rios velozes.

Às vezes ancestrais
vagando nos sótãos,
nos porões
das fazendas secretas,
imemoriais.

Às vezes a caveira
do touro Diamante.
Às vezes a amante
afogada num açude, na beira
do inferno de Dante.

VOO PREDADOR

Ardia à noite a fogueira ainda lenta
os ouvidos engoliam barulhos e luzes
todas as caças vigiavam o totem nu
e as agonias desregradas lhe serviam fé

em bacias cheias a lua em partes.

E um lamento estridente cumpria
o rito das intensas pistas perdidas
as patas dos coiotes e das hienas
o corte das carnes nos dentes

o coração que saltava diante da ursa.

Era um vento morno um açoite e era
um cego na selva ouvindo o ar o ar de então
que já era outro: eras sumiam diante do fosso no alto
do templo o tempo magro escasso o escalpo o rito

os esgares do condor que riscava a testa da presa.

LÍVIO OLIVEIRA é Procurador Federal, poeta e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e da UBE/RN. Autor de “O Colecionador de Horas”, “O Teorema da Feira” e vários outros livros.

VIDA NATALENSE

Humberto Hermenegildo de Araújo

CIDADE ALTA

I

Alta vida
Alto custo
Alta noite
Alta moda
Altos voos
Sonhos soltos.

Noite torta
Auta morta
Céu risonho.

II

Falha no asfalto
Beco tristonho
Lama e assalto
Sapatos gastos
Altas paradas
Sem divisão.

Antigas fitas
Do rio grande
Um grande ponto
De sonho vão.

ALECRIM

I

Terra fértil sem arado
Nascida no campo santo.

Baldo abaixo, além, riacho
Quintas lá do outro lado.

II

Nos muros cuidados
Aromas de ramos.

Mossa da cidade
Casa de epitáfios:
Exoticidade
De apercebidos.

RIO DAS QUINTAS

Um corte na pele
A passar nos sítios
A esfriar quenturas.

PRONTO

(em Natal)

Chove forte
Sol chegou
Agora eu vou.

FRATERNIDADE

De boas intenções
A rua anda cheia.

Só vejo nos livros
Partilha de pão.

Na rua capeia
A forma do não.

HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO é professor aposentado da UFRN, escritor e poeta. Autor de “Rastejo”, “Arguerinha”, “O Lirismo nos Quintais Pobres” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

BERILO

Elder Heronildes

Vi Berilo em noites natalenses
Sempre vivo, sempre gente.
Grandeza de espírito, nobreza no coração.
Convivência eternizante.

Cantava no sorriso.
Os olhos abraçavam com ternura.
Falando, cantando, bebendo, era o mesmo.
Tudo lhe saía do interior: puro.

O coração tinha que ser limpo, sempre,
Alí morava Maria Emília - pensava.

Ví Berilo em outras noites.
Não ví tristeza.
Ele enchia de sua grandeza
A taça de vinho.

Não ví Berilo no último dia.
Vejo-o agora: escrevendo, bebendo, amando
E sorrindo com ternura.
Será sempre o mesmo: puro.

04/10/79

ELDER HERONILDES é escritor, autor de “A Rua de Jaime” e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras e ocupa a cadeira nº 37 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

DEZ HAICAIS E UM CAPRICHIO POÉTICO

Roberto Lima

HAICAIS

A voz da alegria:

- Do outro lado da noite,
Sempre existe um dia.

A voz da tristeza:

- Não cabe, na noite escura,
uma vela acesa.

A voz da esperança:

- Na certeza que há de vir
o ser tudo alcança.

Noite em teu sorriso
descortina a lua nova
e abre o paraíso.

Lá no alto coqueiro,
o bem-te-vi te avistando
começa a cantar.

À luz do verão,
o mel escorre do favo
e escreve no chão.

Nas curvas do tempo,
as serras vão azulando
recortes de céu.

Na tarde do outono,
espatifa o sol no lago
casal de libélulas.

A manga madura
está mangando do vento:
balança e não cai.

Final da estação:
a chuva desce a ladeira
e lava o verão.

CAPRICHOS POÉTICOS: A VELA E A VELA

A luz
Que vela
Por ti,
De mim
Consome
A fome
Que some
Por si.

A vela
Revela
O sopro
Do ar
que leve
se enleva
e leva
Seu breve
brilhar.

A vela
Navega
Na força
Do ar...
Mas vê-la
Desvela
Meiguices
Do mar...

Da vela,
A luz
Singela
Te chama

De bela,
Reluz
Faiscar...
É a chama
Que apela
Desejos
De amar...

ROBERTO LIMA é poeta, escritor, músico e professor aposentado da UFRN. Autor de “As dimensões do Espaço Íntimo”, “O Quinto Anjo” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

DISCURSO





ONZE ANOS SEM DOM NIVALDO

Padre João Medeiros Filho

Há onze anos, nestas naveas não ecoa a voz de nosso saudoso arcebispo Dom Nivaldo Monte. Mais de uma década sem suas palavras sábias, de puro afeto, revestidas de sincera ternura, ditas com meiguice e alegria, pronunciadas na maior singeleza, para não afugentar nenhum dos seus interlocutores. Era assim Dom Nivaldo: franzino, magrinho, “*xoxinho*”, segundo a sua própria expressão, exíguo fisicamente, mas gigante na simplicidade e no amor. O nosso “*Pequeno Príncipe*”, não o de Antoine de Saint Exupéry, cuidando dos baobás, mas o de Natal, regando almas, adubando corações, semeando paz e esperança, sorrindo para todos com esplendor divino, um sacerdote santo, que em 1963, São João XXIII o elegeu bispo da Igreja de Cristo. Cabe dizer os santos se conhecem e se encontram.

A carreira eclesiástica abraçada com decisão por Nivaldo Monte, ainda nos anos verdes da juventude, iniciou-a no Seminário de São Pedro. Primeira tonsura clerical, 17 maio 1956. Subdiaconato, 29 junho 1940. Diaconato, 15 agosto 1940. Esperou a idade canônica mínima para ser ungido presbítero da Igreja de Cristo. Ordenação, 12 janeiro 1941. Primeira missa no Colégio Imaculada Conceição, 14 janeiro 1941.

O ministério sacerdotal iniciou na Paróquia de São Gonçalo do Amarante (1941), depois na Paróquia de Goianinha (1942). Assistente eclesiástico da Juventude Feminina Católica Brasileira de Natal (1944-1963), Mantenedora da Escola de Serviço Social e do Secretariado Arquidiocesano de Ação Social (1946-1957 e 1965-1966). Capelão do Abrigo Juvino Barreto (1945), do Colégio Nossa Senhora das Neves (1947/1963), Secretário do Bispado (1959), Diretor Espiritual do Seminário de São Pedro. Monsenhor camareiro do Papa João XXIII (1959). Bispo Titular de Eluzá, na Palestina, e Auxiliar do Arcebispo de Aracaju, D. José Vicente Távora (25-04-

1963), sagrado em Natal a 21 julho 1963, permanecendo na capital sergipana até 1965, quando foi designado Administrador Apostólico da Arquidiocese e finalmente Arcebispo de Natal, nomeação de 20 de abril, posse a 9 de maio de 1965. Renunciou ao governo da arquidiocese, em 06 de abril de 1988, voltando para a casa do Pai, no dia 10 de novembro de 2006.

Seu brasão episcopal, cujos motivos heráldicos aproveitam sugestões do próprio nome (Nivaldo Monte) tem como lema *mihī vivere Christus*, tirado do célebre e denso versículo da teologia paulina, *mihī enim vivere Christus est* (Ef 1,21).

Professor de ensino médio e superior: Latim e Grego, Biologia e História Natural, no Seminário de São Pedro; Psicologia Geral, História e Filosofia da Educação, na Escola Normal de Natal; Psicologia; na Escola Doméstica, na Escola de Serviço Social de Natal e no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

Emaús ressentia-se da falta de seu poeta, tem saudades do seu jardineiro, vive a solidão do entardecer, sem ouvi-lo chamar cada um de “*Nêgo véio*”. Sua erudição e ciência, sua espiritualidade tão elevada não o distanciaram dos seres humanos, mas o aproximaram dos mesmos para ungi-los com o divino. “*O cristianismo tem o diferencial do perdão*”, repetia-nos o Santo de Emaús, cada vez que alguém se mostrava intolerante com as fraquezas do próximo. “*Por ser humano, cada um tem o direito de ter o seu pecado. Deus sabe disso*”, alertava ele a quem destilava críticas e condenação.

“*Tudo passa, no entardecer da vida, permanece apenas o amor*”, costumava lembrar, quando percebia os ventos da vaidade de algum de seus padres. “*O homem só é grande, quando se faz pequeno*”, dizia-nos. Assim, imitará Cristo, que sendo Deus onipotente, fez-se homem e veio ao mundo na fragilidade de uma criança. Aliás, gostava de afirmar que “*a infância é sílaba divina, manifestação de sua pureza*”. Amava as crianças e com elas brincava, a tal ponto de também colecionar lancheiras de aniversários. Prezava a frase de Tagore:

“Cada criança que vem ao mundo, traz uma mensagem, Deus não se arrependeu ainda de ter criado o homem”.

“Ah, nêgo véio, amo tanto estas terras! Elas são um manto divino que nos envolve e protege”, dizia-nos nosso arcebispo, passeando na sua granja, em Emaús. Para nosso inolvidável amigo, o solo é sagrado por ser dádiva de Deus. Não deverá jamais ser regado pelo sangue, mas pelo suor agradecido de quem trabalha, e sabe que dele brota o novo maná, que nos alimenta na caminhada da vida. De nosso pastor, podemos dizer como Teilhard de Chardin: *“Aquele que amar apaixonadamente Cristo latente na força da terra, esta, maternalmente, erguê-lo-á em seus braços gigantes e o fará contemplar o rosto de Deus”.*

Dom Nivaldo costumava chamar as plantas e os jardins *“uma catequese de Deus”*. Não fazia discursos sobre ecologia, mas toda a sua postura era um ato de amor à natureza, *“à irmã criatura”*, imagem do Belo e do Sagrado. Adquiriu terras, não para acumular bens, mas preservar o solo fecundo, presente de Deus aos homens, a fim de torná-lo berço de frutos e dons. O objetivo principal era proclamar a beleza da dádiva sobrenatural às criaturas humanas. Para ele, a *“mãe terra é extensão do colo divino”*, como um dia comentou em uma de suas homilias.

Com fidelidade e perseverança Dom Nivaldo anunciou o Evangelho, edificou a Igreja. Era afável e misericordioso com os simples e necessitados. Condoía-se ao ver famintos e miseráveis, despossuídos de esperança e futuro, vítimas do egoísmo daqueles que ignoram Deus e seus ensinamentos. Como Bom Pastor, cuidou das ovelhas sofridas no corpo ou na alma, trabalhou e rezou contrito pelo bem dos seus diocesanos, queridos filhos espirituais. Viveu o profundo significado de ser sacerdote e bispo. Trazia permanentemente Cristo em seu coração. Assumiu o amor de Jesus, um encontrar-se no seu mistério, oferecendo seu corpo frágil, para estar no meio do seu povo, sentir as suas angústias e assumir até na doença o que o Senhor sofreu para dar a vida por nós. As palavras do ritual da ordenação episcopal foram vividas plenamente por Dom Nivaldo:

“Vela, pois, por todo o rebanho dos fiéis em nome do Pai, de quem és imagem; em nome do Filho, cuja missão de mestre, sacerdote e pastor exerces; e em nome do Espírito Santo, que dá a vida à Igreja de Cristo e fortalece a nossa fraqueza”!

No dia de sua posse na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, o líder cristão e comendador da Igreja de Cristo, Dr. Hélio Mamede Galvão proferiu as seguintes palavras, descrevendo seu amigo e ex-pároco de Goianinha, seu confidente e confessor:

... O exterior se manifesta na simplicidade da vossa pessoa, na aliciante presença e na versatilidade de vossa arte de conversar. Nestes anos encrespados da renovação pós-conciliar, em que se chocam conservadores e moderados com renovadores e exaltados mudancistas, a política melhor é esta que vossa prudência de bispo põe em prática: não dizer que o bem é mau, nem que o mal é bom, como aos bispos adverte a Igreja na liturgia da sacração [ordenação episcopal]: ne dicas malum bonum nec bonum malum. A Igreja de Natal é um exemplo de tranquilidade em meio a crises e problemas.

No silêncio do Mosteiro de Sant’Ana, onde a natureza reina placidamente como sorriso de Deus, repousa nosso inesquecível Dom Nivaldo. Os pássaros alçam seu voo realizando a dança da alegria, o cheiro das plantas e da terra espargindo no ar, velando a sepultura simples de um sábio e santo. O profeta Daniel, antecipando nossa ressurreição, escreveu: *“Os que estiverem dormindo no pó da terra acordarão e os que educaram muitos para a bondade e a justiça brilharão para sempre como estrelas”* (Dn 12, 3).

Ele deixou-nos inúmeros testemunhos de amor e bondade. Quantas histórias a seu respeito teriam para nos contar aqueles que

o conheceram – e histórias edificantes, marcadas por um grande amor à verdade e à paz. Nesse nosso empenho de preservar sua memória, sirva-nos de lição a sábia observação de Bernadete Soubroux, testemunha dos acontecimentos em Lourdes (França): “*Quando se for escrever a história daquilo que aqui aconteceu, que se procure ser fiel à verdade, unicamente à verdade*”. A verdade que desponta ao recordarmos Dom Nivaldo é a de um homem místico e telúrico, que irradiava bondade, otimismo e sabedoria, com grande capacidade de acolhida e perdão, amante da natureza e da terra, filhas taciturnas de um Deus de silêncio eloquente.

Não é fácil falar de um homem sábio e santo. Aos sábios, cabe-nos pedir que nos ensinem a doçura da vida. Aos santos, cumpre-nos suplicar que nos revelem a bondade de Deus. Foi exatamente o que realizara, ao longo dos seus oitenta e oito anos, nosso inesquecível mestre e amigo. A todos mostrou a beleza da vida. Repetia, com entusiasmo: *A vida é tão linda, mas quando descobrimos a sua beleza, ela se acaba aqui na terra, por isso faz-se necessária a eternidade.*

Tudo que o homem tem pertence a Deus, porque Ele pode dispor e tirar. As únicas coisas que o ser humano possui realmente são a liberdade e a vontade, Trata-se das únicas coisas que podemos dar Aquele que nos deu tudo. Doar o que temos a Deus é expressão da santidade. Dom Nivaldo foi santo e sábio, sacerdote exemplar, caridoso e intelectual. Dotes estes que elevaram o seu conceito social por todos conhecidos.

A grandeza do ser humano, do mestre, sacerdote e bispo coroa sua obra de poeta, ensaísta, psicólogo, pedagogo e teólogo. Desejamos reverenciar *o homem de Deus, o homem dos homens*, lembrando a expressão de Dom José Vicente Távora, arcebispo de Aracaju, seu grande amigo e de quem fora bispo auxiliar de 1963-65. Acrescentou ainda aquele ilustre antístite: *Nivaldo é um Cura d’Ars culto e erudito. É o liturgo da simplicidade e o celebrante da alegria e da paz.*

Dom Nivaldo sempre pregou o Evangelho do Cristo de braços abertos, numa postura ecumênica. Em Natal, foi amigo de to-

dos. Não discriminou nem excluiu, mas incluiu. A quem o procurava, não queria saber qual era a sua religião, sua família, seu partido, sua cor, mas qual era a sua dor ou o seu sofrimento. Viveu aquilo que Pasteur mandou escrever no frontispício de um hospital: “*Não importam tua cor, tua origem, tua religião, e sim, a tua dor*”.

A ternura manifesta-se como extraordinária experiência da bondade, que invade o espírito e o corpo, própria daqueles que estão cheios de Deus e sua graça. É o fulgor da beleza interior e seu reflexo radiante, é fala silenciosa do amor. Só é terno, quem convive com o Eterno. Homem de Deus e dos homens, Dom Nivaldo privou da intimidade divina, por isso toda a sua vida foi transbordante de doçura, compaixão e misericórdia.

Santo Agostinho, bispo e doutor da Igreja, dizia com muita precisão que *somos o que amamos e expressamos com ternura*. Se amarmos apenas a nós mesmos, somos solidão. Se amarmos os irmãos, somos comunidade de amor entre nós, na força do amor de Deus, que nos fortalece e sustenta para sempre.

O querido arcebispo de Natal, com seu exemplo, revelou-nos Cristo, Verdade e Vida. Mas, a verdade que não se deixa transfigurar pela ternura é uma verdade traída. Por outro lado, mostrou-nos que somente os ternos revelam o coração da caridade e a realizam! Sua vida espelhou o que disse o teólogo Ângelo de Silésius, falando sobre Deus: *Eu sou a Ternura, mas somente é possível conhecer-me se viver na minha ternura. Quem ama com ternura habita em Mim e Eu nele!*

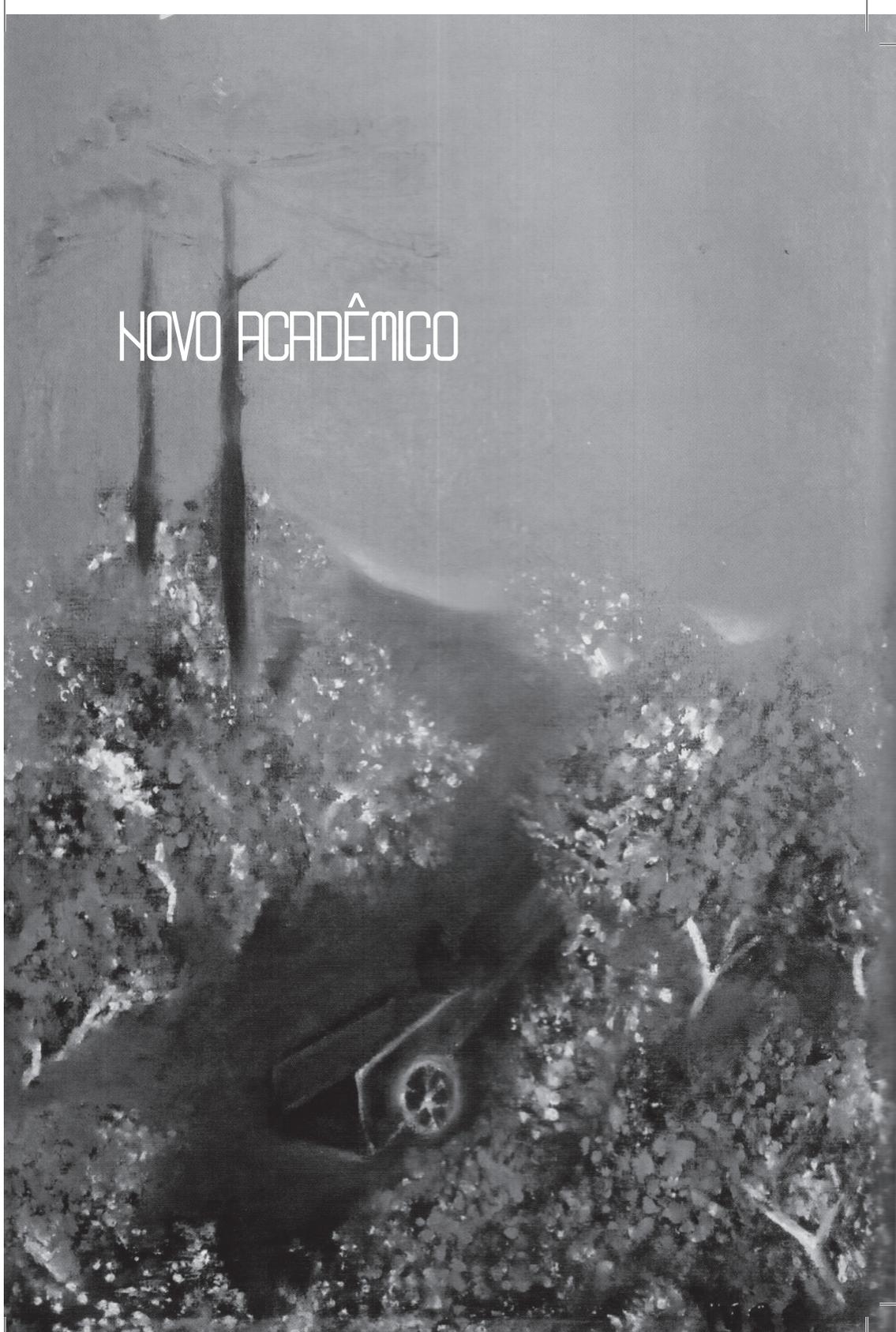
Celebremos com saudades, mas com muita alegria o Dom Ternura. E, que lá do céu, reze por todos os nós, seus amigos e discípulos.

CATEDRAL METROPOLITANA DE NATAL. AOS

15/03/2018

**PADRE JOÃO MEDEIROS FILHO, REPRESENTANDO
A ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS
– ANRL.**

NOVO ACADÊMICO





DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO LUIZ ALBERTO GURGEL DE FARIA

Marcelo Navarro Ribeiro Dantas

Fui honrado pela Academia com a incumbência de saudar e apresentar o novo acadêmico, o que é, para mim, uma tarefa tão fácil quanto prazerosa, porque se trata de um irmão que a vida me deu, um colega e um exemplo. De juiz, de professor, de escritor, mas sobretudo de figura humana. E sua companhia aqui na ANL é mais um caminho que os fados nos levaram a trilhar juntos. E têm sido muitos.

Bem-vindo, Lula, se aproxime, puxe a Cadeira 7 e se sente.

Luiz com Z entra hoje na Casa de Luís com S, quando este completa 120 anos como maior referência cultural de nossa gente.

Luiz Alberto Gurgel de Faria é Ministro do Superior Tribunal de Justiça desde setembro de 2014, em vaga de Desembargador Federal. Mestre e Doutor em Direito Público pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), hoje à disposição da Universidade de Brasília (UnB).

Cursou os ensinamentos fundamental, médio e superior em Natal, sendo aprovado em 1º lugar no vestibular de Direito da UFRN. Logo casou com a moça que passou em 2º. Concluiu o curso de Direito em 1991, sendo orador de sua turma. De 1989 a 1992, exerceu diversos cargos de assessoria junto ao Tribunal Regional Federal da 5ª Região e ao Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região. Aos 23 anos de idade, aprovado em 2º lugar, ingressou na magistratura, junto ao Tribunal Regional do Trabalho da 21ª Região, em Natal/RN, em maio de 1993. No dia 1º de dezembro do mesmo ano, após concurso público, ingressou na Justiça Federal, como juiz substituto da 1ª Vara da Seção Judiciária do Rio Grande do Norte.

Cumprindo a tradição do Rio Grande do Norte, que já tinha o Desembargador Estadual mais jovem do País, Miguel Seabra Fagundes, aos 25 anos, no Tribunal de Justiça, Luiz Alberto tornou-se, aos 30 anos de idade, em junho de 2000, o Desembargador Federal mais jovem do Brasil, promovido, por merecimento, para o TRF5, corte federal que jurisdiciona esta terra de Poti mais bela.

Ali, exerceu os cargos de Diretor da Escola de Magistratura Federal, Presidente da Segunda e da Quarta Turmas, Corregedor-geral e Diretor da Revista. Aos 39 anos, foi eleito Presidente para o biênio 2009/2011, que concluiu com grande êxito. Sou suspeito para falar dessa administração, pois tive a honra de ser seu Vice-Presidente. Digo apenas que ela foi um marco na história da Corte, e que demonstração dos níveis de eficiência então alcançados está além da suspeição do meu testemunho, eis que atestada nos números do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e nos prêmios de desempenho que foram então obtidos.

Embora há pouco tempo no STJ, já começa a deixar sua marca naquela Casa onde seguimos as pegadas do Confrade Professor José Delgado: inicialmente, fez parte da 5ª Turma e 3ª Seção, por acaso onde me encontro, julgando feitos criminais. Mas sua paixão pelo Direito Tributário fê-lo transferir-se para a 1ª Turma e 1ª Seção, com competência para Direito Público em geral (menos Penal), mesmo a custo de receber o maior acervo do Tribunal da Cidadania, que ele já reduziu de mais de um terço. Por sua experiência administrativa, foi escolhido Presidente do Conselho do Pró-Ser, o plano de saúde dali, que vem regendo magistralmente. É ainda membro titular da Comissão de Jurisprudência da Corte.

Seu ingresso como professor da UFRN, no ano de 1997, foi por concurso público em que obteve o primeiro lugar, na disciplina Direito Tributário, em que é reputado nacionalmente como uma autoridade, ministrando aulas e conferências em todos os cantos do país e mesmo no exterior. Oropa, França, Bahia. Como o outro Luís, distribuindo sua luz.

No campo literário, Luiz Alberto, em co-autoria com outros magistrados, participou da elaboração de uma obra que — digo sem medo de errar — está na estante ou sobre a mesa de qualquer estudante ou profissional do Direito em nosso País: o *Código Tributário Nacional Comentado: Doutrina e Jurisprudência*, sob a coordenação de Vladimir Passos de Freitas, já na 7ª edição, e colaborou ainda no livro *Importação e Exportação no Direito Brasileiro*, em 2ª edição, também sob a mesma coordenação, ambos pela prestigiosa editora Revista dos Tribunais, de São Paulo. Foi coautor também de *Seu Direito, Sua Garantia: Estudos Jurídicos, Políticos e Sociais em Homenagem ao Prof. Dr. Palhares Moreira Reis*, organizado por Nelson Saldanha e Ivo Dantas e publicado pela Editora Universitária da UFPE; de *Direito Constitucional — Os Desafios Contemporâneos — Uma homenagem ao Professor Ivo Dantas*, coordenado por Roberta Corrêa de Araújo Monteiro e André Vicente Pires Rosa, editado em Curitiba pela Juruá; de *Agências Reguladoras no Direito Brasileiro - Teoria e Prática*, coordenado por Vladimir Passos de Freitas e Fernando Quadros da Silva, da Editora Revista dos Tribunais, de São Paulo; dos *Comentários ao Código de Processo Civil - Lei n. 13.105/2015, de acordo com a Lei n. 13.250/2016*, organizados por Angélica Arruda Alvim, Araken de Assis, Eduardo Arruda Alvim e George Salomão Leite, pela Saraiva, de São Paulo; e do *Novo Código de Processo Civil — Programa de Estudos Avançados em homenagem ao Ministro Arnaldo Esteves Lima*, coordenado por Aluisio Gonçalves de Castro Mendes e que saiu pela Emarf do Rio de Janeiro.

Escreveu, como autor exclusivo, *Controle da Constitucionalidade na Omissão Legislativa: Instrumentos de Proteção Judicial e seus Efeitos*, pela Juruá, de Curitiba, e *A Extrafiscalidade e a Concretização do Princípio da Redução das Desigualdades Regionais*, pela Quartier Latin, de São Paulo.

Neste último livro, mais que em qualquer outro de sua lavoura, aflora seu humanismo jurídico e sua intensa preocupação em utilizar as ferramentas do ramo do Direito de sua especialidade — o Tributário — para mitigar as desigualdades regionais do Brasil e, portanto, melhorar as condições de Estados como o nosso.

Na epígrafe, a ode Ricardo Reis (Fernando Pessoa) que a um só tempo bem delinea a trajetória do filho de Clementino Mariz de Faria e Teresinha Gurgel de Faria e demonstra seu gosto pela boa poesia:

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

Quanto a artigos, publicados pelas mais conceituadas revistas jurídicas do País, nosso novo confrade é autor de *Mandado de Segurança Coletivo - Legitimação e Interesse. Mandado de Injunção e Ação Direta de Inconstitucionalidade Por Omissão - Aspectos Distintivos. O Sindicato Como Substituto Processual, Segundo a Ótica do Artigo 8º, Inciso III, da Constituição Federal. Ficta Confessio: Inaplicabilidade da Pena ao Empregado. Os Novos Writs Constitucionais: Algumas Considerações. As Inovações do CPC no Processo de Execução: Questões Práticas. O Novo Agravo: Breves considerações. A Limitação das Liminares: Violação à Lei Maior. O Restabelecimento do Alienante após a Transferência do Estabelecimento. O Direito Adquirido e as Emendas Constitucionais. A Contribuição do Direito Natural Para o Positivismo Jurídico. Possibilidades de Sujeição Passiva no Direito Tributário. Teto de Remuneração do Servidor Público: Agora é Pra Valer? A Intervenção Estatal Sobre a Economia e a Crise de 2008. A glosa de créditos do ICMS como forma de retaliação na guerra fiscal: uma análise acerca da recepção do art. 8ª, I, da LC nº 24/75 em face da Constituição Federal de 1988*, escrito em parceria com Tâmara Cordeiro Polo Mendes. E, por fim, *Uso abusivo de tratados contra a dupla tributação: perspectivas de aplicação da Ação nº 6 do Projeto BEPS ao Brasil*, em parceria com Gabriel Rubinger Betti.

Fiz questão de enumerar todos esses trabalhos — e olhem que não mencionei as incontáveis palestras nem a participação do novo acadêmico em simpósios e painéis — para demonstrar que a Academia acolhe hoje em seus quadros um escritor de verdade, com vasta obra publicada. Dedicada, como visto, à área jurídica. Mas não se espantem, senhoras e senhores, se o ingresso nesta Casa animá-lo a retirar do fundo da gaveta algum poema, algum conto ou crônica, quiçá um romance. Afinal, o homem tem ascendência seridoense, e esse povo tem sangue de literato.

Luiz é casado com Adriana Medeiros Gurgel de Faria, Promotora de Justiça, com quem tem duas filhas: Luana Medeiros Gurgel de Faria, advogada, e Isabela Medeiros Gurgel de Faria, cursando Direito. Essa menina, aos 10 anos de idade já tinha livro publicado — prestem atenção nela, está conseguindo ser mais precoce do que o pai!

O Ministro Luiz Alberto Gurgel de Faria toma hoje assento na Cadeira desta Academia cujo patrono é o historiador Ferreira Nobre. Foi fundada pelo jurista Antônio Soares de Araújo, ocupada em seguida pelo médico e trovador Mariano Coelho e, ultimamente, pelo Embaixador Nestor dos Santos Lima. Seguramente, está à altura de seus antecessores e vai engrandecer este Grêmio de Cultura.

Agradam-me os discursos curtos. Este não pôde ser tão breve quanto eu queria, porque é muito rica e produtiva a vida do homenageado, agora meu pentaconfrade: aqui, na Academia de Letras Jurídicas (Alejurn), no STJ e na UFRN... e na Amado — uma agremiação muito especial de que participamos na Mauriceia e da qual nunca nos desfilaremos — algo como o Clube dos Inocentes de Cascudo, ou o Clube do Galo do nosso Presidente Diógenes da Cunha Lima e do querido Genivaldo Barros, próxima confraria em que espero receber Lula! Craque no gamão, corredor e esportista, cinéfilo, amante moderado da boa mesa e do bom copo, torcedor, como eu, do maior time do mundo, o América Futebol Clube de Rio Grande do Norte. Um norte-rio-grandense nascido em Recife mas com a genética do Seridó — dos Araújo, dos Medeiros, dos Gurgéis, dos Farias, dos Lamartines, dos Marizes... —, criado em Natal, com grande folha de serviços

ao Estado e tendo no peito um coração desenganadamente potiguar. Um homem bom, amante imoderado da família, amigo dos amigos. Um homem de valor e de valores. Eis, em poucas pinceladas, quem hoje se junta formalmente à ANL.

O poeta Luiz Rabelo, segundo ocupante da Cadeira 21 desta Casa, certa vez versejou sobre a coincidência entre seu prenome e o de Câmara Cascudo:

Eu sou um homem de sorte
Pois tenho xará famoso
O seu nome é portentoso
No Rio Grande do Norte.
O meu xará é bem forte,
Tem saber e tem estudo.
Isto digo e não me iludo
O povo também o diz.
Não há um maior Luís
Ninguém supera Cascudo.

Acontece que ele desapareceu dos quadros da Academia, tendo sido sucedido pelo Confrade Valério Mesquita, a quem peço emprestado um pouco de verve para dizer, também em verso, como Rabelo:

Ninguém supera Cascudo
Nem pretende superar
Mas não podia ficar
A Casa dele, contudo,
Sem ao menos um xará
Do grão-xaria, o paxá!

A Academia é feliz:
Tem de Cascudo o cariz,
Ele a inspira lá do céu
E agora vai ter Gurgel,
Que é Faria — e é Luiz!

Encerro:

Luiz Alberto: no início destas palavras eu sublinhei que os fados nos têm levado a trilhar juntos muitos caminhos. Continuemos assim. Como disse Virgílio na Eneida, *quo fata ferunt* — para onde quer que os fados nos levem. Sempre, como no mote da agora *nostra* Academia, *ad lucem versus* — em direção à luz.

Muito obrigado.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO LUIZ ALBERTO GURGEL DE FARIA

Excelentíssimo Senhor Presidente, Acadêmico Diogenes da Cunha Lima;
Ilustres autoridades já nominadas pelo cerimonial;
Prezadíssimos Confrades;
Estimados familiares;
Minhas Senhoras e meus Senhores,

De onde venho? De onde sou? Para onde vou?
Origens! Nascimento! Vida!
1º Ato: de onde venho?

Serra Negra do Norte e Caicó são minhas origens, no sertão norte-rio-grandense. Respectivamente ali foram gerados os meus pais, Clementino Mariz de Faria, em 1923, e Terezinha Gurgel de Faria, em 1929, que contraíram núpcias na capital do Seridó, em 1951.

Fecho os olhos e lembro-me das férias durante a infância, especialmente as de julho, quando invariavelmente visitávamos essas duas cidades, sempre passando por Acari, na fazenda do primo Dirceu Mariz, onde comíamos bolo com queijo de manteiga, seguindo para as festividades de Santana, em Caicó, na casa do Tio Amauri Gurgel – para rever parentes e amigos, esbaldar-me com as guloseimas típicas da região e brincar nos parques de diversões, que sempre ali aportavam, com as suas maravilhosas rodas-gigantes, tiros ao alvo e carrinhos bate-bate –, esticando para Serra Negra, para as fazendas Solidão, de Tio Dinarte Mariz, e Cacimbas, do primo Vauban Bezerra de Faria, que outrora já pertencera ao meu avô materno, Eduardo Gurgel. Se os açudes estivessem cheios, a festa

aumentava! Não posso olvidar como papai gostava de chegar à casa de SeuZé, tio, e Pôla, prima, para lembrar tempos que não voltam mais e pôr a política e os demais temas em dia.

Era impressionante como as famílias eram unidas! O relacionamento era constante. As visitas eram obrigatórias. Primos eram verdadeiros irmãos e tios substituíam os pais, quando estes estavam ausentes. No primeiro encontro das famílias Mariz e Faria, ocorrido no dia 18 de março do ano 2000, no qual estive presente, o acadêmico Oswaldo Lamartine de Faria, de saudosíssima memória, descreveu, com a sua costumeira maestria, os integrantes dessas linhagens:

Chamaram a gente aqui primeiro para conhecer uns aos outros e, depois, falar uns dos outros.

E, logo de saída, é bom que se diga: ninguém se atreve a apartar um Mariz de um Faria – farinhas que são do mesmo saco. ‘Bote no chão que eu amarro. Derrube que eu faço esteira’. Apenas o Mariz costuma ser branquelo, marinho, no dizer sertanejo.

Antes do rádio e da TV, no tempo que ainda se conversava, uns poucos, mais lidos, falavam de amarelados papéis, onde um tal João de Faria fez rastro; isso há coisa de 800 anos, ainda no reinado de Dom Afonso Henriques.

Já nos papéis do casório da bela Ignez com Dom Pedro, o Cru, assina um Garcia Martins de Faria. Porém, a figura maior, a que faz a gente estufar o peito, é a do alcaide Nuno Gonçalves de Faria que, em 1373, se deixou matar para não entregar a chave do seu castelo aos espanhóis. Da banda de cá do mar, em dias anteontem, temos os Comandantes Superiores da Guarda Nacional, Antônio Alvarez Mariz e Manoel Monteiro Mariz. E mais perto no tem-

po, Juvenal Lamartine, Dinarte Mariz e, viva e militando, a nossa Prefeita Wilma. Todos morubixabas da taba dos Cabeludos. Tribo dos Faria, que fez de Serra Negra a cidade orgulho de todos nós.

Os Mariz-Faria têm biótipo marcante. Somos a mais das vezes lazarinos, isto é, mais para Quixote que para Sancho. Cabelos ralos e lisos. Pele, feia. Fala nasalada – uns até gagos e outros, como eu, tardos e gagos mentais. E qualquer cristão com esses traços é desgraçadamente feio! O que nos salva é a generosidade das mulheres, quando atestam: mas eles têm um certo visgo (ainda bem!)

Boas e soberbas mulheres! Determinadas, leais e femininas. E tamanha é a grandeza delas que houve uma, estoica e heroica, que se arranchou numa serra em busca da saúde do seu homem (mas já não se faz mais mulheres como aquela...)

Quanto ao espírito, somos mansos, desassombrados, de pouca fala, extremamente tímidos, distraídos e lesos.

Sobrevivemos a essa carga de mazelas graças a certa curiosidade intelectual que tem nos colocado no terço superior dos concursos e também na vida profissional.

Conservamos, ainda, entranhado em cada um de nós, o sagrado sentido de família e o apego ao chão da terra, herança do avô dalém-mar, Nuno Gonçalves de Faria.

Bem, não esqueci, mas isso é confissão para se dizer em cochicho: a nossa perdição maior é baralho e rabo de saia... E que Deus se apiede de nós!

Para não haver dúvidas, é bom dizer, de logo, que troquei as cartas pelos processos e livros, enquanto os rabos de saia se restringem às saias da minha esposa.

De Serra Negra do Norte, gostaria de relembrar o ilustre acadêmico Pery Lamartine de Faria: “dos currais às letras, aqui se pratica”.

2º Ato: de onde sou?

Nasci no Recife, capital pernambucana, aos oito dias do mês de julho de 1969, na Maternidade do Hospital Português. Àquela época, meu pai era Procurador de Justiça e mamãe cuidava dos afazeres de casa e dos filhos, sendo certo que o meu avô materno também residia na Veneza Brasileira, pois havia deixado Caicó no início da década de cinquenta para fincar raízes em terras onde os filhos pudessem realizar cursos superiores, como os de Medicina e Odontologia, então ainda inexistentes no Rio Grande do Norte.

Passsei os meus primeiros anos de vida na Rua Paulino Gomes de Souza, 156, nos Aflitos, em frente a uma praça, hoje denominada Marcelino Champagnat, pois fica exatamente atrás do Colégio São Luís, Marista, onde estudei durante os dois primeiros anos do ensino fundamental, tendo sido alfabetizado anteriormente pelas mãos da Professora Pérola Campos.

Não poderia existir lugar melhor para uma infância: a rua tinha um formato de lua crescente, com apenas cinco casas e a praça no “meio”. A liberdade era total, fosse para subir nos pés de frutas do espaçoso terreno da nossa residência, fosse para jogar futebol, brincar de pega-pega, esconde-esconde, entre outras diversões ao lado do meu irmão André e de primos e amigos que moravam na vizinhança. Ali, fraturei a clavícula em corrida de bicicleta, fui atropelado ao atravessar a movimentada Av. Santos Dumont, fui mordido por um cachorro, quase caí em um poço de trinta metros que estava sendo construído na praça... Sobrevivi! Eram travessuras próprias de criança... Quando passam, ficam as histórias para contar.

Lembro os meus primeiros contatos com os livros, jurídicos e

da literatura em geral. Na parte de trás da casa, havia um primeiro andar destinado exclusivamente ao escritório de papai, de onde escutávamos as batidas das teclas da sua Olivetti verde, na elaboração dos pareceres. Não existiam computador nem assessor naqueles tempos...

Em 1977, papai, ainda jovem, mas já tendo tempo de serviço suficiente, resolve se aposentar e voltar para o seu estado de origem. Mamãe tinha um certo receio quanto ao retorno, pois perdera o pai havia não muito tempo e se acostumara à vida em Recife durante vinte e seis anos, onde fizera uma constelação de amigos e morava vizinho ao querido irmão mais velho, Edmundo Gurgel.

Vencidas as resistências, rumamos para Natal. Fomos morar na Rua Projetada, depois Morton Faria, em homenagem ao meu tio, n. 1.440, Lagoa Nova, bairro que estava em expansão. O menino que aqui aportou aos oito anos de idade logo se ambientou na nova escola – Colégio Marista –, ali estudou durante dez anos, concluiu os ensinos fundamental e médio e fez amigos que ainda hoje guarda no lado esquerdo do peito.

O término da infância e a adolescência foram vividos em Natal desfrutando de forma mais próxima da companhia dos familiares, sendo constantes as visitas à casa da avó materna Paulina. Guardo especiais lembranças das festas da noite de Natal na casa de Tio Gastão Mariz e dos *réveillons* em nossa residência, dos finais de semana na Granja Santana, em Parnamirim, dos longos veraneios em Ponta Negra e Pirangi, quando recebíamos os tios Humberto e Abigail Gurgel, Garibaldi Gurgel e Auxiliadora, Hiran e Maricota Gurgel, Sali Faria e os primos Murilo Faria, Araken Mariz, Lúgia e Ruth Lamartine, Wilma de Faria, Lavoisier Maia, Antônio Luiz de Medeiros e Fátima Faria, Ieda Gurgel e Rossine Azevedo, Beto Gurgel, entre tantos outros parentes e amigos queridos.

Chegando próximo ao vestibular, uma dúvida se instalou em minha mente: Economia ou Direito? Tinha uma atração especial pelos temas voltados para a área econômica, mas, com a decisiva participação de minha mãe, optei pelas Ciências Jurídicas, ingres-

sando na minha querida Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Não me arrependi!

Adentrei o território do saber da UFRN em 1987, ali tendo professores da estirpe de Carlos Gomes e José Delgado – que hoje muito me honram integrando a Comissão de Recepção a esta Casa –, como também de Jales Costa, Geraldo Fernandes, Aluísio Rodrigues, Ivan Maciel e do nosso Presidente Diogenes da Cunha Lima. Não tive o prazer de ser aluno de outro reconhecido lente – acadêmico Eider Furtado –, pois, na época de cursar a sua disciplina, estava passando uma temporada no Recife, estudando na vetusta Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco e trabalhando no Tribunal Regional Federal da 5ª Região.

Na minha *Alma Mater*, sedimentei amizades que vinham do Colégio Marista, conquistei o amor da minha vida, por quem uma paixão arrebatadora se iniciara ainda nos tempos de escola, e fiz novos amigos, que igualmente carrego até hoje no lado esquerdo do peito. Entre muitos, Emile Safieh e José de Lima Ramos Pereira. Ao término do curso, fui brindado pela minha turma – de 1991.1, integrada, entre tantos, pelo ilustre acadêmico Lívio Oliveira, com a eleição para ser o orador do grupo.

Com o “canudo” na mão, o novo bacharel já tinha a meta profissional fixada: ser juiz federal, pois aprendera a admirar a magistratura, especialmente naquela esfera, nos tempos em que servira na Justiça Federal, inicialmente como estagiário e depois como servidor, guiado pelas mãos acolhedoras do Juiz Araken Mariz. Só não imaginava que o desafio seria inaugurado tão cedo: a colação de grau ocorrera em outubro de 1991 e o concurso foi aberto em dezembro do mesmo ano.

Realizadas as três primeiras provas, incluída a de sentença, estava, em abril de 1992, aos 22 anos, no universo de menos de 20 aprovados para as etapas seguintes, juntamente com juristas já experientes, como José Daniel Diniz, Ivan Lira de Carvalho e Janilson

Bezerra de Siqueira. Foi quando começaram as informações de que a minha inscrição definitiva para o certame não seria aceita, pois não teria a idade mínima – 25 anos – nem o tempo de prática então exigido – dois anos. Não desanimei!

Tinha as palavras de Juvenal Lamartine de Faria, quando Governador do Estado, que também enobreceu esta Academia, como estímulo⁴:

Eu não temo a mocidade. Ao contrário, nela me revejo e me orgulho como os pais nos filhos, porque será ela que continuará o meu trabalho e as minhas ideias. Da mocidade me aproximo e a encorajo e a estímulo. Nela confio porque as minhas ideias são voltadas à grandeza da terra comum.

Passei, então, a prestar, paralelamente, novos testes, agora para juiz do trabalho, e, aprovado nas fases iniciais, tive igualmente dificuldades para implementar a minha inscrição definitiva, por questão de idade, o que foi superado por meio de decisão judicial. Concluído, então, o certame, em 28 de maio de 1993, realizo, ainda aos vinte e três anos de idade, o desejo de ser juiz.

O fato de já ser magistrado foi imprescindível para que eu pudesse galgar as fases finais do outro concurso e, em primeiro de dezembro de 1993, concretizar o meu verdadeiro sonho: tornar-me juiz federal. Na Justiça Federal, entre colegas e servidores, guardo mais uma porção de gente no lado esquerdo do peito. Em 1997, nova peleja superada: concurso para professor de Direito Tributário da UFRN, iniciando outra das minhas grandes paixões: a docência.

Em 2000, com a ampliação do Tribunal Regional Federal da 5ª Região, com apenas trinta anos de idade, disputei uma das vagas por merecimento e fui alçado àquela Corte, ali me dedicando à minha grande vocação de julgador e exercendo todos os cargos possíveis du-

⁴ Em resposta ao discurso do Sr. Joaquim Ignácio, de acordo com artigo do notável acadêmico Luís da Câmara Cascudo, publicado em *A República*, 07 de junho de 1928, disponível em: http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC000000000113081.PDF Acesso em: 04/08/2018.

rante maravilhosos quatorze anos: Diretor da Escola da Magistratura, Corregedor e Presidente, mais uma vez conquistando uma legião de amigos, alguns aqui presentes, como Manoel Erhardt, Margarida Cantarelli, Marcelo Navarro, Francisco Barros Dias e Edilson Nobre.

Mamãe me dizia que Recife tinha uma forte atração por mim, pois, embora eu adorasse morar em Natal sempre havia um chamado para ali retornar. Pois bem: dividido entre as duas cidades, ocorre uma novidade em 2014: uma vaga para o Superior Tribunal de Justiça, em Brasília. Era uma oportunidade de o Rio Grande do Norte, que já tivera dois grandes magistrados naquela egrégia Corte, Ministros José Dantas e José Delgado, voltar a ter o seu representante.

Vencida a batalha, tomei posse em nove de setembro daquele ano, inicialmente atuando na 3ª Seção, que analisa os processos criminais e, depois, na 1ª Seção, dedicada aos feitos da minha predileção: Direito Público. Já são quase quatro anos na capital federal, que, com as suas asas arborizadas, capazes de proporcionar longas caminhadas ao abrigo de uma sombra acolhedora, com uma excelente infraestrutura de comércio próxima aos apartamentos residenciais, além dos Lagos Norte e Sul (bairros), com casas agradáveis e terrenos com espaçosa área verde, conquistou o meu coração.

No ano passado, surge um fato totalmente inusitado: um grupo de amigos, capitaneado pelo nosso Presidente Diogenes, lança a minha candidatura a uma cadeira para a Academia Norte-rio-grandense de Letras. Ponderei que os meus escritos não eram romances, poesias ou obras de maior envergadura, pois se resumiam à literatura jurídica. Não se contentaram com a minha hesitação inicial e, do alto de sua magnanimidade, os acadêmicos desta Casa, a quem quero agradecer penhoradamente pela acolhida ao meu nome, elegeram-me.

Assim, na data de hoje, neste dia festivo, após ser brilhantemente saudado pelo meu amigo-irmão Marcelo Navarro Ribeiro Dantas, a quem lanço o meu “muito obrigado” com uma conhecida frase de Câmara Cascudo, quando queria fugir ao elogio de corpo presente (“é

mentira, mas é gostoso⁵”), chego para ocupar a cadeira de n. 7.

O patrono desta cadeira, Manoel Ferreira Nobre Júnior, nasceu em 21/03/1824, em Natal/RN, vindo a falecer em 15/08/1897, em Papari/RN, atual Nísia Floresta, aos 73 anos de idade. Foi o primeiro historiador do nosso Estado, com a obra “Breve notícia sobre a Província do Rio Grande do Norte”, de 1877. Deputado da Assembleia Legislativa de 1860 a 1861, ocupou diversos cargos na administração pública, aposentando-se como bibliotecário, passando, em seguida, a se dedicar à advocacia, como provisionado, no interior, nas cidades em que não existiam causídicos profissionais.

O fundador da cadeira, Antônio Soares de Araújo, nasceu em 21/07/1879, em Assu/RN, vindo a falecer em 24/06/1973, em Natal/RN, aos 93 anos de idade. Estudando a sua biografia, pude encontrar algumas semelhanças: magistrado de carreira, canceriano e com laços familiares em Serra Negra do Norte, pois a sua avó materna era filha do capitão Manoel Pereira Monteiro, proprietário da Fazenda Dinamarca, naquele município⁶. Além de magistrado, tendo exercido o honroso cargo de Desembargador do Tribunal de Justiça, foi jornalista, poeta e historiador. Sua obra mais proeminente, “Lira de Poti”, contém o Soneto “Noivos”, consagrado nacionalmente. No prefácio, Edgar Barbosa assim se referiu ao autor: “[...] formou sua inspiração nos férteis vales do Açu, junto a poetas familiares, que já nasciam cantando.”

O primeiro sucessor, Mariano Coelho, nasceu em 09/05/1899, também em Assu/RN, vindo a falecer em 09/10/1985, em Natal/RN, aos 86 anos de idade. Médico de formação, alcançou grande prestígio no Seridó, pois clinicou durante 36 anos em Currais Novos, onde foi prefeito. Professor Catedrático de Clínica Médica, foi um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Natal. Outro grande poeta de sua cidade de origem, teve em “Fumaça” um de seus maiores

5 LIMA, Diogenes da Cunha. *Câmara Cascudo Um Brasileiro Feliz*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Lidor. 1998, p. 144.

6 Informação obtida com a especial colaboração dos historiadores Antônio Luiz de Medeiros e Gregório Macêdo.

livros. Segundo o acadêmico Otto de Brito Guerra, Mariano aplicou muito bem o conselho contido em uma de suas trovas:

Fazer o bem pelo bem
Possui um sentido
Não se arrependa ninguém
Do bem que se fez, se esquecido.

O meu antecessor imediato era um embaixador. Nestor Luiz Fernandes Barros dos Santos Lima nasceu em 15/10/1921, em Natal/RN, vindo a falecer em 21/06/2017, no Rio de Janeiro/RJ, aos 95 anos de idade. Casado com a médica Aracy Caminha dos Santos Lima, teve uma filha, a professora Clélia Caminha dos Santos Lima. O diplomata atuou na então Iugoslávia, tendo entre os seus grandes colegas e amigos de trabalho o poeta e acadêmico Ribeiro Couto, autor de “Cabocla”, tendo laborado também no México, na Guatemala, no Egito, na Dinamarca, no Japão, na Venezuela, no Suriname e na República Dominicana, conhecendo o mundo e servindo à nossa nação. Ao se aposentar, embalou os seus sonhos de regresso para Natal nos versos de Camões:

Essa é a ditosa pátria minha amada,
A qual se o céu me dá que eu sem perigo
Volte com esta empresa terminada,
Acaba-se esta luz ali comigo.

Autor de inúmeras obras, tem em “A Terceira América” a mais importante, consubstanciada em um ensaio sobre a individualidade continental do Brasil, com as peculiaridades de sua formação, como o modelo de ocupação e colonização, o processo de independência, a língua, a educação, a religião, o vestuário e os hábitos alimentares,

entre tantas outras características. O historiador era também um defensor do meio ambiente. O acadêmico Jurandyr Navarro narra que era comum encontrá-lo na Praia do Meio apanhando gravetos na calçada, no intuito de limpar a orla marítima.

Imortalidade, na definição de Antônio Houaiss, é a “qualidade ou condição de imortal, do que não perece; eternidade”. Todos sabemos que iremos um dia para outra dimensão. O que as academias de letras, entre outras nobres funções, buscam preservar é a imortalidade das pessoas em nossas memórias e em nossos corações, o que procurei fazer nesta oração, não só quanto ao patrono e ocupantes da cadeira de nº 7, mas também quanto a personalidades que fazem parte da minha história, incluídas aquelas que, felizmente, continuam neste universo.

3º Ato: para onde vou?

É interessante como as pessoas em Brasília, certamente por eu ali não ter raízes, perguntam-me se lá pretendo manter a moradia quando da inatividade, se vou continuar trabalhando na capital federal, se irei advogar e se retornarei para as minhas origens.

Quando estou diante de tal indagação, lembro da crônica de Luís da Câmara Cascudo, publicada em “A República”, em 25 de setembro de 1943 – “O Tonel das Danaides⁷”:

As Danaides eram cinquenta filhas de Danao, rei de Argos. Seu irmão, Egito, tinha cinquenta filhos. Mandou a filharada masculina casar com as primas. Danao não queria o casamento. Combinou com as filhas um plano.

Os cinquenta recém-casados tiveram a mais estranha noite de núpcias de que há notícias no mundo.

Foram todos assassinados pelas esposas. Só escapou um, Linceu, poupado por sua mulher, Hipernestra.

7 COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao Universo de Câmara Cascudo*. Natal: Fundação José Augusto. 1969, p. 24/25.

Júpiter condenou as Danaides às penas do Tártaro, que era o Inferno daquele tempo.

As Danaides enchiam um tonel sem fundo. Séculos e séculos, sem pausa, sem descanso, sem interrupção, as moças carregavam água, despejando-a no barril furado.

Teodoro de Banville contou o fim dessas Danaides, na “Lanterna Mágica”.

Os Titãs venceram os Deuses. O Tártaro ficou sem chefe, despojado de sofrendores, todos perdoados.

Astério anuncia a terminação da sentença:

– Acabou vosso suplício. Largai essa penitência. O tonel está cheio.

As Danaides pararam pela primeira vez, há milênios. Enxugaram a fronte, descendo as bilhas infatigáveis. E dizem confusas e desapontadas:

– Está cheio o tonel? Pois bem! Que havemos de fazer?

Já estavam habituadas com o trabalho contínuo, mesmo inútil.

Não perguntem, pois, amigos, por que escrevo sempre, com ou sem leitores, com ou sem compreensão, estímulo ou tolerância.

Deixem-me com o meu barril sem fundo. A tarefa finda significaria o repouso incômodo, a displicência, a preguiça mortal...

Assim como Câmara Cascudo, quero continuar escrevendo, por óbvio dentro de um universo muito mais restrito do que o pertencente ao nosso insuperável Mestre: em meus processos e estudos. Quero, sim, continuar a encher o meu tonel, ainda que sem fundo, na infinidade de casos que preciso apreciar e julgar, pois faço isso com muito amor e dedicação à atividade jurisdicional.

Um dia, quando a aposentadoria for necessária e o barril estiver cheio, não posso negar que a minha primeira ideia é retornar à Cidade do Sol. Porém, isso dependerá de onde Luana e Isabela tiverem fincado as suas âncoras e estabelecido as suas respectivas

famílias. Pretendo manter a união e a proximidade que eu e Adriana aprendemos a cultivar com as nossas filhas.

Dessa forma, ainda não tenho um epílogo para este 3º ato. Doravante, porém, quando me perguntarem de onde sou, não vou mais contar uma história comprida, relatando que sou potiguar pelo *jus sanguinis* e pernambucano pelo *jus solis*. Simplesmente resumirei: sou da Casa de Câmara Cascudo!

Que Deus nos abençoe!

Muito obrigado!

Luiz Alberto Gurgel de Faria

Natal/RN, 10 de agosto de 2018.

O ARTISTA DA CAPA

Leopoldo Nelson (1940- 1994) é um nome de relevo nas artes plásticas do RN. Pintor, desenhista e gravador, sua obra foi estudada por críticos de arte como Roberto Pontual, Iaperi Araújo e Dorian Gray Caldas. Este último, em seu livro “ Presença das Artes Plásticas” (1995) afirma:

“Emerge dos seus quadros uma forte atmosfera conflitante. Transmite emoções e poesia numa intensidade toda pessoal. Denuncia violentações e injustiças sociais em sua pintura carregada de intensa dramaticidade”

Ressaltando o seu viés expressionista, afirma que faz lembrar , às vezes, a atmosfera dos quadros de Munch e Nolde “ estereotipados pelo grito de revolta”



ANRL em Setembro de 2018

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Herme-negildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima, Luiz Alberto G. de Faria
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcanti	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra, Clauder Arcanjo.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn. Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário de Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.(eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	Geraldo Queiroz (eleito)

Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro
e impresso em cartão
Duo Design 250g./m². (capa)
e Pólen Bold 90g./m². (miolo)
pela Offset Gráfica, Natal/RN,
em outubro de 2018

www.offsetgrafica.com.br